

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO
HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE
PGAU CIDADE**

ANALU CADORE

**A PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA DE ERNESTO
GUAITA EM CURITIBA**

**Florianópolis SC
2010**

ANALU CADORE

**A PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA DE ERNESTO
GUAITA EM CURITIBA**

Dissertação apresentada
como requisito a obtenção do grau de
Mestre ao Programa de Pós-
Graduação em Urbanismo, História e
Arquitetura da Cidade da
Universidade Federal de Santa
Catarina.

**Orientador: Prof. Dr. Gilberto
Sarkis Yunes**

Florianópolis, SC
2010

Dedico este trabalho à minha
família e amigos, pelo amor e suporte
constante.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Marli, por sempre me apoiar em todas as decisões da vida e por ter me dado todo o suporte para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Ao meu irmão Daniel, pelo carinho e auxílio.

Ao meu marido Ricardo, pelo companheirismo, paciência e por sempre me ajudar nos momentos de dificuldade com muito carinho e amor.

À minha amiga Mariete, por sempre estar ao meu lado e sempre dividir comigo desde as discussões acadêmicas até desabafos pessoais, por dividir sua casa comigo nos dias de aulas em Florianópolis e por ser sempre amiga e carinhosa.

À minha chefe e amiga, Giceli Portela, por embarcar comigo no trabalho e me auxiliar desde à leitura paciente até o incentivo constante de procurar sempre melhorar.

Aos colegas de mestrado, especialmente Giovana Zimerman, Alessandra Devitte e Marco Antônio Nogara, sempre companheiros e solícitos, dividindo as aflições e progressos.

Ao Professor Gilberto, que me orientou neste trabalho, por compreender meus devaneios e me direcionar sempre ao crescimento.

À Professora Maria da Graça Santos, pelo auxílio no momento da escolha do tema e direcionamento inicial.

À todos os professores e funcionários do PGAU-Cidade.

Aos membros da banca.

“A boa arquitetura de um determinado período vai sempre bem com a arquitetura de qualquer período anterior – o que não combina com coisa nenhuma é a falta de arquitetura.”

Lucio Costa

RESUMO

O final do Século XIX foi um período marcado por intensas transformações no Brasil e no exterior, onde o desenvolvimento econômico e social acarretava mudanças no modo de vida e costumes da sociedade de então. Isto, aliado às grandes levas de imigrantes e de seus “saberes”, de novas tecnologias e materiais, levaram à transformação das paisagens urbanas, onde as feições coloniais eram gradativamente abandonadas e as cidades caminhavam rumo ao “desenvolvimento”. Curitiba, então capital da Província do Paraná absorveu estas transformações quando da sua emancipação das províncias de São Paulo e passou a caminhar a passos largos para se transformar em uma metrópole. Neste contexto, o engenheiro italiano Ernesto Guaita chega a Curitiba integrando a equipe de técnicos da ferrovia Curitiba-Paranaguá e se instala na cidade, configurando um dos principais profissionais responsáveis pela nova feição urbana, onde as linhas da arquitetura eclética tão bem representaram a conciliação da necessidade de comunicar e construir. Assim sendo, este trabalho se propõe a lançar um olhar sobre o contexto histórico do final do século XIX, especificamente na cidade de Curitiba, através da leitura da arquitetura produzida por Ernesto Guaita e sua contribuição para a transformação da cidade.

Palavras-chave: Ecletismo – Curitiba – Ernesto Guaita

ABSTRACT

The last years of the XIX century was marked for big changes in Brazil and the exterior, were the economic and social development brought changes in the society's lifestyle. This fact, allied to the big immigrant's arrivals and their knowledge about new technologies and materials, bring this to the gradual transformation of the urban landscape, where the colonial traces was left behind and the cities slowly walked to a growth path. Curitiba, capital of the Paraná's province, has absorbed these transformations when it's emancipation of the São Paulo's provinces and walked to become a modern metropolis. On this context, the italian engineer Ernesto Guaita arrives at Curitiba with the technical team for the Curitiba-Paranaguá railroad and stays at the city, where he became one of the spot professional who was responsible for the new urbanistic face, where the eclectic's architectures lines represents so lightly the conciliation of the necessity of communicate and build. There so, this paper work's proposal is to make a glance over the historical context of the end of the XIX century, specifically at the city of Curitiba, and trough the reading of the architecture produced by Ernesto Guaita and his contribution for the city's transformations.

Keywords: Eclecticism – Curitiba – Ernesto Guaita

LISTA DE FIGURAS

Número	Página
Figura 1- J.N.L. Durand – “caminho a seguir na composição de um edifício qualquer”.....	34
Figura 2 - Esquema de composições de fachadas ecléticas.....	34
Figura 3 - Exemplo de ornamento de fachada.....	35
Figura 4- Imagem da Av. Rio Branco no centro do Rio de Janeiro, (foto da década de 1900).....	36
Figura 5 - Grand Palais (Paris, 1900).....	37
Figura 6 - Petit Palais -Paris, 1900 - (foto sem data).....	38
Figura 7 - Parlamento britânico – Londres, 1852 (foto sem data).....	38
Figura 8 - Fachada da antiga Academia Imperial de Belas Artes, Rio de Janeiro 1826 – Projeto de Grandjean de Montigny (foto de 1891)	40
Figura 9 - Esquema temporal dos estilos arquitetônicos no Brasil.....	41
Figura 10 - Portão principal da entrada do Palácio do Catete – Rio de Janeiro (2010).....	43
Figura 11 - Museu da República – Palácio do Catete (1866) – foto de 2008.....	44
Figura 12 - Estação da Luz – São Paulo, 1867 (foto sem data).....	44
Figura 13 - Palácio Rio Branco – Salvador BA. – 1900 (foto de 2008).....	45
Figura 14 - Teatro Amazonas – Manaus (1896) – (foto sem data).....	45
Figura 15 - Palácio Piratini – Porto Alegre – 1909 – (foto de 2007).....	46
Figura 16 - Aquarela de Jean-Baptiste Debret retratando a Curitiba de 1827.....	49
Figura 17 - Foto mostrando Curitiba em 1855	50
Figura 18 - Planta de Curitiba de 1857.....	51
Figura 19 - Curitiba em 1875 – mapa esquemático.....	52
Figura 20 - Mapas demonstrando a evolução de Curitiba, com o plano de Ferucci e Guaita.....	56
Figura 21 - Foto de Curitiba em 1875. Ao fundo, a Igreja Matriz	57
Figura 22 - Vista das imediações da Estação Ferroviária em 1890. À esquerda, a área da futura Praça Eufrásio Correia; ao centro a Rua da Liberdade (atual Barão do Rio Branco), à direita, a garagem da companhia de bondes de mula (CFC) na esquina com a atual Visconde de Guarapuava.....	58
Figura 23 - Mapa de Curitiba em 1894 com as marcações dos principais edifícios e ruas.....	59
Figura 24 - Foto de Curitiba em 1894, com o Passeio Público à direita.....	60
Figura 25- Mapa de Curitiba em 1900	61
Figura 26- Cartão postal da Rua José Bonifácio em 1904	62

Figura 27- Foto mostrando a vista parcial de Curitiba em 1905. À esquerda vê-se a Rua do Rosário, a Praça Tiradentes e a Avenida São José, atual Rua Mal. Floriano Peixoto.	62
Figura 28-Postal mostrando a Rua XV de Novembro em 1905 nas proximidades da Rua Monsenhor Celso, o segundo edifício à esquerda é a Residência e Comércio Cunha	63
Figura 29 Cartão postal de 1906. Ao fundo, Rua do Rosário com a Igreja do mesmo nome.	63
Figura 30- Foto de 1912, da Rua Barão do Rio Branco	64
Figura 31- Foto com a vista parcial de Curitiba em 1912, onde aparece a região do passeio público e ao fundo a Catedral.	64
Figura 32 - Rua XV de Novembro por volta de 1913. O cartão postal mostra a quadra entre a Al. Dr. Muricy e a Av. Mal. Floriano Peixoto.	65
Figura 33 Foto da Praça Eufrásio Correia em 1915	65
Figura 34 - Mapa de Curitiba em 1915. A área demarcada com o número 1 representa a área de Curitiba em 1897	66
Figura 35 - Postal mostrando a Rua XV de Novembro em 1919, trecho entre a Rua Barão do Rio Branco e a Rua Monsenhor Celso.....	67
Figura 36 - Foto da Rua José Bonifácio em meados de 1920	67
Figura 37 - Plano de Alfred Agache para Curitiba em 1945. A área em destaque (1) se refere à região central e a área abordada neste trabalho.....	68
Figura 38-Mapa político atual de Curitiba, com a demarcação da área abordada neste trabalho, que corresponde aproximadamente à área de Curitiba do final do Século XIX	69
Figura 39- Mapa da divisão de ruas da região demarcada no mapa anterior.....	70
Figura 40 - Aquarela de Hugo Calgan retratando o aspecto do rocio de Curitiba com casas de colonos alemães em 1881	71
Figura 41 - Mercado Novo – foto de 1913.....	73
Figura 42 - Farmácia Stelfeld – foto de 1912	73
Figura 43 - Santa Casa de Misericórdia – foto de 1915	74
Figura 44 - Teatro São Teodoro – 1884.....	74
Figura 45 - Foto da Catedral de Curitiba - sem data	75
Figura 46 - Edifício Residência e Comércio Cunha (foto de 2009).....	76
Figura 47 - Casa dos Gerânios, no bairro de Santa Felicidade -1891 – (foto de 2003).....	77
Figura 48 - Pintura de Lange de Morretes mostrando a Praça Tiradentes em 1870 a partir de uma pintura da época.	78
Figura 49 - Mapa esquemático com a localização aproximada das obras do período eclético no trecho estudado.....	80
Figura 50 Catedral de Curitiba (2009)	81

Figura 51 Santa Casa de Misericórdia de Curitiba – 1870 (foto atual) .	82
Figura 52 - Palacete dos Leões – 1890 (foto de 2009)	82
Figura 53 - Antiga estação Ferroviária de Curitiba – foto atual.....	83
Figura 54 - Esquema com amostras de alguns lambrequins atuais de Curitiba (fotos sem data)	88
Figura 55 – Casa de madeira com frente de alvenaria localizada no bairro Guabirota – (2010).....	89
Figura 56 - Ernesto Guaita (sem data).....	93
Figura 57 - Plano de expansão de 1885 de Ernesto Guaita	96
Figura 58 - Imagem destacando a data e assinatura de Guaita no plano de Expansão	97
Figura 59 - Simulação do Plano Guaita (<i>Nova Curitiba</i>)	99
Figura 60 - Mapa de localização dos edifícios estudados	102
Figura 61 Casario da Rua Barão do Rio Branco, em frente à antiga estação - 2010.....	104
Figura 62- Rua Barão do Rio Branco vista a partir da rua XV de novembro. Destaque para o prédio da antiga estação ao fundo – foto de 1905.....	105
Figura 63-Foto mostrando a Rua Barão do Rio Branco, então Rua da Liberdade, no início do século xx. À esquerda, o edifício da Residência Weiss e ao fundo a antiga Estação Ferroviária.....	106
Figura 64 - Foto da Rua Barão do Rio Branco 2010.....	106
Figura 65 – Foto da Rua XV de Novembro em 1896.....	107
Figura 66 - Rua XV de Novembro na década de 1900. Destaque para o edifício de Manoel Cunha	108
Figura 67 – Rua XV de Novembro – 2010	108
Figura 68 - Largo da Ordem em 1880.....	110
Figura 69 – Praça Garibaldi e entorno – 2010.....	111
Figura 70 - Gravura de 1890	112
Figura 71 - Foto de 1923	113
Figura 72 - Vista dos edifícios e da Rua Barão do Rio Branco em 1900	114
Figura 73 - Foto da década de 1920	114
Figura 74 - Foto após a ampliação de 1949.....	115
Figura 75 - Residência Weiss – foto de 2009.....	116
Figura 76 - Esquema da divisão de lotes e localização	117
Figura 77- Foto do entorno e gabarito da Rua Barão do Rio Branco em direção à Rua Pedro Ivo (2010).....	118
Figura 78 – Foto do entorno e gabarito da Rua Barão do Rio Branco em direção à Rua André de Barros (2010).....	118
Figura 79 Visualização da inserção do edifício no lote e relação com	

edificações vizinhas (2010).....	119
Figura 80 - Esquema da fachada original com as correspondências de leitura	120
Figura 81 - Foto de uma das gateiras	121
Figura 82 - Foto dos ornamentos segundo pavimento	121
Figura 83 - Foto do coroamento (2010).....	122
Figura 84- Foto da ornamentação sob o balcão (sem data).....	122
Figura 85 - Foto mostrando as compoteiras e demais ornamentos do balcão (2010)	123
Figura 86 - Foto de uma das compoteiras em ferro (sem data).....	123
Figura 87 - Planta pavimento térreo.....	124
Figura 88 - Foto do patamar de entrada	125
Figura 89 - Planta baixa pavimento superior	126
Figura 90 - Foto de 1892.....	128
Figura 91 - Imagem de 1904	129
Figura 92 - Foto de 1915.....	129
Figura 93 - Foto de 1948.....	130
Figura 94 – Foto de 2010	130
Figura 95 - Palácio Rio Branco – foto de 2009.....	131
Figura 96 - Esquema divisão de lotes e localização.....	132
Figura 97 - Foto dos edifícios históricos (2010)	133
Figura 98 - Foto dos trilhos da antiga estação de bondes da Rua Barão do Rio Branco (2010).....	133
Figura 99 - Foto do entorno – Frente: vista lateral direita (estação) 201	134
Figura 100 - Foto do entorno – Frente: vista lateral esquerda (Rua Visconde de Guarapuava) 2010	134
Figura 101 - Foto entorno – gabarito: edifício anexo (2010).....	135
Figura 102 - Entorno: vista perspectiva Rua Visconde de Guarapuava (2010).....	136
Figura 103 - Entorno: vista perspectiva Rua Barão do Rio Branco (2010)	136
Figura 104 - Esquema de inserção no lote (2010).....	137
Figura 105 - Fachada com correspondências de leitura	138
Figura 106 - Foto da escadaria, elevação e átrio (2010)	139
Figura 107 - Laterais (2010)	140
Figura 108 - Planta baixa porão	141
Figura 109 - Planta baixa pavimento térreo	142
Figura 110 - Planta pavimento superior (mezanino).....	143
Figura 111 - Fotografia de 1900	145
Figura 112 - Fotografia de 1905	145

Figura 113 - Foto de 1920.....	146
Figura 114 - Imagem de 1920 – vista dos fundos do Palácio Garibaldi	147
Figura 115 - Imagem de 1920	147
Figura 116 – Sociedade Garibaldi – sem data	148
Figura 117 - Imagem de 1942	148
Figura 118 - Palácio Garibaldi (foto de 2009).....	149
Figura 119 - Esquema de divisão de lotes e entorno	150
Figura 120 - Foto do entorno – frente: lateral esquerda (2010).....	151
Figura 121 – Foto do entorno – Frente: Praça Garibaldi e casario (2010)	151
Figura 122 - Foto do entorno e gabarito: vista a partir da Praça Garibaldi (2010).....	152
Figura 123 Foto do entorno e gabarito: vista da Praça Garibaldi (2010)	153
Figura 124 - Foto do entorno e gabarito: vista a partir dos fundos (2010)	153
Figura 125 - Entorno e gabarito: Fundos – Ruínas e Belvedere (2010)	154
Figura 126 - Foto do entorno e gabarito: Vista a partir dos fundos (lateral direita) 2010.....	154
Figura 127 - Esquema de inserção no lote e entorno.....	155
Figura 128 - Fachada com correspondências de leitura	156
Figura 129 - Foto do destaque central e escadaria (2010).....	157
Figura 130 - Coroamento - foto de 2010.....	158
Figura 131 – Destaque central – 2010.....	158
Figura 132 - Planta baixa pavimento térreo	159
Figura 133 - Planta pavimento superior	161
Figura 134 - Foto de 1942 – Salão do segundo pavimento	162
Figura 135 - Foto de 1942 – escadaria no segundo pavimento	162
Figura 136 – Foto de 1905	164
Figura 137- Foto de 1906.....	165
Figura 138 – Foto do início do século XX	166
Figura 139 – Imagem da década de 1920.....	166
Figura 140 - Residência e comércio Cunha (foto de 2009).....	167
Figura 141 - Esquema de divisão de lotes e localização	168
Figura 142 - Entorno – vista da Catedral de Curitiba a partir do Edifício (2010).....	169
Figura 143 - Foto do entorno – Rua XV de Novembro (2010)	170
Figura 144 - Foto Rua XV de Novembro – lateral direita - 2010	171
Figura 145 - Foto do entorno – Rua Monsenhor Celso – vista em direção	

à Catedral – 2010	172
Figura 146 - Foto da Rua XV de Novembro – lateral esquerda – 2010	172
Figura 147 - Foto do entorno – vista Rua Monsenhor Celso – direção Rua Mal. Deodoro – 2010.....	173
Figura 148 - Detalhe da junção do edifício antigo e da ampliação (2010)	173
Figura 149 - Foto mostrando a ampliação (2006).....	174
Figura 150 - Esquema de implantação no lote	175
Figura 151 - Fachada da Rua XV de Novembro com correspondências de leitura	176
Figura 152 Fachada Rua Monsenhor Celso com as correspondências para leitura	177
Figura 153 - Foto da Fachada e revestimentos (2006).....	178
Figura 154 - Foto mostrando o coroamento, revestimento em azulejo e aberturas (2008)	179
Figura 155 - Balcões em ferro (2006).....	179
Figura 156 - Grades das aberturas do térreo, ainda com as siglas BEP do Banco do Estado do Paraná (Antigo Banestado) (2006).....	180

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	23
CAPÍTULO 1. Conceitos e teorias.....	29
CAPÍTULO 2. Curitiba e o final do Século XIX.....	47
CAPÍTULO 3. Ernesto Guaita: história e projetos.....	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
BIBLIOGRAFIA.....	189

INTRODUÇÃO

Contexto do estudo

A razão da escolha do final do Século XIX como recorte temporal deste trabalho reside no fato de este período representar o momento dos primeiros passos de Curitiba rumo à modernidade e ao desenvolvimento urbano.

As transformações se iniciaram no momento em que Curitiba deixou de integrar o conjunto das províncias de São Paulo e passou a ser a capital da província do Paraná¹. Esta autonomia permitiu uma grande expansão nas atividades comerciais, o que impulsionou rapidamente o crescimento econômico da capital de província.

Assim sendo, modificações na paisagem urbana se faziam necessárias para que Curitiba pudesse demonstrar em suas ruas a pujança de uma próspera capital.

Uma conjunção de fatores contribuiu para que fossem levada a cabo tais transformações na cidade. A demanda de construções que atendessem à nova população que aqui chegava atraídas pela prosperidade econômica, associada às levas de imigrantes vindos de diversos países europeus, acabou culminando numa arquitetura que rapidamente abandonou as feições coloniais e gradativamente foi tomando ares cosmopolitas.

O ecletismo foi o estilo adotado na busca de conciliar estes fatores, onde o desejo de modernização da arquitetura foi viabilizado pelo saber fazer do imigrante e o seu domínio das novas tecnologias e materiais construtivos, além da bagagem cultural.

É neste contexto que aparece o engenheiro italiano Ernesto Guaita, que chegou a Curitiba² integrando a equipe de engenheiros que vieram trabalhar na construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá. Após o término das obras, Guaita continuou residindo na cidade e pouco a pouco foi firmando-se como um dos principais profissionais da época.

A escolha de Ernesto Guaita e sua produção como objeto de estudo deste trabalho se justifica pela lacuna de informação que existe sobre este personagem e suas obras, além do hábito que existe na cidade de rotular as obras ecléticas de influência historicista do período por neologismos estilísticos. A importância da sua contribuição como profissional para a construção de um novo panorama urbano em Curitiba é muitas vezes deixada de lado por falta de informação e

¹ No ano de 1858.

² No ano de 1875.

estudos aprofundados no assunto.

Guaita foi o responsável pelos projetos dos edifícios de maior notoriedade na cidade no período, sendo eles destinados ao poder público ou às residências de nomes de destaque da sociedade curitibana do século XIX. Além disso, atuou também nas transformações urbanísticas, tendo realizado o projeto que previa a expansão da cidade³, considerado por muitos um projeto de traços bastante visionários para a época. Três anos depois realizou a primeira planta cadastral de Curitiba.

Isto posto, propusemo-nos neste trabalho realizar uma leitura de quatro dos principais projetos de arquitetura elaborados por Ernesto Guaita, abrangendo não só o projeto da arquitetura em si, mas também sua relação com o entorno e inserção no contexto urbano.

Através disto, objetiva-se a melhor compreensão da arquitetura do final do século XIX e também afirmar a importância de Ernesto Guaita como personagem de um movimento de transformação urbana e modernização da cidade de Curitiba

Delimitação da área de estudo

A atuação de Ernesto Guaita em Curitiba ocorreu num período de aproximadamente 39 anos (1875-1914), o que coincide com a fase do auge do desenvolvimento da cidade como capital de província.

Portanto, este trabalho abrange um espaço temporal que se inicia no período da emancipação política de Curitiba e segue até aproximadamente a segunda década do século XX. Apesar do estudo de caso deste trabalho ser o engenheiro Ernesto Guaita e sua produção, optou-se por iniciar o estudo alguns anos antes da sua chegada em Curitiba, visando assim a formação de uma base cronológica de eventos que contribuíram para a construção do panorama urbano que Guaita encontrou quando chegou à cidade.

Com isso, fica mais evidente verificar o papel de Guaita no processo de modernização e construção da cidade, onde as primeiras medidas adotadas no desenho do traçado urbano e nas linhas do ecletismo de suas obras influenciou o rumo seguido nos anos subsequentes.

O ecletismo que se manifestou na arquitetura edificada em Curitiba ocorreu quase que concomitantemente ao desenvolvimento desta corrente na Europa e no restante do Brasil. Mesmo que alguns teóricos da arquitetura conceituem toda a produção do século XIX como

³ Plano de expansão chamado “Nova Curitiba” (1885).

eclética, como o italiano Luciano Patetta⁴, neste trabalho consideramos como eclética a arquitetura que se produziu na metade final do século XIX e início do século XX, em concordância com as posturas de Carlos Lemos⁵, Giovanna Del Brenna⁶, Gustavo Rocha-Peixoto⁷ e Nestor Goulart Reis Filho⁸.

Quando observado o desenvolvimento do ecletismo em Curitiba é possível identificar dois momentos distintos: o primeiro de “consolidação” do estilo, que caracteriza o período onde surgiram na cidade os primeiros exemplares desta arquitetura⁹ e iniciaram o movimento de transformação da paisagem urbana. Esta fase seguiu até o final do século XIX.

A produção deste período se caracterizou pela forte influência da arquitetura de linguagem clássica, onde percebemos um maior formalismo na composição dos edifícios e na sua ornamentação, bem como os materiais utilizados. Elementos como frontões, colunas, capitéis de estilo clássico, arcos plenos e pórticos, além da formalidade simétrica, são encontrados frequentemente nestas composições.

O segundo momento, de “desenvolvimento”, corresponde aos primeiros anos do século XX, mais especificamente as primeiras duas décadas, onde o estilo atingiu seu maior desenvolvimento e se consolidou no cenário urbano não só como estilo arquitetônico, mas também como modo de vida.

As edificações características deste período apresentam uma miscelânea cultural maior do que no primeiro período, já que a liberdade compositiva do ecletismo aliava as influências de diferentes culturas numa só composição, juntamente com a utilização de diversos materiais e técnicas construtivas, ou seja: a arquitetura deste período se caracterizava pela maior variedade de estilos compondo uma só arquitetura.

⁴ PATETTA, Luciano. **Considerações sobre o Ecletismo na Europa**. In: FABRIS, Anateressa. **Ecletismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel/USP, 1897, pgs. 8 a 27.

⁵ LEMOS, Carlos. **O ecletismo em São Paulo**. In: FABRIS. Op. Cit, pgs. 68 a 103.

⁶ DEL BRENNNA, Giovanna. **Ecletismo no Rio de Janeiro**. In: FABRIS. Op. cit

⁷ ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. **Guia da Arquitetura eclética no Rio de Janeiro**. Casa da Palavra. Rio de Janeiro, 2000 pgs. 3 a 23.

⁸ FILHO, Nestor Goulart Reis. **Quadro da arquitetura no Brasil**. São Paulo, Perspectiva, 2006.

⁹ Para estabelecer um marco cronológico do surgimento do ecletismo em Curitiba, acatamos a posição do historiador Marcelo Sutil quando ele convencionou o aparecimento do estilo na data da construção da Farmácia Stelfeld, na Praça Tiradentes em 1863 como o marco inicial da entrada do ecletismo em Curitiba. Este ponto será melhor explicitado no capítulo 2 deste trabalho. SUTIL, Marcelo. **O Espelho e a Miragem, ecletismo, moradia modernidade na Curitiba do século 20**. Curitiba, Travessa dos Editores, 2009, pg. 36.

A análise do período histórico a que este trabalho se refere demandou a leitura de obras que teorizassem e contextualizassem o movimento no Brasil e no exterior.

Para a construção deste trabalho foram utilizadas obras impressas sobre a história da arquitetura, do Brasil e das artes, bem como livros de autores locais, que fundamentaram as análises, os contextos e os textos elaborados.

Também foram utilizadas diversas fontes iconográficas como fotografias antigas, mapas, projetos arquitetônicos e plantas urbanas obtidas através de visitas às diversas instituições públicas e seus respectivos *websites*.

Muito do material utilizado neste trabalho foi gentilmente cedido por empresas ligadas ao ramo de pesquisa de arquitetura e restauração dos monumentos arquitetônicos da cidade.

O método histórico comparativo foi o recurso utilizado para este trabalho, apontando o desenvolvimento urbano e das edificações da cidade no decorrer do tempo e relacionando com os outros expoentes do movimento eclético no Brasil e no exterior no mesmo período.

A metodologia de leitura dos edifícios foi adotada através de utilização de material iconográfico produzido com bases no material de pesquisa, buscando assim apontar os elementos que caracterizam as composições das construções do período, tanto em concepção projetual ou de implantação e relação com o meio urbano.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, intitulado “Conceitos e teorias”, discorremos sobre os conceitos de ecletismo, sua contextualização na arquitetura européia no período estudado e a transposição dessa estética no Brasil. Optamos por não aprofundar demasiadamente na contextualização do ecletismo na Europa por considerar que o assunto já foi exaustivamente trabalhado por diversos autores e por não ser a proposta principal deste trabalho.

No segundo capítulo, denominado “Curitiba e o final do Século XIX”, dissertamos sobre a história de Curitiba, tendo como foco o período da segunda metade do século XIX, quando Curitiba passa a ser Capital de Província do Paraná e onde ocorrem as primeiras modificações urbanas e a introdução do ecletismo. Enfocamos a transformação da cidade, a chegada dos imigrantes, a introdução de novos materiais e mão de obra e a urbanização da antes acanhada província de São Paulo, visando construir um panorama geral para melhor contextualizar o estudo realizado no capítulo seguinte.

No terceiro e último capítulo, intitulado “Ernesto Guaita: história e projetos” será apresentada um pouco da história de Guaita e seus

principais projetos, onde será realizado um exercício de leitura de quatro de seus principais projetos onde é possível verificar a introdução desta nova estética arquitetônica que acabou desenvolvendo-se nos anos seguintes.

Premissas e referenciais

O século XIX na Europa foi um período de grande efervescência cultural, onde os principais centros apostavam nas inovações dos materiais e técnicas construtivas difundidas pela Revolução Industrial (século XVIII) e as novas idéias do iluminismo. Os resgates das culturas antigas e sua aplicação na arquitetura eram cada vez mais evidentes, fazendo com que os estilos considerados *revivalistas* como o neoclássico, neobarroco, neogótico ganhassem cada vez mais espaço.

O crescimento das áreas urbanas e o aumento do número de pessoas de diferentes culturas contribuíram para que se construísse esta miscelânea cultural. O ecletismo surge como um estilo conciliatório que busca atender uma nova demanda de comunicação e identidade, onde a diversidade cultural aliada ao crescimento econômico e tecnológico permite se desvincular do formalismo arquitetônico dos estilos anteriores e imprimir em cada composição uma identidade individual.

Na introdução do *Guia da arquitetura eclética do Rio de Janeiro*, Gustavo Rocha-Peixoto define o termo *ecletismo*:

“A palavra ecletismo significa a atitude antiga de formar um todo a partir da justaposição de elementos escolhidos entre diferentes sistemas. Pode ser eclético um sistema moral ou filosófico, uma coleção de objetos ou simplesmente o gosto ao vestir-se.” (PEIXOTO, 2000 pg. 5)

A proposta deste trabalho não é estudar de forma aprofundada as raízes e as razões do surgimento do ecletismo no mundo, bem como as características que o definem, sendo que este assunto já foi ampla e exaustivamente desenvolvido por diversos estudiosos no mundo todo. Apresentaremos um panorama geral do estilo para formar um embasamento teórico que irá auxiliar o estudo realizado no decorrer deste trabalho.

A arquitetura denominada eclética tinha por característica possuir em sua composição elementos de diversos estilos num único edifício. Além disto, apresenta inovações no sistema construtivo das edificações. Por muito tempo o ecletismo foi mal visto pelos mais puristas por não se tratar de um estilo formal, mas depois se apresentou como uma corrente que mesclava várias culturas em uma só, e muito bem representou a sociedade do final do século XIX.

Os autores Carlos Lemos e Luciano Patetta tecem suas definições:

“A nosso ver, hoje devemos entender Ecletismo como sendo toda a somatória de produções

arquitetônicas aparecidas a partir do final do primeiro quartel do século passado, que veio juntar-se ao Neoclássico histórico surgido por sua vez como reação ao Barroco.” (LEMON In. FABRIS Org. 1987 pg. 70)

“O Ecletismo era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida) amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto” (PATETTA In. FABRIS Org. 1987, pg. 13)

O ecletismo progrediu de forma bastante unificada com o desenvolvimento urbano, onde as cidades se adaptavam às novas necessidades da população e aos novos programas urbanísticos com o auxílio das inovações de técnicas e materiais construtivos.

Com o largo crescimento das cidades e as novas demandas da população, passou-se às adaptações das edificações existentes aos novos usos. Então, como reflexo desta nova clientela, os vários estilos eram selecionados ao gosto do cliente, para comunicar o perfil do uso ou do morador do edifício.

As composições utilizadas pelos arquitetos do ecletismo possuíam uma espécie de “divisão tipológica-linguística”¹⁰ que serviam para comunicar a atividade que desempenhavam: edifícios públicos possuíam características da arquitetura clássica; armazéns, mercados, pavilhões e fábricas eram construídos com características metalúrgicas, igrejas possuíam características bizantinas ou, mais comumente, góticas.

Esta função de comunicação da arquitetura eclética é abordada por Giovanna Del Brenna, em seu texto intitulado Ecletismo no Rio de Janeiro¹¹:

“Se no Rio de Janeiro do final do império considerava-se que o objetivo dos monumentos era “sugerir, inspirar, comover”, aos palácios da Capital da República cabe agora o papel de “representar”.

O conteúdo, a mensagem ideológica e estética, são substituídos pela ênfase tipológica: o que mais importa, é que cada edifício seja logo reconhecível como “o museu”, “a ópera”, “o

¹⁰ SUTIL, Marcelo. **O espelho e a Miragem**. Curitiba 2009. Pg.. 30

¹¹ BRENN, Giovanna Rosso Del. **Ecletismo no Rio de Janeiro**. In: FABRIS, pg. 57.

banco”, “o palácio do governo” de uma grande capital.” (BRENNAN In FABRIS, 1987, pg. 56-57)

O autor Gustavo Rocha-Peixoto, ainda na introdução do *Guia da Arquitetura Eclética do Rio de Janeiro*, faz uma listagem de elementos que permitem a compreensão do ecletismo conforme aplicado pela arquitetura da *Beaux-Arts*, no final do século XIX e início do XX, o que exemplifica o ecletismo como um estilo histórico mais claramente definido.

A utilização destes parâmetros citados por Rocha-Peixoto é importante para este trabalho, já que as obras aqui estudadas se enquadram dentro destes princípios, o que auxilia na compreensão do estilo aqui produzido, sua relação com a produção nacional e a leitura da sua composição arquitetônica, bem como questões de uso e função dos edifícios, e sua representatividade no contexto urbano. São os pontos definidos por Peixoto:

a) Simetria: é considerada a regra básica, lei fundamental e irrevogável da arquitetura. Não significa propriamente a relação e proporção entre as partes, mas sim uma propriedade geométrica de um volume onde se verifica seu exato rebatimento através de um eixo em pelo menos um plano. Apesar de toda a liberdade compositiva que permitia o ecletismo, nunca foi deixada de lado. Sua aplicação era notada nos partidos arquitetônicos, na planta geral e nos compartimentos; nas fachadas, desde seu plano completo até os ornamentos.

“A simetria delimita a tradição acadêmica, separando-a do rococó, que praticou boa dose de ornamentação assimétrica e do modernismo, que a recusou quase que obrigatoriamente.” (ROCHA-PEIXOTO, 2000 pg.9)

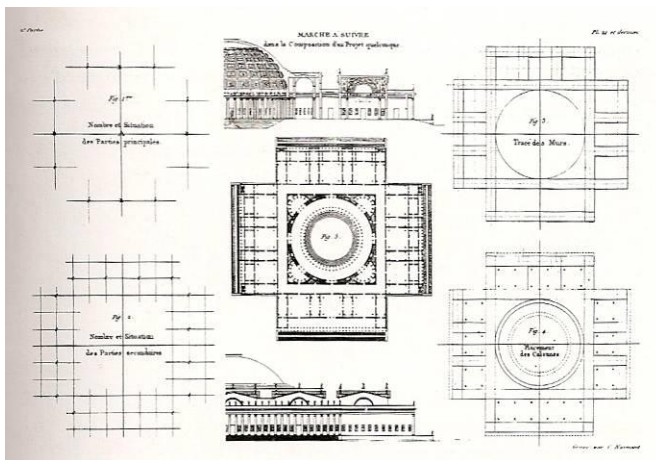


Figura 1- J.N.L. Durand – “caminho a seguir na composição de um edifício qualquer”.

Fonte: Guia da Arquitetura Eclética do Rio de Janeiro – pg. 9

Autor: J.N.L. Durand

b) Composição: a composição era considerada pela academia como uma série de esquemas gráficos que buscam a hierarquia dos espaços a fim de gerar conforto e monumentalidade. No ecletismo, a composição não consistia somente em regra para fachadas, mas também para distribuição de espaços internos.

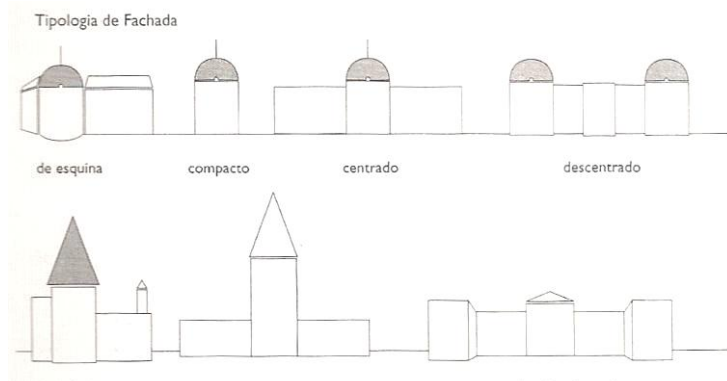


Figura 2 - Esquema de composições de fachadas ecléticas

Fonte: Guia da arquitetura eclética do Rio de Janeiro

Autor: Gustavo Rocha-Peixoto

c) “Arquitetura Falante”: este termo foi criado para caracterizar o conceito do papel da arquitetura de comunicar através do seu estilo a função a qual se destina, onde o caráter do edifício deveria estar evidente através de seu aspecto exterior. Então, a adoção do estilo variava de acordo com o uso do edifício, constituindo assim a característica essencial do ecletismo.

d) Ornamentação: era a forma encontrada de revestir a arquitetura para que se ocultassem os elementos desagradáveis de uma composição, como aqueles pertencentes ao funcionamento mecânico da construção ou artisticamente inaceitáveis. Através da decoração o edifício era provido de características que lhe conferiam ares de urbanidade e civilização. A ornamentação para um edifício do ecletismo era o que lhe conferia a dramaticidade cenográfica da composição, luxo e riqueza de detalhes.



Figura 3 - Exemplo de ornamento de fachada
Palácio do Catete – 2010
Acervo da autora

Nas cidades do ecletismo, o urbanismo foi pensado para hierarquizar de forma precisa as estruturas urbanas, que coincidia, naturalmente, com as divisões hierárquicas econômicas das classes sociais. Para que a cidade se consolidasse como “organismo” uma rigorosa graduação deveria ser respeitada: a volumetria e a qualidade formal deveriam ser menores nas áreas de maior densidade populacional.¹²

¹² PATETTA, Luciano. **Considerações sobre o ecletismo na Europa**. In FABRIS, 1987 pg.

De fato, esta organização não foi seguida de forma rigorosa, criando assim uma cidade repleta de contradição e contrastes.

“A burguesia não soube renunciar a colocar nas fachadas das próprias casas, ao longo das ruas, as mesmas ordens arquitetônicas que deviam ser reservadas aos edifícios públicos.” (PATETTA, In. FABRIS 1987, pg. 24)

As cidades do ecletismo exigiam a existência de parques urbanos e jardins como medidas de higiene e como contraposição à densidade excessiva de edifícios. A higiene passara a ser assunto de obrigatoriedade nas pautas urbanísticas e no projeto de edifícios tanto públicos como privados. A solução encontrada para estas questões foi a dos corredores laterais que proporcionam um afastamento da edificação do limite do terreno.

Neste período, onde os ideais *Haussmannianos*¹³ foram difundidos em várias cidades do mundo, já que questões de salubridade e higiene urbana se faziam cada vez mais urgentes, devido ao grande crescimento demográfico das cidades.



Figura 4- Imagem da Av. Rio Branco no centro do Rio de Janeiro, (foto da década de 1900)

Fonte: www.almacarioca.net

Autor desconhecido

As camadas sociais em ascensão foram os principais agentes de transformação da vida brasileira, e, conseqüentemente, os edifícios e as cidades precisaram se adaptar aos novos costumes.

“Para atender às novas solicitações, o número de edifícios cresceu ininterruptamente, durante toda a segunda metade do século XIX, e continuou a crescer durante o século XX. Para adaptar-se à nova escala, os centros urbanos mais populosos lançavam mão dos recursos de técnicas disponíveis. Instalaram-se redes de abastecimento de água, de iluminação e esgoto e surgiram as primeiras linhas de transportes coletivos.”(FILHO, 2006, pg. 152)

Como alguns dos maiores exemplares da arquitetura eclética no mundo temos o Grand Palais (1900), O Petit Palais (1900) e o Parlamento Britânico (1852



Figura 5 - Grand Palais (Paris, 1900)

Fonte: www.france-travel-photos.com

Autor desconhecido



Figura 6 - Petit Palais -Paris, 1900 - (foto sem data)

Fonte: www.subwayhotels.com/blog/paris/petit-palais-paris

Autor desconhecido



Figura 7 - Parlamento britânico – Londres, 1852 (foto sem data)

Fonte: www.circulointerno.forumeiro.com

Autor desconhecido

O Século XIX no Brasil

O século XIX foi um período marcado por grandes transformações no Brasil. A começar em 1808, com a vinda da Família Real e mais tarde a Missão Francesa (em 1816), o que figurou o início de um tempo onde se abandonariam as feições coloniais para a adoção do modo de vida europeu e a transformação física da então capital, Rio de Janeiro.

A partir de então, cada vez mais os grandes centros adotavam o modo de vida e a cultura importada da Europa como sinônimo de refinamento e desenvolvimento. Não cabia mais a uma capital de reino possuir feições e costumes coloniais.

Os profissionais que vieram integrando a Missão Francesa ficaram incumbidos da transformação da arquitetura da capital. O estilo adotado para caracterizar as novas edificações do período era o estilo que estava em voga na Europa: o neoclassicismo.

Chamava-se neoclássica a arquitetura produzida na Europa no final do século XVIII e início do XIX, que era caracterizada principalmente pelo resgate dos valores artísticos dos gregos e romanos. O estilo veio como um contraponto aos excessos do rococó e seguindo o pensamento da época, o iluminismo, onde se cultuava a ordem, a razão, a nobreza e a pureza, pontos fundamentais das culturas grega e romana.

No Brasil, o neoclassicismo era utilizado pelos arquitetos da Missão Francesa e seus “discípulos”, que praticavam uma “arquitetura de elevados padrões de correção formal e construtiva, mas os recursos para a sua produção e uso eram importados do continente europeu.”¹⁴

Por este motivo, a arquitetura neoclássica da Academia acabou acontecendo somente nos meios oficiais e atendendo às camadas mais abastadas da sociedade que habitavam nas regiões litorâneas, que por conta das viagens marítimas estavam em constante contato com a Europa.

Assim sendo, o ecletismo consolidou-se no Brasil por permitir a adoção de diversos elementos de estilos diferentes em uma mesma composição, não só em edifícios oficiais e residências da classe mais abastada, mas em diversas outras classes sociais.

¹⁴ FILHO, Nestor Goulart Reis. **Quadro da arquitetura no Brasil**. (Perspectiva, 2006 pg. 113)



Figura 8 - Fachada da antiga Academia Imperial de Belas Artes, Rio de Janeiro 1826 – Projeto de Grandjean de Montigny (foto de 1891)

Fonte: Wikipédia

Autor: Mark Ferez

Gustavo Rocha-Peixoto define a arquitetura eclética no Brasil como a arquitetura produzida após o declínio do neoclassicismo, inspirada pela academia. A diferença entre estes dois estilos está nas influências: a arquitetura neoclássica representa ordem, disciplina, contenção, equilíbrio, razão e nobreza, já a arquitetura eclética corresponde à dramaticidade, conforto, expressividade, luxo, emoção, exuberância.¹⁵

A figura a seguir mostra um esquema temporal dos estilos arquitetônicos no Brasil:

¹⁵ PEIXOTO, Gustavo-Rocha. *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. 2000. Pg. 7

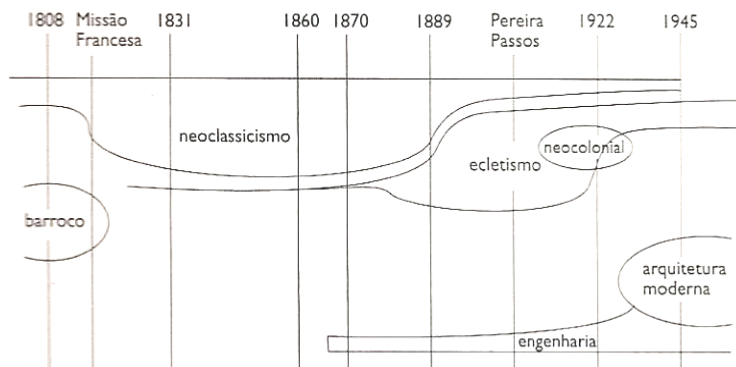


Figura 9 - Esquema temporal dos estilos arquitetônicos no Brasil

Fonte: Guia da arquitetura eclética do Rio de Janeiro

Autor: Gustavo Rocha-Peixoto

O ecletismo que se manifestou na arquitetura edificada no Brasil aconteceu de forma um tanto tardia em relação ao desenvolvimento do movimento na Europa. Este retardo se deu devido à tardia industrialização do Brasil e a mão-de-obra escrava não especializada, o que acabou atrasando a entrada em cena dos engenheiros como solucionadores do espaço arquitetônico¹⁶. Apesar disto, os catálogos oriundos de países europeus disponibilizavam à população a compra de diversos itens arquitetônicos de ferro, onde “era possível importar de coretos de praça a mercados inteiros, de pontes ferroviárias ou teatros a simples varandas ou sacadas domésticas.”¹⁷

Este ideário de refinamento importado da Europa aqui chegou como medida para alavancar o desenvolvimento da até então colônia. As presenças da Missão Francesa e da Academia favoreceram a difusão da arquitetura neoclássica e a implantação de estilos mais refinados, como alternativa à velha solução da arquitetura colonial.

Não somente as fachadas receberam inovações. A composição da arquitetura, em fachada e planta, do século XIX foi desenvolvendo-se nos diferentes períodos da sociedade brasileira, bem como sua forma de pensar e seus costumes. As residências passaram a ter instalações hidráulicas, elétricas e sanitárias. A implantação no lote acontecia de forma mais solta, desprendendo-se dos limites do terreno através da adoção de corredores laterais, pátios internos e platibandas.

¹⁶ PEIXOTO, Gustavo-Rocha. *Guia da arquitetura eclética no Rio de Janeiro*. 2000. Pg. 8

¹⁷ IBID.

Estas medidas buscavam não só o conforto dos habitantes, mas também – e principalmente – melhorias nas condições de higiene das habitações.

“Os avanços técnicos da construção civil – como o uso de calhas e condutores, que possibilitou a adoção de corredores laterais e descobertos ou o uso de pátios internos – também concorreram na cruzada médica contra o mofo das escuras e abafadas alcovas. A queda desse símbolo do mal-habitar e de uma era já ultrapassada foi relevante. Representou não apenas uma vitória contra a insalubridade reinante nos lares, mas contribuiu de forma decisiva para mudar até mesmo a feição das cidades. O meio urbano compacto, parede-a-parede, tinha um forte motivo para deixar de existir. (SUTIL, 2009. pg. 35)

Em relação às construções do ecletismo, as novas técnicas construtivas e materiais proporcionaram algumas modificações nos padrões projetuais da época. As paredes eram construídas em alvenaria de tijolos, o que contribuía para a diminuição dos erros de execução e sua largura uniforme permitia a produção mecanizada das esquadrias. Os revestimentos aplicados nas paredes, quando estas não possuíam apenas seus tijolos aparentes, era de aplicação em massa, por caráter decorativo. Em alguns casos, as paredes exteriores apresentavam revestimentos de azulejos, seguindo os costumes portugueses.

Nas paredes interiores era comum a aplicação de papéis colados sobre o reboco de massa. Nas salas de almoço, cozinha e banheiros, as paredes eram revestidas de azulejos, geralmente com barrados decorativos.

Os pisos passaram a ser executados em tábuas de madeira tipo macho-e-fêmea. Os pisos tipo parquet também eram muito utilizados como um piso mais refinado. Nas cozinhas e demais áreas molhadas, o piso era em ladrilho hidráulico.

Nas fachadas, os balcões deram lugar aos peitoris de alvenaria, mais estreitos que as paredes, que eram acessados através de grandes janelas. Estes peitoris eram identificados nas fachadas pelo uso de elementos decorativos em massa ou por falsas balaustradas.

No pavimento superior, as bandeiras foram aos poucos substituídas por bonecas que combinavam em composição no exterior com os ornamentos dos peitoris, tornando-se elementos escultóricos.

Os portões e as grades junto à rua eram tão importantes quanto os

alpendres. Era aí que era representado o status social do proprietário. Havia dois tipos de portões: os monumentais, como o do Palácio do Catete ou do Parque Guinle, no Rio de Janeiro, até os mais simplificados, tipo balaústres, portões, peitoris – inteiros ou de meia altura – as grades de gateiras e gradis.



Figura 10 - Portão principal da entrada do Palácio do Catete – Rio de Janeiro (2010)
Acervo da autora

No Brasil, podemos citar como exemplos de edifícios do período: no Rio de Janeiro: Palácio do Catete (1866); em São Paulo: a Estação da Luz (1867); na Bahia: Palácio Rio Branco – Salvador (1900); no Amazonas: Teatro Amazonas – Manaus (1896) e no Rio Grande do Sul: Palácio Piratini – Porto Alegre (1909).



Figura 11 - Museu da República – Palácio do Catete (1866) – foto de 2008

Fonte: www.imprensa.rj.gov.br

Autor: Marcelo Horn



Figura 12 - Estação da Luz – São Paulo, 1867 (foto sem data)

Fonte: www.m.wikitavel.org

Autor desconhecido



Figura 13 - Palácio Rio Branco – Salvador BA. – 1900 (foto de 2008)

Fonte: www.trekerth.com

Autor: Neyvan Pecanhuk



Figura 14 - Teatro Amazonas – Manaus (1896) – (foto sem data)

Fonte: www.assuntosdaana.blogspot.com

Autor: Ana Maria



Figura 15 - Palácio Piratini – Porto Alegre – 1909 – (foto de 2007)

Fonte: www.commonswikimedia.org

Autor: Ricardo André Frantz

O ecletismo representou não somente uma nova forma de construir, mas também um novo modo de vida. Foi o estilo que melhor representou a sociedade de um período de transformações políticas e econômicas que acabaram refletindo-se no modo de habitar e, conseqüentemente, na arquitetura.

No presente capítulo observamos as teorias do ecletismo e sua manifestação no Brasil e no exterior, como forma de auxiliar a compreensão do período estudado neste trabalho na arquitetura de Curitiba, que aconteceu como um reflexo deste movimento modernizante que se refletia em todo o país.

No capítulo seguinte, trataremos da arquitetura que se produziu em Curitiba sob a influência do ecletismo.

CAPÍTULO 2

A Curitiba da segunda metade do Século XIX

A Curitiba do século XIX

No início do século XIX, Curitiba ainda compunha o conjunto de províncias de São Paulo. O panorama da cidade que se via era de um local sem grandes pretensões. Localizava-se num ponto favorável na passagem de tropeiros e comércio de muares que vinham do Uruguai e do Rio Grande do Sul e partiam para o interior do país, bem como o comércio de erva mate. Os curitibanos representavam importante papel como ponto de comércio e troca, o que aos poucos foi aquecendo a economia e o desenvolvimento da Vila.



Figura 16 - Aquarela de Jean-Baptiste Debret retratando a Curitiba de 1827

Fonte: Site Acervo Museu Paranaense -

www.museuparanaense.pr.gov.br

Autor: J. B. Debret

Em 1853, Curitiba foi elevada à Capital da Província do Paraná. Para tal, demandou uma série de modificações e adequações para comportar as atividades de uma capital de próspera província.

“Até ser elevada à capital da Província do Paraná, Curitiba tinha sido um agrupamento de casas que pertenciam a moradores das redondezas, ocupadas apenas nos dias de festas cívicas e religiosas. A “cidade” não tinha mais que dez ruas, irregularmente agrupadas em torno da Praça da Matriz, entre os Ribeiros Belém e Ivo, sem iluminação pública e com cerca de 6000 habitantes. (...) uma capital necessitava da presença de funcionários e administradores, fixos

na cidade, junto com os comerciantes de erva-mate. Estas pessoas passaram a exigir melhorias e desenvolviam um meio minimamente cosmopolita, com germens de imprensa, informados sobre os acontecimentos além das serras que o cercavam.” (DUDEQUE, (1997 pg. 119).

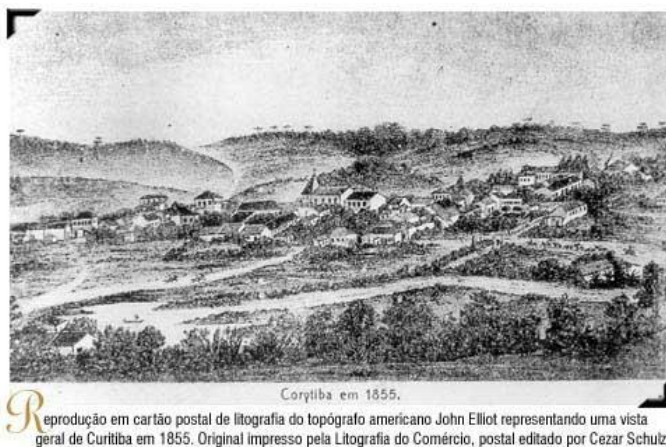


Figura 17 - Foto mostrando Curitiba em 1855

Fonte: Site Casa da Memória - www.casadamemoria.org.br

Autor: Marcos Campos



Figura 18 - Planta de Curitiba de 1857

Fonte: Site Casa da Memória - www.casadamemoria.org.br

Autor desconhecido

Nos anos seguintes, o comércio na capital se intensificou. Surgiu então a necessidade de uma comunicação direta com o litoral do estado, para facilitar o escoamento da produção do interior e dos estados vizinhos. Assim, em 1873 é inaugurada a Estrada da Graciosa, que conectava Curitiba ao porto de Paranaguá. Foi o marco do início do desenvolvimento econômico da província. Poucos anos depois, inicia-se a construção da estrada de ferro no mesmo trecho, que consolidou o papel de Curitiba como ponto forte de comércio e trocas.

“A construção da estrada de ferro também facilitou o comércio de animais, madeira e mate via litoral e dinamizou a construção de indústrias manufatureiras, depósitos, áreas de carga e descarga. Acompanhando o traçado das estradas e devastando os pinheirais, surgiram inúmeras

serrarias muitas delas pertencentes aos recém chegados imigrantes europeus, que iriam transformar o perfil arquitetônico das cidades paranaenses.” (KERSTEN,2000 pg. 200)

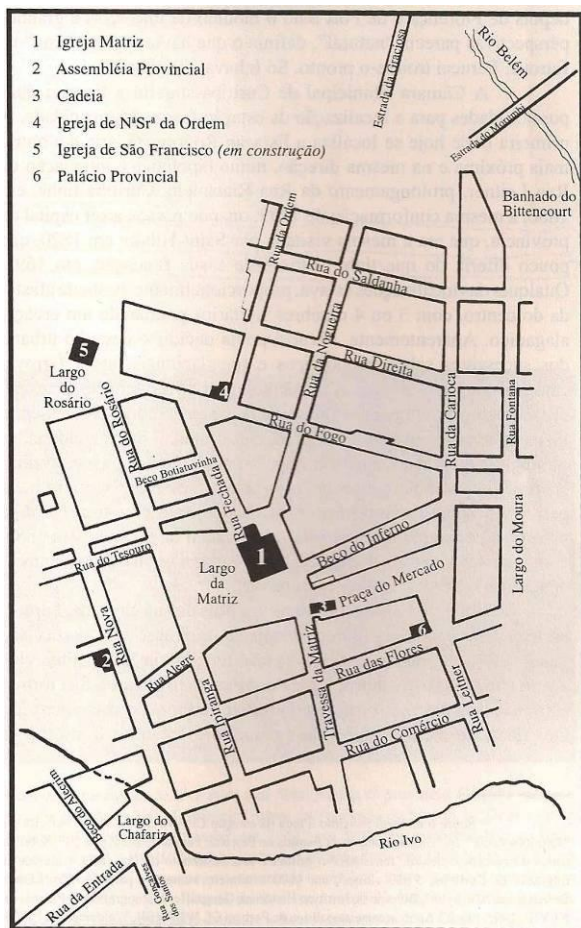


Figura 19 - Curitiba em 1875 – mapa esquemático

Fonte: livro Cidades sem Véus pg. 123

Autor: Irã Dudeque

Irã Dudeque em “*Cidade sem véus: doenças, poder e desenhos urbanos*” fala sobre a formação de Curitiba como capital, da sua evolução urbana e dos reflexos na arquitetura. Com isto é possível entender a trajetória do crescimento da cidade, do pensamento da arquitetura à preocupação com o planejamento urbano, até os dias atuais.

“A partir da inauguração da ferrovia Paranaguá – Curitiba, em 1885, Curitiba passou a ter um crescimento constante, aumento da edificação, numerosas fábricas, bancos, casas de câmbio, linhas de bonde e uma movimentação diária em frente à estação ferroviária. O plano de Ferucci e a legislação criaram a Rua da Liberdade, um eixo que unia a estação ferroviária ao centro de Curitiba, um cenário urbano que evocava toda a carga e as sensações da cultura capitalista oitocentista. Na Rua da Liberdade, depois rebatizada como Barão do Rio Branco, foi moldado, em estilo eclético, o espetáculo do poder econômico e político Curitibano.”
(DUDEQUE, 1995 pg. 135)

O panorama da cidade mudava a passos largos. Com a construção da ferrovia, um grande número de imigrantes chegava a Curitiba, oriundos em sua maioria de países europeus. Os imigrantes desempenharam um papel fundamental neste momento de desenvolvimento da cidade. Formaram grandes frentes de trabalho e passaram a atuar nos mais diversos setores da economia do estado, contribuindo para o forte impulso no crescimento. Mas não foi apenas no campo das finanças que os imigrantes se destacaram: foram também responsáveis pela mudança no panorama geral da cidade, contribuindo de forma marcante nos sistemas de construção civil, arquitetura institucional e religiosa, no ensino formal e nas mais diversas formas de expressão artística.

Juntamente com os imigrantes, vieram ao Paraná um grande número de engenheiros e técnicos europeus para trabalhar na construção da ferrovia, que acabaram por transformar a forma de construir na cidade.

Na década de 1880, se intensificou a preocupação com o planejamento urbano de Curitiba. Por conta das grandes mudanças, o crescimento do comércio e o desenvolvimento da capital de província demandaram posturas que assegurassem o crescimento da cidade. A

visita do Imperador D. Pedro II à província foi o fator que impulsionou tais mudanças:

“A visita do Imperador D. Pedro II à província (1880) agilizou reformas urbanas que modificaram o desenho das cidades que visitou. A acanhada Curitiba preparou-se para ser vista como uma cidade cosmopolita. A Igreja Matriz, quase totalmente demolida, recebeu a tendência neogótica. A antiga Igreja da Ordem Terceira de São Francisco das Chagas foi reformada bem ao gosto dominante na arte européia. Além dessas reformas, foram construídos diversos sobrados seguindo o modelo neoclássico, apresentando vãos de arcos plenos, platibandas e elementos decorativos greco-romanos.” (KERSTEN, 2000 pg. 200)

Ainda neste ano, a Câmara Municipal de Curitiba solicitou ao engenheiro italiano Antônio Ferucci¹⁸ que realizasse um estudo para a implantação da Estação Ferroviária. O projeto era de suma importância, já que seria a porta de entrada da cidade e contribuiria para a melhoria do escoamento dos produtos comercializados na cidade.

A proposta final de Ferucci foi de implantar a estação da Ferrovia Curitiba-Paranaguá a oitocentos metros após o final da Rua Leitner, cujo eixo deveria coincidir com o eixo da fachada da estação ferroviária.¹⁹ (Figura 25 mapas 1 e 2)

Dois anos mais tarde, o edifício da Estação Ferroviária de Curitiba estava em construção quando Ferucci retornara à Itália. Na inauguração da ferrovia, em 1885, a extensão da Rua Leitner que chegava até a estação - conforme Ferucci havia planejado - foi batizada de Rua da Liberdade (atual Barão do Rio Branco) e começou a ser ocupada por lotes com casas e, devido à sua amplitude de 800m, acabou consolidando-se como a principal porta de entrada da cidade.²⁰

Mais tarde, em 1888, a partir do eixo da Rua da Liberdade até a estação ferroviária, Ernesto Guaita elaborou o plano “Nova Curitiba”, em linhas reticuladas, que previa a expansão da cidade.²¹ (Figura 25 mapa 3)

¹⁸ (Macerata, 1829 – Roma, 1906) Engenheiro italiano, Formado na Universidade de Pisa, trabalhou na construção da ferrovia Bolonha-Ancona, no Egito, na construção do Canal de Suez e da Ferrovia Port Said-Suez.

¹⁹ DUDEQUE, Irã. **Cidade sem véus**. 1995 pg. 162.

²⁰ _IBID pg. 163.

²¹ Este tema será apresentado de forma mais completa no Capítulo 3.

Os traços resultantes deste projeto acabaram se repetindo conforme a cidade foi crescendo e acabaram por determinar o crescimento da cidade por mais de meio século. Os traços fora das paralelas e perpendiculares da Rua Barão do Rio Branco consistem em resquícios de ruas anteriores à 1880 e a locais onde a topografia se mostrava mais acentuada. (Figura 25 mapa 4)

O arquiteto Salvador Gnoato, na introdução do livro *Arquitetura do Movimento Moderno em Curitiba*²² descreve a formação da cidade e faz considerações sobre os planos urbanísticos de Ferucci e Guaita. Gnoato aponta que o traçado de do plano de Ferucci possuía raízes no urbanismo francês, fato igualmente notável nos trabalhos que realizou em sua proposta para o novo traçado urbano de Florença, onde traçava um eixo regulador, a Rua da Liberdade (atual Barão do Rio Branco). O plano de Ernesto Guaita se utiliza do eixo proposto por Ferucci e desenha uma malha ortogonal de ruas, que acabou se transformando em considerável área da cidade.²³

“O modelo Beaux-arts estava presente na relação de axialidade entre a porta principal da Estação Ferroviária e o eixo da Rua Barão do Rio Branco e na concepção “eclética” dos principais edifícios.

O desenho da rua tem como ponto de fuga a Praça Generoso Marques, que contém o Paço da Liberdade (Antigo Paço Municipal), projeto de autoria do engenheiro e prefeito Cândido de Abreu, de arquitetura Art Nouveau.

Na rua Barão do Rio Branco localizavam-se o Palácio do Governo²⁴ (atual Museu da Imagem e do Som) e a Assembléia Legislativa (atual Câmara Minicipal), projetados por Ernesto Guaita, além de principais hotéis e lojas de comércio.” (GNOATO 2009 pg 5-6)

²² GNOATO, Salvador. **Arquitetura do movimento moderno em Curitiba**. Travessa dos Editores. Curitiba 2009.

²³ IBID. pg. 5.

²⁴ Este edifício será apresentado no capítulo 3 onde será tratado como Residência Weiss (também conhecido por Palácio da Liberdade)

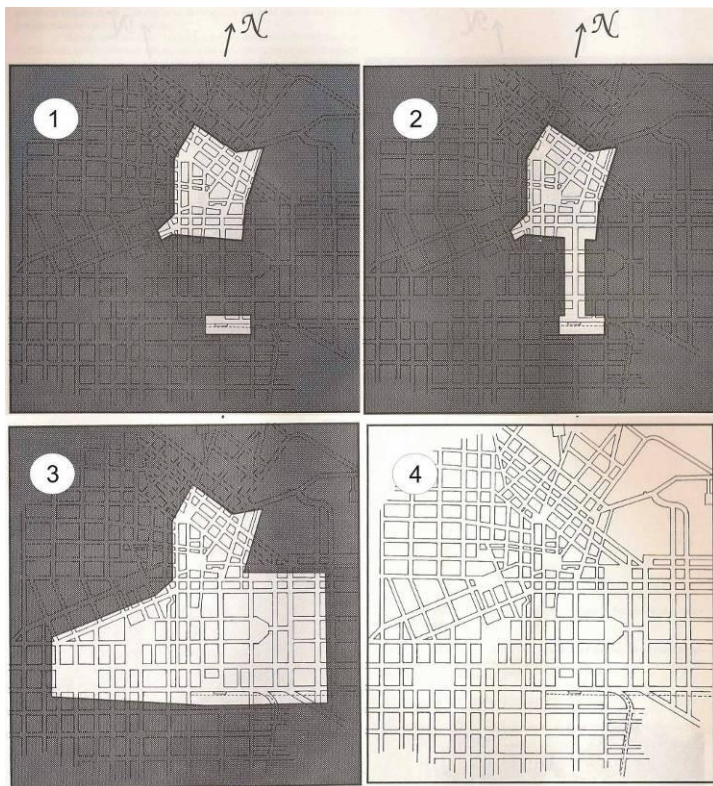


Figura 20 - Mapas demonstrando a evolução de Curitiba, com o plano de Ferucci e Guaita.

Mapas base: “Cidade sem véus” pgs.162-165 / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

O período de Ernesto Guaita em Curitiba corresponde a aproximadamente 39 anos, tendo chegado em 1875 e falecido em 1914. Como é possível perceber através das ilustrações, foi o período de maior transformação na cidade, e Guaita foi um dos personagens que contribuiu para esta transformação.

O contexto urbano que Guaita encontra quando chega a Curitiba é o de uma cidade em vias de expansão, com uma reformulação urbana para melhor atender as demandas da nova capital e a grande massa populacional que chegava. A cidade possuía grandes pretensões econômicas e mostrava uma prosperidade bastante promissora.

O momento era de grande efervescência e a cidade crescia rapidamente. A demanda de estradas, ruas, edifícios públicos e

residências era evidente e cada vez mais os engenheiros e imigrantes que chegavam eram posicionados para atender as demandas da população.

Nas páginas seguintes serão apresentadas uma série de imagens e mapas com o objetivo de ilustrar o crescimento da cidade. Apesar de este trabalho abordar o final do século XIX, serão ilustrados também as duas primeiras décadas do século XX, que foi onde o estilo se consolidou. A cronologia das fotos se inicia em 1875, ano em que Guaita chega na cidade, e na sua continuidade mostra o desenvolvimento nos anos seguintes.



Figura 21 - Foto de Curitiba em 1875. Ao fundo, a Igreja Matriz

Fonte: Site da Casa da Memória - www.casadamemoria.org.br

Autor desconhecido



Figura 22 - Vista das imediações da Estação Ferroviária em 1890. À esquerda, a área da futura Praça Eufrásio Correia; ao centro a Rua da Liberdade (atual Barão do Rio Branco), à direita, a garagem da companhia de bondes de mula (CFC) na esquina com a atual Visconde de Guarapuava.

Fonte: Site Casa da Memória - www.casadamemoria.org.br

Autor desconhecido

Na sequência, serão apresentados mapas e imagens que visam ilustrar a transformação da cidade ao longo dos anos. Nos mapas serão pontuados os locais de importância para a situação do leitor no contexto urbano e as obras de maior importância de Guaita, as quais serão apresentadas no capítulo 3 deste trabalho. Com isto busca-se ilustrar o panorama da cidade que Guaita encontrou quando chegou e como a cidade se desenvolveu nos anos seguintes. A transformação da cidade é notável e em períodos curtos de tempo, o que demonstra o rápido crescimento.



Figura 23 - Mapa de Curitiba em 1894 com as marcações dos principais edifícios e ruas
 Mapa base: Fonte – Site Casa da Memória (www.casadamemoria.org.br) / com
 intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

Correspondências da imagem:

- 1 – Estação Ferroviária;
- 2 – Palácio Rio Branco (Câmara Municipal);
- 3 – Rua Barão do Rio Branco
- 4 – Residência Weiss (Paço da Liberdade);
- 5 – Rua XV de Novembro;
- 6 – Praça Tiradentes e Matriz;
- 7 – Praça Garibaldi;
- 8 – Passeio Público;
- 9 – Praça Gen. Osório.



Figura 24 - Foto de Curitiba em 1894, com o Passeio Público à direita
Fonte: Site Casa da Memória - www.casadamemoria.org.br
Autor desconhecido

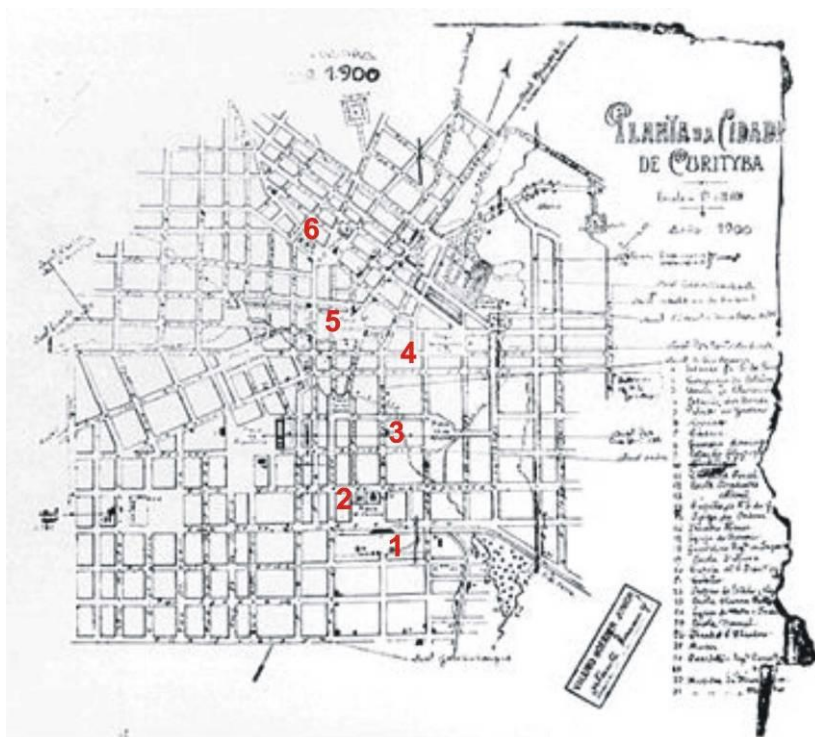


Figura 25- Mapa de Curitiba em 1900
 Mapa Base : Fonte – Casa da Memória / com intervenção gráfica de
 Analu Cadore (2010)

Referências do mapa:

- 1 – Estação Ferroviária;
- 2 – Palácio Rio Branco;
- 3 – Residência Weiss (Palácio da Liberdade);
- 4 – Rua XV de Novembro;
- 5 – Praça Tiradentes e Matriz;
- 6 – Praça Garibaldi.



Figura 26- Cartão postal da Rua José Bonifácio em 1904

Fonte: Site da Casa da Memória - www.casadamemoria.org.br

Autor: V. S. Langer (edição) / Marcos Campos (reprodução)



Figura 27- Foto mostrando a vista parcial de Curitiba em 1905. À esquerda vê-se a Rua do Rosário, a Praça Tiradentes e a Avenida São José, atual Rua Mal. Floriano Peixoto.

Fonte: Site da Casa da Memória - www.casadamemoria.org.br

Autor desconhecido



Figura 28-Postal mostrando a Rua XV de Novembro em 1905 nas proximidades da Rua Monsenhor Celso, o segundo edifício à esquerda é a Residência e Comércio Cunha

Fonte: Site da Casa da Memória – www.casadamemoria.org.br

Autor desconhecido



Figura 29 Cartão postal de 1906. Ao fundo, Rua do Rosário com a Igreja do mesmo nome.

Fonte: Site Casa da Memória – www.casadamemoria.org.br

Autor: Cesar Shulz (edição) / Marcos Campos (reprodução)



Figura 30- Foto de 1912, da Rua Barão do Rio Branco
 Fonte: Site Casa da Memória – www.casadamemoria.org.br
 Autor desconhecido



Figura 31- Foto com a vista parcial de Curitiba em 1912, onde
 aparece a região do passeio público e ao fundo a Catedral.
 Fonte: Site da Casa da Memória – www.casadamemoria.org.br
 Autor desconhecido



Figura 32 - Rua XV de Novembro por volta de 1913. O cartão postal mostra a quadra entre a Al. Dr. Muricy e a Av. Mal. Floriano Peixoto.

Fonte: Site da Casa da Memória – www.casadamemoria.org.br

Autor: J. V. Cardoso Rocha (edição) / Marcos Campos (reprodução)



Figura 33 Foto da Praça Eufrásio Correia em 1915

Fonte: Site da Casa da Memória – www.casadamemoria.org.br

Autor desconhecido

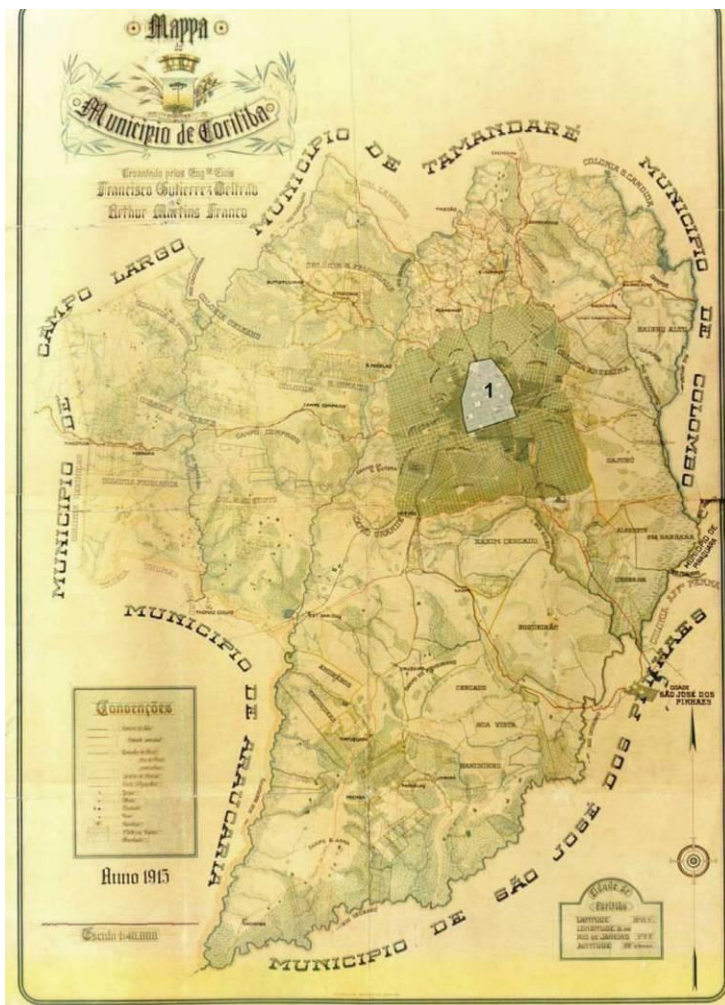




Figura 35 - Postal mostrando a Rua XV de Novembro em 1919, trecho entre a Rua Barão do Rio Branco e a Rua Monsenhor Celso.

Fonte: Site da Casa da Memória – www.casadamemoria.org.br

Autor: Marcos Campos (reprodução)



Figura 36 - Foto da Rua José Bonifácio em meados de 1920

Fonte: Site da Casa da Memória – www.casadamemoria.org.br

Autor desconhecido

A continuidade:

As imagens a seguir procuram mostrar a conformação da cidade de Curitiba, desde o plano de Alfred Agache em 1945 que foi o plano de maior importância para a cidade. Na sequência, mapas demonstrando a situação atual da cidade, com a delimitação dos bairros, que têm por objetivo situar o leitor e localizar a área onde estão localizadas as obras de Guaita, que serão abordadas no próximo capítulo, já que o contexto onde estão inseridas é fator pertinente para a leitura proposta no capítulo 3.

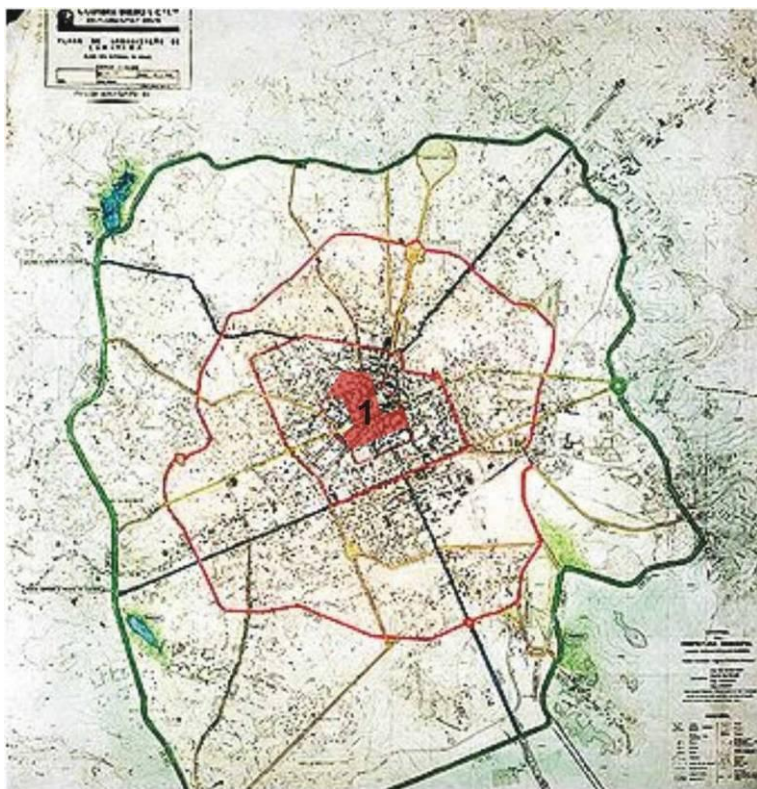


Figura 37 - Plano de Alfred Agache para Curitiba em 1945. A área em destaque (1) se refere à região central e a área abordada neste trabalho

Fonte: Casa da Memória

Autor: Intervenção em mapa base – Analu Cadore

A arquitetura dos imigrantes

Os imigrantes tiveram importância fundamental na formação da cidade. Oriundos de vários países, sobretudo europeus, vieram compor as frentes de trabalho, estimulados por uma política nacional de incentivo à imigração. Os imigrantes que chegavam à região de São Paulo eram destinados a atender a demanda de trabalhadores nas fazendas de café. Já os que se estabeleciam no Paraná, mais especificamente na região da capital, eram destinados às frentes de “colonização”, formando colônias e atendendo as demandas de subsistência.

A influência estrangeira transformou inúmeros setores da cidade. Cada etnia trazia um pouco de sua cultura, o que contribuiu para o surgimento de novos edifícios nos mais diversos estilos arquitetônicos. Duas etnias marcaram de forma mais evidente o cenário curitibano: os alemães e os italianos.

Os alemães

Por volta de 1829, os alemães foram os primeiros imigrantes a chegar ao Paraná. Logo que chegaram, obtiveram destaque pela bagagem de técnicas construtivas que traziam, pela primazia na mão de obra e por dominarem um estilo de construir que trazia um ar de civilidade às edificações.



Figura 40 - Aquarela de Hugo Calgan retratando o aspecto do rocio de Curitiba com casas de colonos alemães em 1881

Fonte: Site Casa da Memória – www.casadamemoria.org.br

Autor: Fernando Augusto (reprodução)

Construíam casas de madeira com técnica de estrutura independente, com elementos curvos e enxaiméis como característica principal. Esta nova maneira de edificar passou a representar uma nova injeção de modernidade no casario que aos poucos se erguia em Curitiba.

Não só as feições externas das casas se modificaram, mas também os antigos padrões residenciais. Algumas inovações nestas edificações marcaram a influência alemã: a ocupação do sótão como espaço habitável e a utilização de calhas, o que foi permitido através das platibandas. Um recurso comum foi o de criar um corredor lateral de livre acesso para os fundos do terreno, para criar uma “soltura” do edifício vizinho. Como o Código de posturas da época não permitia espaços vazios entre as edificações, o engenheiro alemão Gottlieb Wierland integrou o portão lateral à fachada, conseguindo assim camuflar o corredor.

A decoração da fachada com elementos ainda desconhecidos dos curitibanos foi o que obteve maior destaque na arquitetura de influência alemã, como platibandas, relógios de sol, ornamentos sob as janelas e rendilhados feitos na própria argamassa.

Vários são os nomes de destaque na arquitetura alemã em Curitiba. Dentre tantos, podemos citar: Miguel Miller, Gottlieb Wieland, Gustav Strobel e seu pai, Christian e Frederico Warnecke. Estes nomes foram responsáveis pelas construções mais marcantes da história da cidade, como o Mercado novo, que se localizava onde hoje se encontra o Paço da Liberdade, na Praça Generoso Marques, a antiga Farmácia Stellfeld, na Praça Tiradentes e a Santa Casa de Misericórdia.

Um nome tem um destaque particular: o do mestre-de-obras Henrique Henning. Chegou a Curitiba no final de 1859, numa época em que eram inúmeras as oportunidades de emprego devido ao crescimento da recém-capital e a escassez de mão de obra. Portanto, tão logo chegou à cidade, participou de obras públicas de grande importância, como a Santa Casa de Misericórdia, o Teatro São Theodoro e mais tarde a Igreja Matriz, Catedral de Curitiba.



Figura 41 - Mercado Novo – foto de 1913
 Fonte: Casa da Memória
 Autor desconhecido

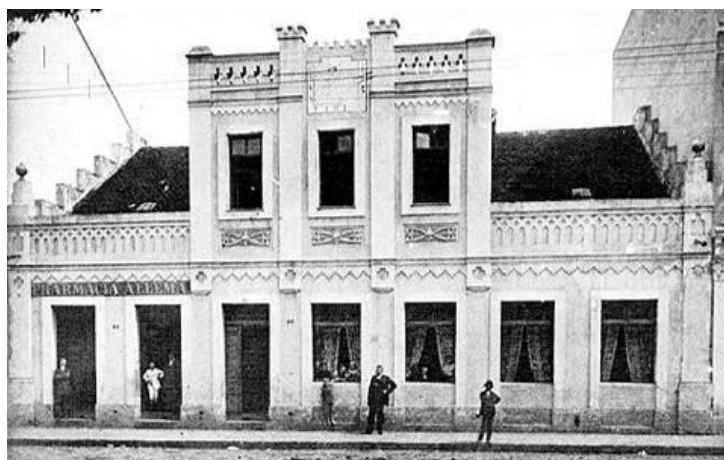


Figura 42 - Farmácia Stelfeld – foto de 1912
 Fonte: Casa da Memória
 Autor desconhecido

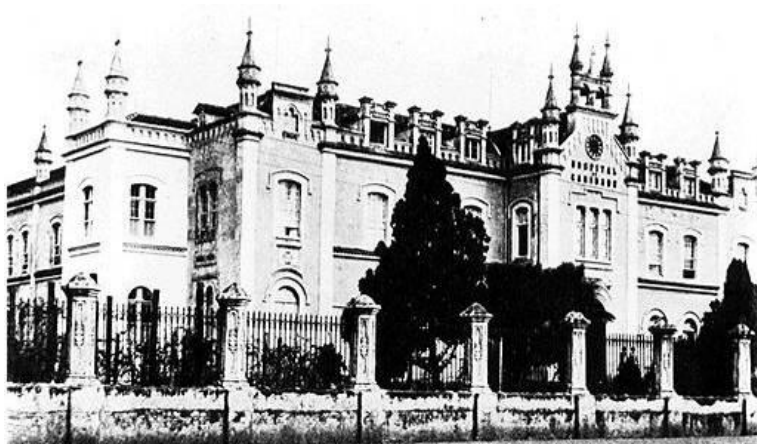


Figura 43 - Santa Casa de Misericórdia – foto de 1915
 Fonte: Casa da Memória
 Autor desconhecido



Figura 44 - Teatro São Teodoro – 1884
 Fonte: www.paulobranco.com
 Autor desconhecido



Figura 45 - Foto da Catedral de Curitiba - sem data

Fonte: “O espelho e a Miragem” pg.54

Autor desconhecido

Henning ficou conhecido pela qualidade de seus serviços, o que lhe proporcionou experiências diversas em edificações não somente públicas, mas também particulares. É exatamente por sua atuação na construção de residências que possui importância peculiar a este trabalho. Henning trabalhou com Ernesto Guaita na construção do edifício de influências góticas localizado na Rua XV de Novembro, esquina com a Rua Monsenhor Celso, que tratamos aqui como *Residência e Comércio Cunha*, por ter sido construído para o imigrante português Manoel Cunha.

Este edifício se destaca por ter sido o primeiro de três pavimentos na Rua XV e por possuir uma influência gótica quando muitos outros edifícios na cidade seguiam o estilo eclético de influência clássica. Guaita concebeu todo o projeto, mas a execução foi confiada à Henning.



Figura 46 - Edifício Residência e Comércio Cunha
(foto de 2009)
Acervo da autora

Os italianos

Quando chegaram a Curitiba, os italianos já encontraram o ecletismo como um estilo consolidado. Destacaram-se na arquitetura de casas e edifícios públicos, que, diferentemente da arquitetura alemã, caracterizavam-se por construções em alvenaria com dois pavimentos e sótão, regulados por simetria e formas retangulares. Muitas das sedes de órgãos públicos e edifícios religiosos foram construídos tendo imigrantes como projetistas e mão de obra.

“As elites paranaenses, com os olhos voltados para a Europa, consideram o estilo eclético dos imigrantes como opção mais refinada frente ao colonial, que imperava até então.” (KERSTEN, 2000 pg. 202)

O que contribuiu fortemente para a disseminação e aceitação da arquitetura dos italianos foi o fato de eles serem, em sua maioria, representados por arquitetos ou engenheiros. Suas construções se caracterizavam por serem de alvenaria de tijolos, tendo apenas suas divisões internas executadas em madeira. O sótão era habitado, o que era claramente percebido pela existência de janelas no alto da fachada lateral dos edifícios. A fachada, muitas vezes se caracterizava pela

simetria, tendo a porta como elemento central e uma cimalha que marcava claramente o piso do pavimento superior (nos edifícios de mais de um pavimento).



Figura 47 - Casa dos Gerânios, no bairro de Santa Felicidade - 1891 – (foto de 2003)

Fonte: Casa da Memória

Autor desconhecido

Já no tocante às divisões internas, a planta era bem definida e se repetia comumente na maioria dos edifícios; destacava-se pela circulação central que formava um eixo longitudinal ou transversal, que comunicava diretamente com cômodos idênticos nas laterais. Quando o edifício possuía mais de um pavimento, era comum que no pavimento superior se repetisse o mesmo esquema do térreo.

A imigração italiana contribuiu com mão-de-obra de muitas especialidades. O que mais marcou a participação italiana na arquitetura da Curitiba do final do século XIX, e onde Ernesto Guaity se enquadra é o grande número de técnicos. Já que o Código de Posturas²⁵ exigia que os projetos fossem supervisionados por técnicos, os profissionais italianos encontraram um vasto campo de trabalho.

Muitos italianos absorveram as técnicas introduzidas pelos alemães e as desenvolveram. Rapidamente seus trabalhos foram popularizando-se pelo fato de, mesmo realizando os mesmos trabalhos que os alemães, os italianos tiveram um maior destaque pela sociabilidade, já que trabalhavam lado a lado com a gente da terra e os próprios alemães.

Como maiores exemplos de arquitetos italianos podemos citar,

²⁵ Página 82

além de Guaita, *Lazzarini*, *Carlos Borromei*, *Ângelo Botuchia* e a firma *Bergonse & Cia*, que com seus arquitetos e engenheiros foi responsável por um grande número de obras na capital.

O ecletismo

O ecletismo na arquitetura edificada em Curitiba aconteceu quase que simultaneamente ao desenvolvimento desta corrente arquitetônica no resto do Brasil, tendo seu auge nas duas primeiras décadas do século XX.

O historiador Marcelo Sutil, em seu livro intitulado *O Espelho e a Miragem: ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do século 20* situa o início do ecletismo na cidade com a chegada dos imigrantes alemães e suas primeiras transformações na paisagem, tomando como marco referencial o ano de 1863 e a construção do antigo prédio da Farmácia Stelfeld, que foi o primeiro edifício do estilo construído na cidade e também por estar localizado no ponto mais importante da cidade na época: o Largo da Matriz (atual Praça Tiradentes).²⁶



Figura 48 - Pintura de Lange de Morretes mostrando a Praça Tiradentes em 1870 a partir de uma pintura da época.

Fonte: “O espelho e a miragem” pg. 46

Autor desconhecido

O ecletismo é adotado em Curitiba como uma medida de refinamento para a arquitetura colonial existente. Gradativamente as construções em taipa eram demolidas para dar espaço às edificações em alvenaria. Com a nova arquitetura chegam também as novas técnicas e materiais construtivos, como o ferro, louças, telhas, etc.

²⁶ SUTIL, Marcelo. Travessa dos editores, 2009 pg. 40.

A arquitetura de vocabulário eclético que se produziu na cidade foi fruto desse intercâmbio cultural com os imigrantes. Cada um trazia de seu país suas influências e se utilizaram deste repertório para erigirem uma capital com feições européias, o que, na época, se traduzia em requinte e desenvolvimento.

O ecletismo foi o escolhido para representar uma sociedade em uma época marcante. A produção de obras realizadas segundo seu vocabulário foi vasta e de suma importância na influência dos estilos que se seguiram, sendo que a grande maioria dos edifícios tombados pelo patrimônio histórico foram concebidos segundo os seus preceitos.

“O estilo eclético consiste na expressão plástico-arquitetônica típica da segunda metade do século XIX e primeiros trinta anos do XX. Utiliza vocabulário ornamental exterior de origens diversas. Não possui expressão própria como volume ou implantação, expressa-se pelo tratamento decorativo das fachadas externas. Caracteriza o estilo da maioria das unidades de preservação no Paraná.” (KERSTEN, 2000 pg. 203)

O *Plano de Preservação do Acervo da Região Metropolitana de Curitiba* (1975) define o ecletismo em Curitiba:

“No período de 1880 a 1920 se dá o aparecimento, em Curitiba, de edificações de maior porte cuja arquitetura, eclética, se caracteriza pela ornamentação, às vezes excessiva, de linguagens diversas – neoclássica, neogótica, art-nouveau – que cobre seus exteriores. Incluem-se nessa fase as obras do arquiteto italiano Ernesto Guaita, do construtor alemão Neumann e do brasileiro Cândido de Abreu. (...)” (1975 pg. 57)

“Arquitetura neoclássica e eclética com vocabulário neoclássico: arcabouço em alvenaria de tijolo, cobertura em quatro ou duas águas: telha tipo capa-e-canal, francesa e alemã; beirais de cimalha ou platibanda, vãos em verga reta em arco pleno com bandeiras envidraçadas, ornamentação: pilastras, capitéis greco-romanos, jarras, pinhas e estatuetas sobre a fachada principal. Exemplares urbanos: casas de moradia e de comércio; edifícios públicos.” (1975 pg. 59)

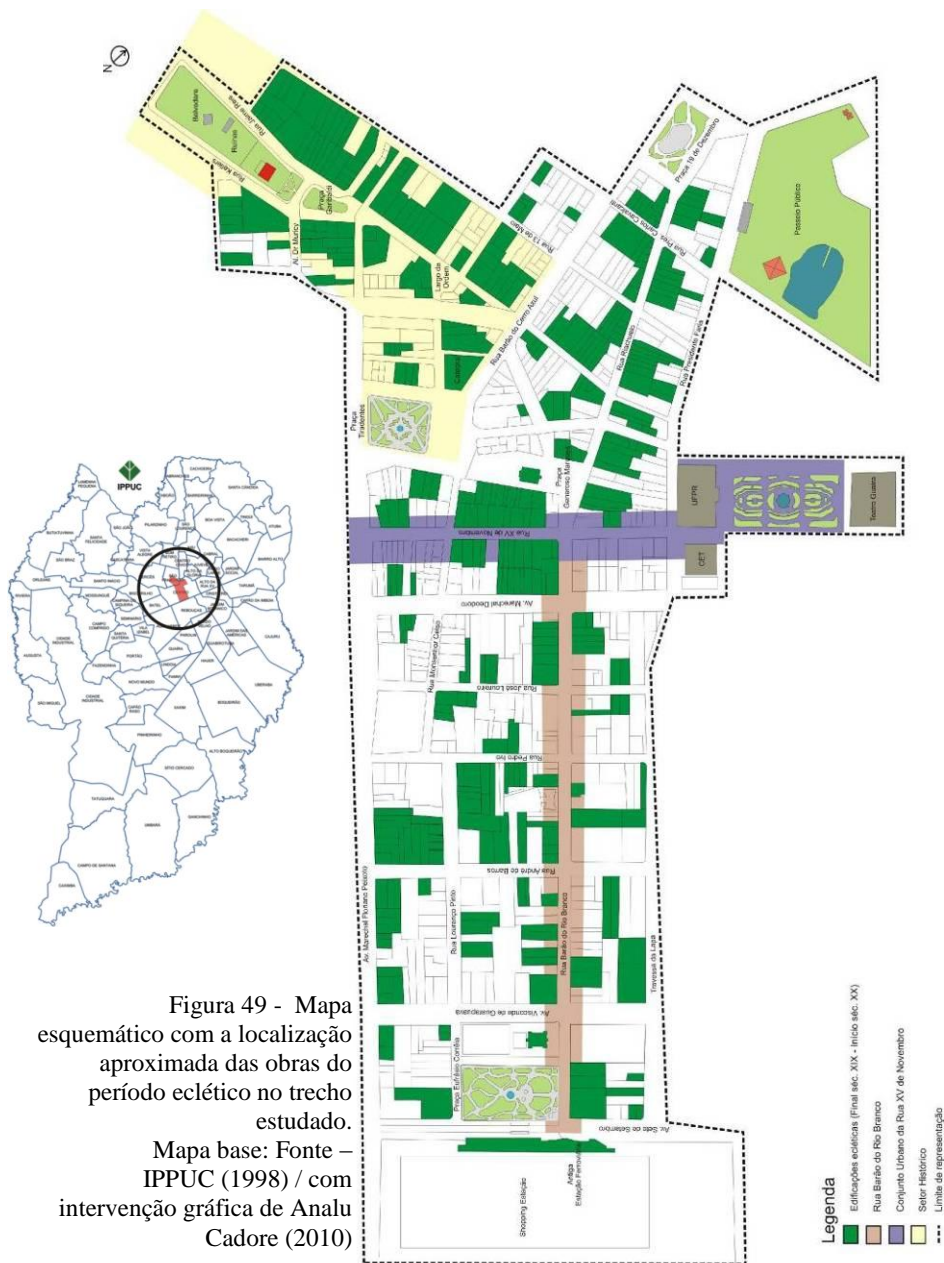


Figura 49 - Mapa esquemático com a localização aproximada das obras do período eclético no trecho estudado.

Mapa base: Fonte – IPPUC (1998) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

Como exemplos da arquitetura do período de maior importância na cidade podem citar: a Catedral de Curitiba (1816), o prédio da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba (1870), o Palacete dos Leões (1890) e o prédio da Estação de Trens de Curitiba (1894).



Figura 50 Catedral de Curitiba (2009)

Autor: Equipe G. Arquitetura



Figura 51 Santa Casa de Misericórdia de Curitiba – 1870 (foto atual)
Acervo da autora



Figura 52 - Palacete dos Leões – 1890 (foto de 2009)
Acervo da autora



Figura 53 - Antiga estação Ferroviária de Curitiba – foto atual
Acervo da autora

A nova forma de construir em Curitiba

O ecletismo trazia junto com suas inovações estilísticas novas formas de construir. Tais inovações não pertenciam apenas ao campo das técnicas e materiais construtivos, mas também às novas propostas de inserção no lote, recuos, divisões internas, etc. Curitiba acabou seguindo, assim como o restante do país, as novas soluções estabelecidas.

Por volta de 1880, quando se iniciou o movimento de expansão da cidade de Curitiba, novas regiões da cidade mais afastadas do centro passaram a ser ocupadas, onde os terrenos permitiam maior liberdade compositiva. Com isto, o crescimento cidade foi sendo direcionado para as áreas de desenvolvimento econômico, englobando a região do centro e da estação de trem, porta de entrada dos produtos comercializados e dos grandes negociantes na cidade.

Para poder compreender melhor a arquitetura produzida no período, se faz necessário conhecer as normas vigentes na época que regulamentavam as construções na cidade.

Os Códigos de Posturas

Os Códigos de Posturas formam um conjunto de normas segundo as quais todos os projetos arquitetônicos, para qualquer construção ou reforma que viessem a ser executados dentro do quadro urbano da

cidade, deveriam ser obrigatoriamente submetidos.

A primeira vez que surgiu a obrigatoriedade da aprovação de projetos foi no Código de Posturas decretado pela Câmara Municipal em 1895, no artigo 102:

*“Os prédios que de ora em diante se construírem e os já existentes que tiverem de ser reedificados com demolição ou renovação das paredes da frente, inclusive telhado, ficam sujeitos à prévio alinhamento e a exibirem os proprietários ou foreiros ao Prefeito a planta, desenho da frente da casa, para ser aprovada ou reformada senão estiver com as condições adotadas. A infração será punida com 50\$000 de multa.”*²⁷

Os projetos dos edifícios que seriam construídos ou reformados na cidade deveriam estar de acordo com o Código, que garantiam que as construções mantivessem o ordenamento e a racionalização urbana. Continha diversas regulamentações, tais como as medidas de vãos, o uso a que as áreas públicas se destinariam, alturas mínimas a serem seguidas e as entradas e luz e ventilação dos cômodos das construções, dentre outros.

Assim sendo, as posturas acabaram por influenciar fortemente as novas construções da cidade. Desde as dimensões de lotes, ocupação de terrenos vazios, execução de cercas etc., eram regulamentados, em seus pormenores, pelo Código.

A existência de regulamentos destinados às edificações não era uma inovação, mas o que era peculiar neste caso é a existência de um personagem inusitado: o engenheiro, que no cargo de Diretor de Obras, era o responsável pelo bom cumprimento das Posturas na cidade.

As responsabilidades do engenheiro incluíam a inspeção das obras dos edifícios em construção. Segundo o seu parecer, se um edifício apresentasse algum comprometimento que ameaçasse sua integridade, ele deveria ser demolido, às custas do proprietário, que também levaria uma multa no valor de 30\$ (trinta mil réis). Caso não concordasse com o parecer técnico, ao proprietário cabia o direito de recorrer da decisão, o que seria uma contraposição ao parecer técnico-científico do engenheiro do Prefeito e o autodidatismo da grande maioria dos responsáveis pelas obras (art. 13/14).

A responsabilidade da boa execução dos serviços recaía também

²⁷ CURITIBA. **Posturas da Câmara Municipal de Curitiba**: decretadas pela Câmara Municipal em sessão de 22 de novembro de 1895. Curitiba: Typ. Lith. Curytibana, 1887. In SUTIL, Marcelo. **O Espelho e a Miragem**. 2006 pg. 84.

aos mestres de obras: *“Todo mestre-de-obras que der por concluído qualquer trabalho e a obra ameaçar ruína quer por mal construída, quer pela má qualidade do material empregado, sendo-o assim declarado por peritos, em exame, será multado em 30\$, além de ser obrigado a demolir a obra.”* Contudo, se fosse comprovada a falha do engenheiro em executar o alinhamento, ele deveria refazer o trabalho, às suas expensas (art. 106)

Os lotes vazios não eram bem vistos pela municipalidade, portanto, aqueles que eram concedidos para edificações deveriam ter no máximo 22 metros de frente e fundo correspondente. O arrematante deveria ser obrigado a executar o gradil em no máximo seis meses e construir nos dois anos seguintes. No caso de não haver gradil, um muro deveria ser executado a fim de encobrir o vazio e contribuir para a melhor aparência urbana, sob multa de cem mil réis (art.95)

As posturas ainda indicavam quais materiais e de que forma deveriam ser empregados na execução do fechamento dos terrenos:

“Não serão permitidos no quadro urbano, cercas que não sejam gradis ou muros feitos com o fim permanente de embelezar a cidade (...) as cercas atuais que se acharem em ruas calçadas, macadamizadas ou com sarjetas, deverão ser reformadas naquelas condições e no prazo que foi marcado pelo prefeito. A infração será punida com 50\$ de multa, além de ser o infrator obrigado a fazer a modificação dentro do prazo que lhe foi marcado.” (art. 110)²⁸

As alterações nas fachadas dos edifícios deveriam ser submetidas à aprovação. Segundo o regulamento, o padrão para a composição das fachadas era de, no mínimo, 4,8 metros para o primeiro pavimento; 4,4 metros para o segundo e 4 metros para o terceiro, fechando num total de 13,2 metros de altura para um edifício de dois pavimentos e 17 metros para um de três pavimentos. Para as janelas, era estipulada a medida de 2,3 metros de altura (contando com ombreiras, vergas e peitoris) por 1,5 metros de largura e deveriam ter abertura, bem como as portas, nos pavimentos térreos, sempre para dentro da edificação, sob pena de trinta mil réis a quem não respeitasse tais determinações (art. 112).

As rótulas e sacadas de madeira eram expressamente proibidas (art. 120). Segundo o artigo n.119, as construções que não respeitassem o alinhamento predial deveriam ser retificadas a fim de conservar uma linha reta do casario. Visava-se uma padronização das edificações e do

²⁸ IBID, 1895 pg. 85

visual do conjunto, sendo que o artigo n. 125 proibia “cunhais, colunas em seguimento de ruas que estorvem a vista das casas que ficam no alinhamento.”

O embelezamento da cidade também era uma questão abordada pelo Código. O artigo 113 discorria sobre o dever do dono do prédio mais alto da rua de rebocar e cair a parede do oitão do lado do vizinho menor. Já o artigo 122 regulamentava que as platibandas não deveriam ter mais nem menos que 0,8 metros de altura, e os proprietários de casas que não as possuísssem deveria providenciar um cimalhão de tijolos.

No artigo 123, ficava proibido o antigo costume de edificar a residência com as paredes laterais “coladas” nos vizinhos, visando manter a privacidade: *“É proibido abrirem-se janelas nos oitões das casas ou construírem-se sóteas, cujo parapeito tenha menos de 1,5 metros de altura, de modo a não poder devassar os prédios vizinhos. O infrator será multado em 50\$000, além de ser obrigado a inutilizar a obra à sua custa. Ficam isentos desta pena aqueles, cujos prédios, forem separados dos vizinhos, por corredores abertos em terrenos de sua propriedade.”*²⁹

Com isto, acaba surgindo uma inovação urbanística na cidade. Com a obrigatoriedade do afastamento entre as construções e começam a surgir os jardins laterais no espaço remanescente deste recuo, que contribuíam com a iluminação e aeração da casa. Era uma medida de benefício duplo, já que além de atender às prescrições da medicina sanitária, os jardins laterais transformavam e embelezavam a paisagem das ruas da cidade.

Ainda sobre a questão do resguardo da intimidade, o Código discorria sobre as casas de porão alto:

“Além de afastar o soalho da umidade do solo, evitaria que os transeuntes devassassem o interior da residência. Assim, as casas destinadas às habitações deveriam ser dotadas com porões de, no mínimo, setenta centímetros, contados a partir do nível do passeio até a parte superior dos barrotes. Em tais porões, eram necessárias aberturas ou mezaninos, para o “conveniente arejamento”. (tais aberturas ficaram conhecidas como gateiras) (SUTIL, 2009 pg. 87)

O que se percebia nos Códigos de Posturas era que eles ainda se baseavam em leituras da cidade colonial, fato bastante claro pela obrigatoriedade de se manter o alinhamento predial, visando perpetuar a

²⁹ IBID., 1895.

imagem urbana de ruas emolduradas por fachadas constantes e ritmadas. Os primeiros casos de edificações que quebraram este preceito, construídas no meio do lote, somente começaram a aparecer em 1919.

As camadas menos abastadas da população também eram submetidas ao mesmo teor das Posturas, sem decréscimo de rigor. Mesmo as residências mais humildes deveriam ser construídas seguindo os modelos regulamentados. Enquanto as classes mais altas conseguiam driblar o rigor da fiscalização, através de inovações projetuais, os edifícios das demais classes mantinham um molde de implantação deveras arraigado ao sistema colonial.

Mesmo estas limitações não impediram que estas classes incorporassem em seus edifícios os elementos da arquitetura vigente, o que resultou numa arquitetura que oscilava entre a criatividade compositiva e a maquiagem de fachada sobre uma casa tradicional. Em ambos os casos, as classes sociais conseguiram alcançar o seu objetivo: ter uma residência dentro do que se considerava personalização e modernidade.

As peculiaridades do ecletismo curitibano

A arquitetura paranaense é bastante caracterizada pelas construções de madeira. Material abundante no estado foi bastante utilizada pelos imigrantes quando aqui chegaram por se tratar de um material de baixo custo e com o qual já possuíam bastante familiaridade.

As autoridades municipais não viam as edificações de madeira com bons olhos, e faziam o que estava ao seu alcance para barrar sua construção, já que este tipo de edificação não condizia com o refinamento da cidade de alvenaria, moderna e urbanizada.

Mesmo assim, as casas de madeira compuseram um extenso cenário na paisagem da Curitiba eclética e já existiam anteriormente ao ecletismo na cidade. Foi nos últimos anos do século XIX e início do XX que apareceram as composições mais peculiares, devido à mecanização da indústria madeireira que permitia o corte e a manipulação de peças de madeira segundo o gosto do cliente.

A partir de 1919 os Códigos de Posturas passaram a ter uma seção que discorria particularmente sobre as construções de madeira:

“Art. 59 – A Câmara Municipal dividirá a cidade em três zonas podendo a extensão das mesmas ser alterada anualmente, conforme as conveniências de ordem geral.

Art. 60 – Na primeira zona constituída pelas ruas e praças principais só é permitida a construção

de casas cujas paredes externas sejam de alvenaria. „³⁰

Restrita às demais zonas da cidade, as casas de madeira deveriam obedecer às regras mínimas de construção. Não deveriam ser construídas no alinhamento, e sim com um recuo frontal mínimo de dez metros para não ficar tanto à vista quanto as de alvenaria, e no mínimo dois metros nas laterais. Esta medida visava à prevenção de que, em casos de incêndio, o fogo não se alastrasse para as casas vizinhas. No alinhamento deveria ser construído o fechamento de gradil sobre alicerces de alvenaria.

Nos cômodos, as medidas obrigatórias eram de, no mínimo, trinta e seis metros cúbicos com pé direito de quatro metros. As aberturas de janelas deveriam medir 2,3 metros de altura por 1.10 de largura, incluindo as bandeirolas.

Deveriam ser construídas sobre alicerces de alvenaria, ter portas, janelas, forros, paredes internas e externas e lambrequins, cepilhados e pintados à óleo. Os lambrequins eram itens obrigatórios, já que além de decorativos, protegiam o beiral e serviam como pingadeiras para a água das chuvas. Pela diversidade de modelos ficou consolidado como a mais forte característica desta arquitetura.



Figura 54 - Esquema com amostras de alguns lambrequins atuais de Curitiba (fotos sem data)

Fonte: <http://curitibaportraits.blogspot.com>

Autor: Washigton

³⁰ CURITIBA. **Código de Posturas do Município de Curitiba**. Lei nº 527 de 27 de Janeiro de 1919. Curitiba: Typ. Da República, 1919. In SUTIL, Marcelo. **O Espelho e a Miragem**. 2009 pg 104

A rigidez das Posturas em relação às casas de madeira fez com que muitas vezes a legislação não fosse cumprida. Por se tratar de um material de baixo custo e conseqüentemente mais acessível à maioria da população, verificou-se que nem sempre os artigos dos códigos foram respeitados integralmente. A questão dos recuos, frontais e laterais, diminuía de forma considerável a área edificável do terreno, sendo que este mau-aproveitamento do lote era inviável, frente à especulação imobiliária de uma capital em crescimento.

A solução encontrada para burlar estas normas foi a de construir somente a fachada em alvenaria, respeitando os moldes das casas de tijolos e, assim, conseguir um melhor aproveitamento do lote.



Figura 55 – Casa de madeira com frente de alvenaria localizada no bairro Guabirota – (2010)

Acervo da autora

Esta prática se tornou tão comum que ainda hoje fazem parte da paisagem curitibana. O subterfúgio de fachada que surgiu como uma alternativa para o melhor aproveitamento do lote e atender à legislação, acabou transformando-se em uma ferramenta para que os moradores pudessem, no melhor pensamento do ecletismo, representar um novo estilo de morar, onde mascarado por um modelo de planta já existente a mais de um século, sob uma fachada onde seriam dispostos todos os elementos decorativos empregados no ecletismo.³¹

Em Curitiba, a madeira representou a maneira mais barata de habitar. Por conta das restrições da legislação ou pelo bucolismo da

³¹ SUTIL, Marcelo. **O espelho e a Miragem**. 2009 pg. 106

arquitetura do imigrante, foram estas residências que mais caracterizaram a paisagem eclética do período.

As casas de alvenaria tiveram também seu destaque, caracterizando principalmente a arquitetura de sobrados e palacetes e configuravam edifícios mais requintados, de uma classe de um maior poder aquisitivo. A particularidade neste período foram de fato as casas de madeira, com ou sem fachada de alvenaria, onde se mesclaram e se popularizaram os ideais do ecletismo.

No capítulo a seguir será apresentado um dos mais importantes personagens da transformação da paisagem de Curitiba ocorrida no final do século XIX, o engenheiro italiano Ernesto Guaita.

CAPÍTULO 3

Ernesto Guaita: história e projetos

História

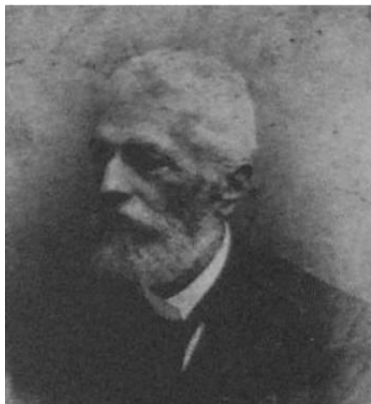


Figura 56 - Ernesto Guaita (sem data)

Fonte: Boletim Casa Romário

Martins n. 23

Autor desconhecido

Nascido em 4 de 1843 na cidade de Turim, capital da região de Piemonte, Itália, Ernesto Guaita teve sua formação na Academia Militar de Turim, diplomando-se Engenheiro Militar em 1867, sendo condecorado sub-tenente de artilharia e recebido a medalha da Emancipação Italiana.

Em 1870, pede demissão do exército para poder dedicar-se integralmente à profissão de engenheiro, após ter concluído o curso completo de construção de pontes e estradas. Anos mais tarde, Guaita vem para o Brasil juntamente com uma missão técnica a serviço do Governo Italiano, tendo decidido aqui permanecer quando os trabalhos

foram finalizados, sendo considerado por isso como “desertor”.

No Brasil, Guaita decide viver em Curitiba, aqui chegando ao ano de 1875, onde prontamente começou a trabalhar com topografia, realizando os trabalhos de construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá. Foi contratado para participar do planejamento de expansão da cidade de Curitiba, onde desempenhou um importante trabalho urbanístico.

Em 1891 foi incumbido pelo Presidente Generoso Marques dos Santos a projetar a nova sede legislativa de Curitiba. Este trabalho lançou o nome de Guaita no topo dos arquitetos do estado, passando assim a ser altamente requisitado e recebendo cada vez mais projetos de grande importância.

Mais tarde, abre seu próprio escritório de arquitetura juntamente com seu patrício Ludovico Taddei, consolidando, assim sua grande importância no cenário da produção arquitetônica na cidade. Mas Guaita não trabalhava somente com arquitetura, sua formação de Engenheiro Militar lhe possibilitava atuar nas diversas áreas complementares, abrindo o leque de atuação em Curitiba.

Por muitos anos Guaita foi nome sempre presente na capital paranaense. Sua história apresenta fatos de passagens polêmicas envolvendo seu nome, como por exemplo, a troca de insultos com Rodolfo Cardoso Pau Brasil, na ocasião da construção da atual Catedral

da cidade.

Estes episódios de exasperação contribuíram para que, pouco a pouco, sua carreira e sua reputação entrassem em declínio. Pouco se sabe sobre os dias finais de Guaita, apenas que morreu pobre e doente em um casebre no bairro Barreirinha, por volta de 1914. Guaita hoje está sepultado no cemitério do bairro Água Verde, junto a seus compatriotas no setor italiano do mesmo.

Os trabalhos em Curitiba

Algumas obras aqui citadas não possuem imagens, nem informações complementares, (como datas, usos, etc.) pelo fato de terem sido obras particulares, estarem completamente descaracterizadas ou já não existirem mais, além de não possuírem nenhum registro público que permitisse a complementação de seus dados.

As obras serão apresentadas na seguinte sequência:

Data	Obra	Uso / Função Original³²	Uso / Função Atual	Principal Atividade³³
1875	Ferrovia Curitiba-Paranaguá	Ligação com o litoral	Idem Original	Ferrovia
1881	Residência Ignácio Weiss	Residencial	Museu	Governo do Estado (Palácio da Liberdade)
1888	Planta Cadastral de Curitiba	Planejamento Urbano	Diretriz que compõe o plano urbano da cidade	-
1891	Palácio Rio Branco	Câmara Municipal de Curitiba	Idem Original	Administrativa

³² As atividades originais são caracterizadas como a função para a qual o edifício foi projetado.

³³ Como “principais atividades desempenhadas”, considera-se o uso que o edifício desempenhou ao longo de sua história, de maior significância ao ponto de atualmente ser reconhecido como tal.

1893	Residência Manoel Cunha	Misto Residencial/ Comercial	Institucional (Banco Itaú)	Institucional – Banco do Estado do Paraná BANESTADO
1904	Palácio Garibaldi	Sede da Sociedade Garibaldi	Idem Original	Agremiação Cultural
-	Casa Hertel	Misto Residencial/ Comercial	Comércio	Comércio
-	Sede do Departamento Estadual de Compras	Institucional	-	-
-	Sede do Banco Pelotense	Institucional	-	-
-	Villa Grotzner	Residencial	-	-
-	Palacete da Secretaria da Agricultura	Institucional	-	-

Tabela 1 - Obras de Ernesto Guaita em Curitiba
Autor: Analu Cadore

A seguir, apresentaremos alguns exemplares do trabalho de Guaita no âmbito urbanístico, como o plano de expansão, desenhado por ele e o parecer técnico enviado à Câmara Municipal:

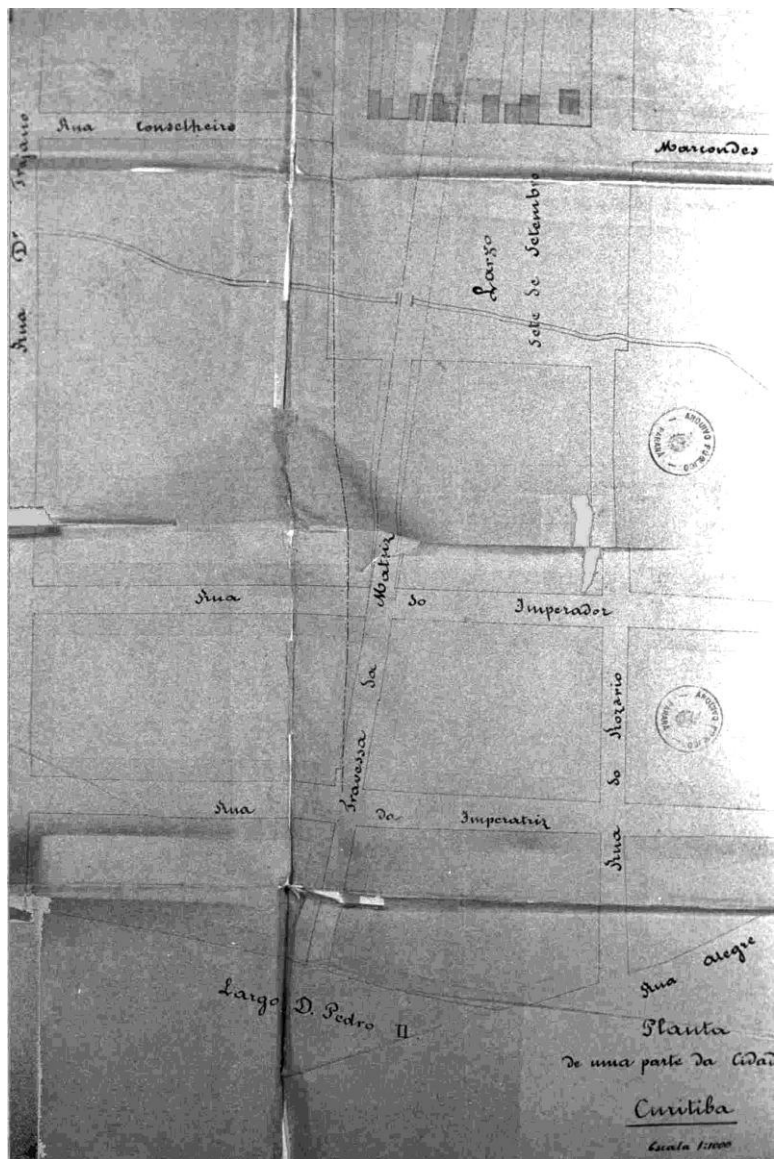


Figura 57 - Plano de expansão de 1885 de Ernesto Guaita

Fonte: Casa da Memória

Autor: Fundação Cultural de Curitiba – Casa da Memória (imagem)

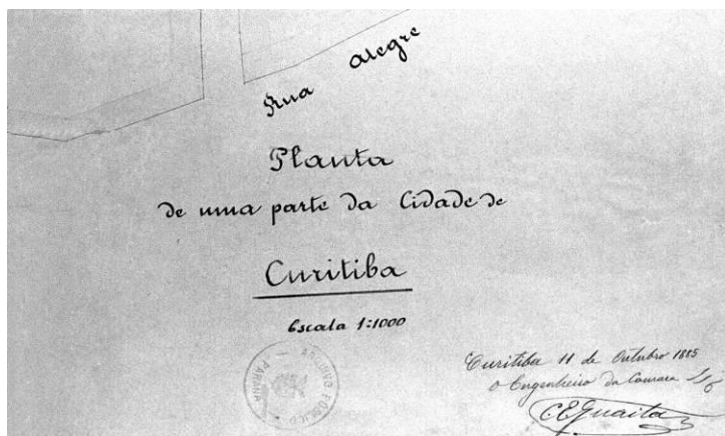


Figura 58 - Imagem destacando a data e assinatura de Guaita no plano de Expansão

Fonte: Casa da Memória

Autor: Fundação Cultural de Curitiba

No ano de 1885, Guaita envia à Câmara Municipal da cidade a correspondência transcrita a seguir:

“Devendo-se principiar em breve o serviço para levantamento do cadastro da cidade e do Rocio, cumpre-me apresentar a Vossas Senhorias, sobre a necessidade de algumas alterações nas ruas da cidade, não só atendendo à economia municipal como às necessidades urbanas. Algumas ruas, prolongadas da cidade velha, para a parte nova que se estende para a Água Verde ficam muito pequenas ou estreitas. Isto obriga a Câmara a fazer construções e iluminação de ruas com prejuízo para os aforamentos.

Em construção sucede que em outras partes se devam abrir ruas que ainda não estão entregues ao trânsito. Em relação a estas, para que se deve entregar ao trânsito o prolongamento da rua conhecida por “Viaduto” ou Schmidlin, bem como se deve abrir a rua projetada entre o extremo leste do Largo da Estação e a Rua da Misericórdia, onde precisa desapropriar Francisco Antônio Ribeiro, que ali tem uma casa e benfeitoria de pouco valor. Deixando como está, fica o Largo da Estação sem a precisa simetria e com ofensa à estética.

Assim, pois, proponho que sejam prolongadas estas ruas e que o prolongamento da Assembléia não vá além da Barão de Guarapuava, que a Travessa da Misericórdia próxima ao Quartel do 3^o Regimento de Artilharia vá somente até a Barão de Guarapuava, e que é inútil conservar a travessa junto a casa do ilustríssimo senhor Augusto Stelfeld, porque não tem saída e obriga a Câmara a conservar o rio, quando isso será preferível que façam os particulares.”³⁴

Guaita, através deste documento, demonstrou uma visão objetiva sobre as medidas que se faziam necessárias na cidade para que esta pudesse acompanhar o forte crescimento da época. Para tanto, a municipalidade solicitou a Guaita a Primeira Planta Cadastral da cidade e o projeto para a nova expansão urbana.

1888 - Primeira planta cadastral da cidade

Em solicitação do Município de Curitiba, Guaita realiza em 1888 a primeira planta cadastral da cidade, onde foi planejada a expansão para acompanhar seu evidente crescimento.

O traçado de Guaita seguia o modelo de linhas reticuladas onde já estabelecia ruas de suma importância como as avenidas Sete de Setembro, Visconde de Guarapuava, Silva Jardim e Iguaçu, todas com largura de 30m, fato que demonstra sua percepção de espaço e funcionalidade urbana. É considerado o melhor plano de arruamento da cidade.

Em seu projeto, Guaita estabelece as ruas XV de Novembro e Barão do Rio Branco (então Rua da Liberdade) como eixos reguladores e traça todo o arruamento paralelo a estes. Esta postura resultou no traçado que encontramos no centro da cidade, que foi o plano que previu a expansão das áreas de comércio e indústria da época, chamado de “Nova Curitiba” (Dudeque, 1997)

Segundo o historiador Marcelo Sutil:

“Guaita foi responsável, na década de 1880, pela proposta de toda a malha urbana, semelhante a um tabuleiro de xadrez, encontrada entre a antiga estação ferroviária e o centro urbano. Na sua correspondência à Câmara, termos como simetria e ofensa à estética ilustram bem um vocabulário

³⁴ **GUAITA, Ernesto. Relatório.** Curitiba: Câmara Municipal de Curitiba, 26 de Fevereiro de 1885. [Transcrição do Livro de Marcelo Sutil, 2009 páginas 119 e 120.]

comum e encontrado em vários documentos dos camaristas.” (SUTIL 2009 pg. 120)

Guaita possuía um senso estético aguçado, juntamente com uma noção de espacialidade únicas para a época. Em parecer emitido para a Câmara Municipal de Curitiba, em 1885, Guaita já apontava procedimentos necessários para as melhorias propostas na cidade antiga em direção à *cidade nova* (termo utilizado para denominar o espaço de expansão da cidade, que abrangia os Bairros Rebouças e Água Verde).

A preocupação de Guaita com o planejamento urbano não abarcava tão somente a estética. Temas como higiene e salubridade constituíam fatores considerados pelo engenheiro como essenciais no procedimento de planejamento.

Estas posturas adotadas por Guaita no final do século XIX tiveram singular impacto no desenvolvimento urbano da cidade, tanto que sua intervenção é ainda evidente no traçado da cidade e foi mantido pelos vários outros planejadores que transformaram Curitiba num referencial de planejamento urbano como é conhecida atualmente.

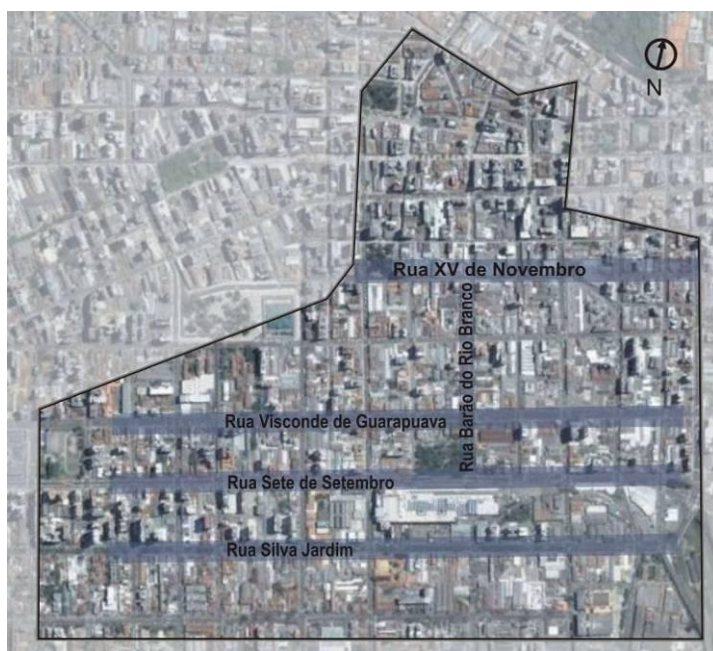


Figura 59 - Simulação do Plano Guaita (*Nova Curitiba*)
Mapa base: Google (2010) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

Principais projetos de arquitetura

Além dos projetos urbanísticos, Ernesto Guaita foi responsável por alguns dos projetos dos edifícios mais importantes do fim do *oitocento* curitibano. Esta referida importância está no fato de serem invulgaes testemunhos da arquitetura de um período que marcou profundamente o panorama urbano da capital.

Além disso, tais obras foram palco de importantes acontecimentos da história da cidade e desempenharam papéis que os marcaram a ponto de ainda hoje serem lembradas como tal. Por muitos anos sediaram os mais importantes órgãos e agências do estado, como a sede do Governo, do Banco do Estado do Paraná (BANESTADO), Câmara Municipal, e a principal sociedade de imigrantes italianos na cidade.

Para este trabalho foram selecionadas quatro de suas obras, conhecidas hoje como: *Palácio Garibaldi*, *Câmara Municipal de Curitiba*, *Antigo BANESTADO* e *Museu da Imagem e do Som*. Estes edifícios foram escolhidos por sua relevância e imponência no cenário urbano de Curitiba e do Estado, os quais compõem o acervo do Patrimônio Histórico do Estado do Paraná, tombados e salvaguardados pelo poder estadual.

Segundo a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (SEEC) que é responsável pela proteção destes imóveis, o tombamento se deu tanto pelo seu valor arquitetônico como histórico. Segundo a Lei Estadual nº 1.211 de 16 de Setembro de 1953, que dispõe sobre o Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Estado do Paraná, em seu artigo primeiro, considera:

“Artigo 1º - Constitui o patrimônio histórico, artístico e natural do Estado do Paraná o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no Estado e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Paraná, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico, assim como os monumentos naturais, os sítios e paisagens que importa conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana.”

Outro motivo, além da sua evidente representatividade para a cidade de Curitiba, é o fato de elas se encontrarem em um estado de conservação que permite uma análise de sua arquitetura como documento. Ao longo dos anos, obviamente, acabaram sofrendo

algumas intervenções, mas estas quatro principais obras apresentam integridade de grande parte de sua construção original e as informações sobre os edifícios são encontradas com alguma facilidade nos órgãos de patrimônio e cultura da cidade e do estado.

Com isso, pretende-se realizar um exercício de leitura arquitetônica de quatro edifícios projetados por Ernesto Guaita, a fim de verificar os princípios de composição e ornamentação de fachadas, plantas, inserção do edifício no lote, localização, entorno e através disto, reafirmar a importância de Guaita como um dos maiores nomes do ecletismo em Curitiba no final do Século XIX.

Os quatro exemplares arquitetônicos de Guaita e a cidade atual

As obras selecionadas para estudo localizam-se na área central da cidade de Curitiba, região caracterizada hoje pela intensa movimentação, forte comércio e atividades administrativas, onde circulam diariamente milhares de pessoas.

Mesmo no final do século XIX, esta região já possuía sua importância por condensar as principais atividades econômicas e administrativas da cidade. Com o passar dos anos, tais atividades foram se consolidando no local e construindo assim uma paisagem que mescla o antigo e o contemporâneo.

A região estudada, que compreende a faixa que parte da Antiga Estação Central, através da Rua Barão do Rio Branco, cruzando perpendicularmente a Rua XV de Novembro, abrangendo o Setor Histórico. O mapa a seguir delimita mais precisamente a área em estudo, situando-a em relação à cidade e localizando as edificações abordadas.

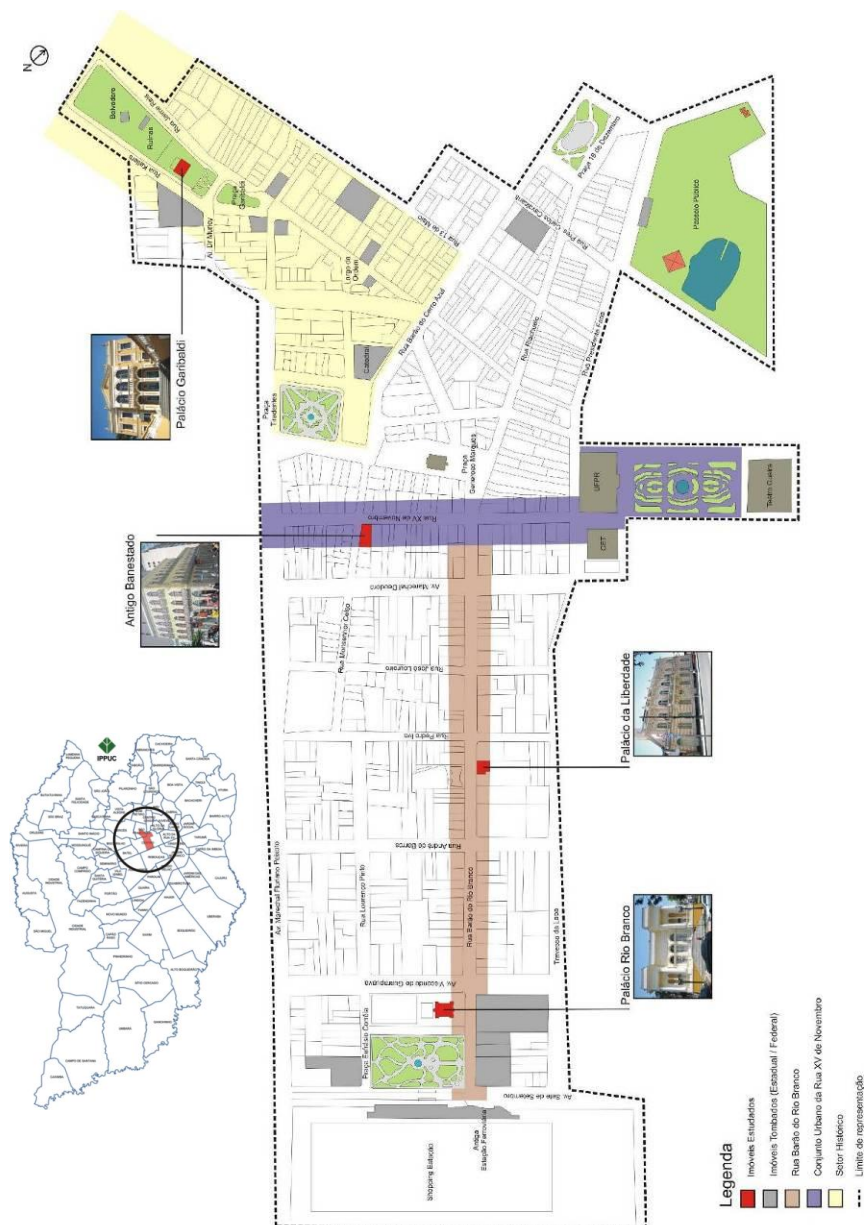


Figura 60 - Mapa de localização dos edifícios estudados
 Mapa base: Fonte: IPPUC /1998 Com intervenção gráfica de Analu Cadore/2008

Os sítios onde se encontram os edifícios estudados neste trabalho estão localizados em regiões que tiveram sua ocupação atrelada ao desenvolvimento da cidade. No final do século XIX, Curitiba já tomava ares de uma capital cosmopolita. Foi então que se iniciou a preocupação com o crescimento urbano resultando nos primeiros planos de expansão urbana.

Atualmente, a referida região possui ainda os traços marcantes de outrora. Caracterizada pela grande movimentação, apresenta todas as características de um centro de uma grande cidade: grande concentração de comércios, serviços, instituições etc.

As regiões onde estão localizadas as quatro obras estudadas estão divididas politicamente em dois bairros contíguos: Centro e São Francisco.

De acordo com o zoneamento da cidade, os bairros do Centro e São Francisco correspondem respectivamente à Zona Central (ZC) e Zona Residencial 4 (ZR4), sendo que, dentro deste zoneamento, foi criado um setor específico englobando o setor histórico da cidade, o Setor Especial Histórico (SH).

Através da Lei de Zoneamento e Uso do Solo da cidade de Curitiba, estas zonas estão definidas como:

A Zona Central - ZC, centro tradicional da cidade, é caracterizada pela grande concentração de atividades e funções urbanas de caráter setorial. (Art. 6)

O Setor Especial Histórico - SH, parte da área central, engloba um grande número de edificações originárias do processo de ocupação da cidade do fim do século XIX e início do século XX, caracterizando o núcleo urbano com maior expressão histórica e cultural. (Art. 23)

Dentro destas configurações de bairros, as ruas onde se localizam as edificações selecionadas para estudo também apresentam grande relevância. São ruas amplamente conhecidas e que atualmente concentram grande número de atividades e que no final do séc. XIX já possuíam sua representatividade para Curitiba, como veremos a seguir.

A Rua Barão do Rio Branco

Situada na região central, a antiga *Rua da Liberdade* tem seu início na Antiga Estação Ferroviária e Praça Eufrásio Correia, seguindo até a Praça Generoso Marques, cruzando as Avenidas Marechal Deodoro e XV de Novembro.

Sua arquitetura concentra um grande número de edifícios que se destacam pela representatividade histórica, retratos de um período marcante para a cidade, onde começou a se formar a paisagem arquitetônica da então capital.

No final do século XIX, era conhecida como “a rua do poder”, pois era nela que se situavam o Palácio do Congresso, o Palácio do Governo e o Paço Municipal. Foi nesta rua que pela primeira vez uma linha de bondes circulou pela cidade. O estacionamento destes bondes localizava-se na frente do *Congresso*³⁵, onde ainda hoje se podem encontrar os trilhos remanescentes.

Hoje em dia pode-se perceber a imponência do casario circundante, que ressalta ainda mais a importância deste local. Atualmente está em curso um plano de revitalização de toda a rua, até a Rua Riachuelo que leva ao Passeio Público, antiga rota de produtos e trecho de forte circulação. Como a Rua Barão do Rio Branco tem seu início na Estação de trem, antiga porta de entrada da cidade, o chamado Eixo Barão - Riachuelo se consolidava como rota de quem chegava à cidade e seguia sentido ao litoral do estado, seguindo a Rua Riachuelo, passando pelo Passeio Público e seguindo pela Estrada da Graciosa em direção à Paranaguá.

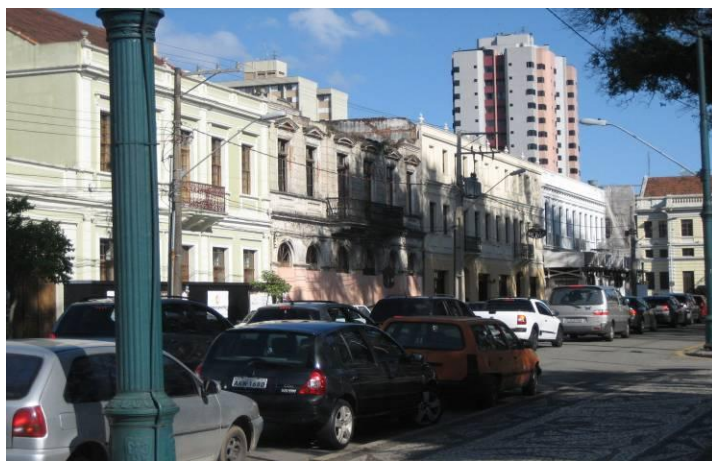


Figura 61 Casario da Rua Barão do Rio Branco, em frente à antiga estação - 2010
Acervo da autora

³⁵ Palácio Rio Branco.

O projeto de revitalização busca o resgate de sua feição histórica através da recuperação dos edifícios de interesse histórico e da adequação das construções mais recentes. Alguns dos mais importantes imóveis tombados da cidade se encontram nesta rua.

Hotéis, centros de convenções, prédios administrativos, museus, bares, lojas, praças e um dos maiores shoppings da cidade compõem atualmente o panorama da Rua Barão, como é conhecida. Com a revitalização, muitos dos prédios antigos estão recebendo tratamento adequado, recompondo a paisagem e paulatinamente resgatando o ar nostálgico que é característico da rua.

Guaita contribuiu em diversas áreas para a nova feição da capital. Os locais onde implantou suas obras eram de destaque no novo cenário que se construía. Os edifícios da Câmara Municipal (Palácio Rio Branco) e da Residência Weiss (que mais tarde veio a servir como sede do Governo do Estado) encontram-se na Rua Barão do Rio Branco. As características da rua na época em que os edifícios projetados por Guaita foram construídos era composta por edifícios de até três pavimentos, construídos no alinhamento, como mandava o Código de Posturas.



Figura 62- Rua Barão do Rio Branco vista a partir da rua XV de novembro.

Destaque para o prédio da antiga estação ao fundo – foto de 1905

Fonte: Boletim Casa Romário Martins – Coleção Júlia Wanderley

Autor: Anibal Requião



Figura 63-Foto mostrando a Rua Barão do Rio Branco, então Rua da Liberdade, no início do século xx. À esquerda, o edifício da Residência Weiss e ao fundo a antiga Estação Ferroviária.

Fonte: Boletim Casa Romário Martins – Coleção Júlia Wanderley
Autor desconhecido



Figura 64 - Foto da Rua Barão do Rio Branco 2010
Acervo da autora



Figura 65 – Foto da Rua XV de Novembro em 1896

Fonte: Casa da Memória

Autor Desconhecido

Rua XV de Novembro

Também conhecida como *Rua das Flores* é considerada o coração de Curitiba, onde se concentra um dos mais importantes conjuntos urbanos da cidade. Foi a primeira rua no país a ser fechada ao tráfego de automóveis, privilegiando os pedestres.

Em meados do séc. XIX era chamada de *Rua da Imperatriz*, em homenagem à visita do casal imperial em 1880. Depois, em 1889 passou a chamar-se XIV de Novembro devido à Proclamação da República.

O trecho compreendido entre as praças Santos Andrade e Osório tem sua paisagem tombada pelo Patrimônio Histórico do Estado, por possuir grande parte do casario eclético do final do século XIX, intercalado por algumas edificações modernas. Sua arquitetura é testemunho dos vários estágios que a cidade passou, possuindo edifícios ecléticos, art-nouveau, art-déco e até modernistas.

O primeiro edifício de três pavimentos da antiga Rua da Imperatriz foi projetado por Guaita para servir de comércio e residência ao imigrante português Manoel Cunha. Construído em 1883, se destaca do conjunto por seu pavimento térreo em cantaria, com arcos ogivais de linguagem gótica, e os demais pavimentos revestidos com ladrilhos amarelos importados de Portugal. Mais conhecido como Antigo Banestado e “prédio gótico da Rua XV”, hoje o edifício abriga uma agência bancária.



Figura 66 - Rua XV de Novembro na década de 1900. Destaque para o edifício de Manoel Cunha

Fonte: ArquivBrasil
Autor desconhecido



Figura 67 – Rua XV de Novembro – 2010
Acervo da autora

O historiador Marcelo Sutil, em texto elaborado para o volume de *Arquitetura Eclética do Roteiro de Arquitetura e História de Curitiba* (não publicado) fala sobre as Ruas Barão do Rio Branco e XV de Novembro, e sintetiza os principais aspectos que caracterizam estas ruas no contexto urbano atual da cidade:

“Porta de entrada para o viajante que aqui desembarcasse no início dos anos 1900, a Praça Eufrásio Correia e a rua que dela partia, a da Liberdade, definiram e representaram o projeto de expansão pensado para Curitiba do início do século. Um largo arborizado e uma via compacta na solidez dos seus sobrados ecléticos que, em conjunto com a Rua XV e a Praça Tiradentes, transformou-se na marca de um novo tempo para a cidade. Comércio variado, hotéis, residências particulares e prédios do governo deram aos três logradouros ares cosmopolitas.(...)”

A Rua 15, por sua vez, era a mais cosmopolita e moderna da cidade. Foi a primeira a receber pavimentação asfáltica, em 1926, e a ostentar os cafés, bares, restaurantes, jornais, livrarias, cinemas e hotéis. Rua das manifestações populares e dos corsos carnavalescos. Rua do primeiro calçadão do país, obra que, em poucos dias, pegou todos os curitibanos de surpresa em 1972. (...)E também a rua de prédios emblemáticos, como o da agência bancária na esquina com a Rua Monsenhor Celso. Construído em 1883 pelo mestre-de-obras alemão Henrique Henning, sob projeto do engenheiro italiano Ernesto Guaita, o edifício inicialmente serviu de moradia e ponto comercial para um imigrante português. Suas janelas em arco ogival, dando características neogóticas ao imóvel, além do revestimento amarelo de suas fachadas, transformaram-se numa das imagens mais conhecidas e referenciadas na paisagem da rua. (...)

Praça Garibaldi

Localizada em pleno Centro Histórico, antigamente conhecida como Largo do Rosário, devido à Igreja do Rosário logo adiante, a Praça Garibaldi recebeu este nome em Homenagem a Giuseppe Garibaldi e à Sociedade Garibaldi, que se encontra em frente à praça.

Ladeada por edifícios de singular importância e imponência, a praça configura um dos mais importantes endereços da cidade. Edifícios como o Palacete Wolf, sede da Fundação Cultural de Curitiba, a Igreja do Rosário, Palácio Garibaldi e outros casarios importantes historicamente dividem o espaço da praça, além do famoso Relógio das Flores.

Extensão da região conhecida por “Largo da Ordem”, denominação oriunda do espaço diante da Igreja da Ordem, coração do Centro Histórico de Curitiba, hoje é um dos endereços mais nostálgicos da cidade. A grande concentração de centros culturais e artísticos, além de bares e Igrejas consolida ainda mais o local como ponto turístico e de encontro.



Figura 68 - Largo da Ordem em 1880

Fonte: Casa da Memória

Autor desconhecido



Figura 69 – Praça Garibaldi e entorno – 2010
Acervo da autora

Nas páginas anteriores foi realizado um breve apanhado sobre o contexto em que as quatro obras selecionadas estão inseridas na cidade, abordando sua localização e entorno e a vinculação destes espaços com a história de Curitiba.

Como pudemos perceber, os quatro edifícios que serão apresentados estão localizados na área central da cidade, onde sua história está vinculada diretamente à história do desenvolvimento urbano de Curitiba. Três dos quatro edifícios escolhidos para estudo encontram-se em áreas bastante próximas (Palácio Rio Branco, Palácio da Liberdade e Antiga Residência e Comércio Cunha), sendo que o Palácio Rio Branco e o Palácio da Liberdade estão localizados na mesma rua, distanciados apenas alguns quarteirões um do outro. Já o Palácio Garibaldi está relativamente mais afastado dos demais, mas ainda inserido no contexto histórico da cidade.

A seguir, abordaremos as quatro obras selecionadas para este trabalho de forma individual, realizando o exercício de leitura caso a caso, fazendo para tanto a apresentação dos edifícios em ordem cronológica.

RESIDÊNCIA WEISS

Histórico



Figura 70 - Gravura de 1890

Fonte: SEEC

Autor desconhecido

O edifício conhecido como Palácio da Liberdade foi originalmente construído para servir de residência do engenheiro e imigrante português Leopoldino Ignácio Weiss e sua família.

A monumentalidade e o requinte dos detalhes arquitetônicos e ornatos são o maior destaque deste edifício.

Vinte anos depois, o edifício foi comprado juntamente com toda a sua mobília pela Fazenda Nacional e em 1892 passou a abrigar a sede do Governo do Estado do Paraná.

O então Palácio da Liberdade foi palco de muitas atividades administrativas do Estado, desde a gestão de Generoso Marques, o primeiro governador eleito do estado, até meados dos anos 30, quando na época da ditadura de Getúlio Vargas, passou a ser ocupado pelo interventor Manoel Ribas.

Em 1938, o edifício passou a ser a sede da Chefatura de Polícia do Estado, desempenhando este papel por trinta anos até que, em 1968 deu abrigo à Secretaria do Interior e Justiça. Em 1989, passou a ser a sede do Museu da Imagem e do Som, papel que desempenha até hoje.

Seu destaque na paisagem da antiga Rua da Liberdade, imponência e requinte, permanecem ainda hoje marcando com a mesma austeridade a Rua Barão do Rio Branco. Assim como as demais obras de Guaita, demonstra claramente o ideal classicista da arquitetura eclética do período, que marcou a paisagem da cidade de Curitiba com requintes de uma cidade de grande pujança e prosperidade.

Atualmente, o prédio passa por reformas que visam à recuperação de seus elementos arquitetônicos originais e resgatar a imponência que é pertinente à uma edificação deste porte. No projeto, desenvolvido pela Secretaria de Estado da Cultura, estão previstas ações no sentido de devolver ao edifício as marcas singulares no projeto do arquiteto italiano Ernesto Guaita. Serão removidos os acréscimos e alterações realizadas ao longo dos anos e a fachada do Palácio da Liberdade terá novamente a simetria e proporções que tão brilhantemente destacaram este edifício no rol de obras do ecletismo curitibano.



Figura 71 - Foto de 1923
Fonte: Arquivos SEEC
Autor desconhecido



Figura 72 - Vista dos edifícios e da Rua Barão do Rio Branco em 1900

Fonte: SEEC

Autor desconhecido



Figura 73 - Foto da década de 1920

Fonte: SEEC

Autor desconhecido



Figura 74 - Foto após a ampliação de 1949
Fonte: SEEC
Autor desconhecido



Figura 75 - Residência Weiss – foto de 2009
Acervo da autora

Informações Gerais

Localização: Rua Barão do Rio Branco, nº 395

Data de construção: 1881

Uso: (original) **Residencial** /(atual) **Institucional** - Museu da Imagem e do Som

Tombamento Estadual processo nº 60-II / inscrição nº 59 de 1977

Proprietário: Estado do Paraná

Referências: Antigo Palácio do Governo

Antiga Secretaria de Justiça

Museu da Imagem e do Som

Cronologia

1881: construção;

1901: aquisição, juntamente com seu mobiliário original, pela Fazenda Nacional;

1902: passa a ser propriedade do Estado do Paraná;

1902 – 1938: sede do Governo do Paraná;

1938 – 1968: sede da Secretaria do Interior e Justiça, setores como a Chefatura de Polícia (1938 – 1942) e demais setores relacionados;

1969 - atualmente: Museu da Imagem e do Som (MIS)

Relação com o entorno e edifícios vizinhos

Entorno

O edifício situa-se no início da Rua Barão do Rio Branco, entre as ruas André de Barros e Pedro Ivo.

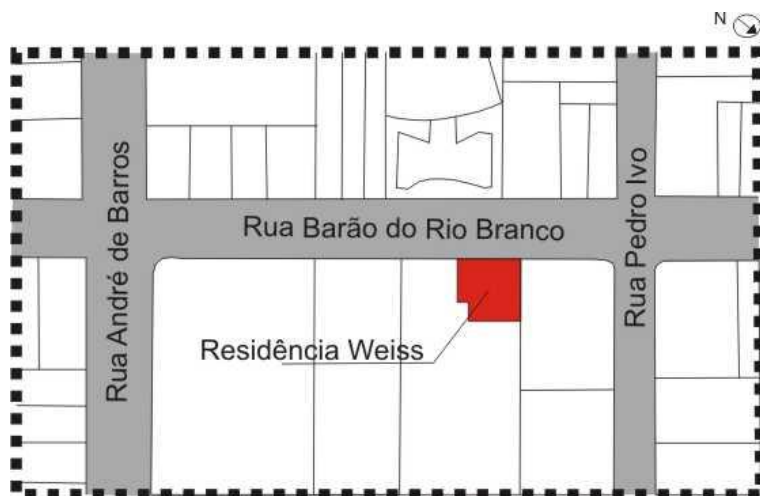


Figura 76 - Esquema da divisão de lotes e localização
Mapa Base: IPPUC / 1998 com intervenção gráfica de Analu Cadore /2010

Nas proximidades do edifício, existem algumas construções da mesma época (séculos XIX e XX) e algumas intervenções novas. Os usos mais comuns na região são para prestação de serviços e comércio.

Em frente está localizado o Centro de Convenções de Curitiba, uma construção contemporânea, e à sua esquerda o Antigo Hotel Johnscher, uma edificação de 1917 que hoje funciona como um Hotel da categoria *Hotéis de charme* e possui um dos restaurantes mais premiados da cidade. Os demais edifícios do entorno da Residência Weiss são exemplares de arquiteturas de diversos períodos e estilos, representando claramente a passagem da região no tempo e as intervenções sofridas no local.

No que compete ao gabarito, atualmente edifícios verticalizados de grande altura se destacam na paisagem circundante, transpassando em muito o gabarito do edifício em questão.

Já as construções imediatamente vizinhas possuem gabarito

semelhante ao da Residência Weiss, variando em nível de um pavimento acima ou abaixo, o que permite que o edifício ganhe algum destaque na paisagem, através de um sutil isolamento em relação aos limites do lote, o que permite sua visualização através da perspectiva da rua.



Figura 77- Foto do entorno e gabarito da Rua Barão do Rio Branco em direção à Rua Pedro Ivo (2010)
Acervo da autora



Figura 78 – Foto do entorno e gabarito da Rua Barão do Rio Branco em direção à Rua André de Barros (2010)
Acervo da Autora

O lote

A inserção do edifício no lote respeita o alinhamento predial na fachada frontal e encosta na divisa do lote vizinho à esquerda, existindo um corredor lateral que separa as duas edificações, marcado na fachada com um portão. Esta aproximação maior do edifício à fachada lateral esquerda proporciona um espaço na lateral direita que era utilizado como jardim, que poderia ser observado através da sacada formada sobre o acesso de veículos na lateral direita.



Figura 79 Visualização da inserção do edifício no lote e relação com edificações vizinhas (2010)

Mapa base: Google (2010) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

Fachada e Plantas - Fachada

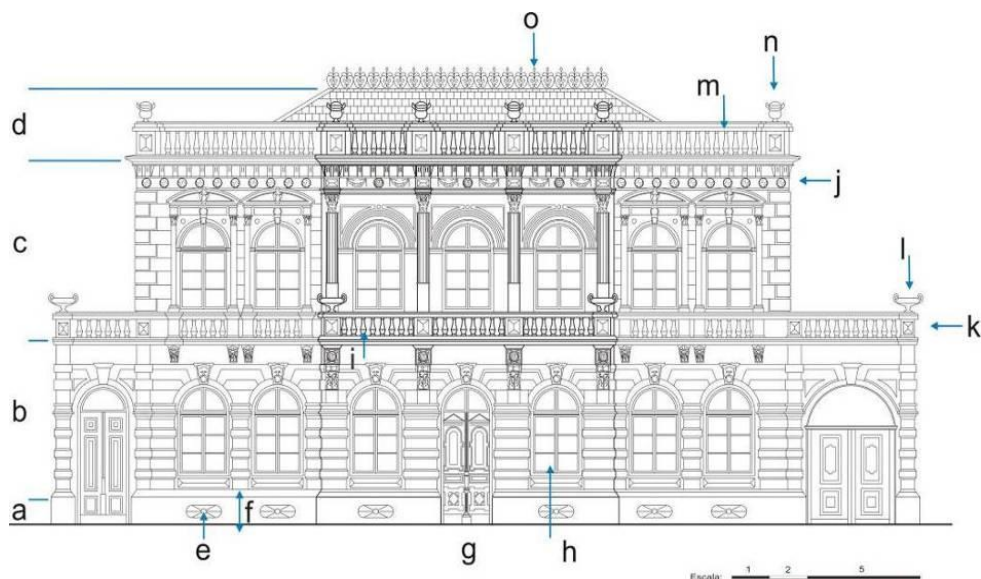


Figura 80 - Esquema da fachada original com as correspondências de leitura
Desenho: Analu Cadore (2009)

O referido edifício apresenta uma fachada composta por embasamento (a), corpo principal de dois pavimentos (térreo e superior) (b e c) e coroamento (d).

Possui uma composição simétrica, com a parte central ligeiramente destacada do resto do conjunto.

O embasamento é identificado pela presença de gateiras (e), alinhadas na parte inferior de cada janela do pavimento térreo, e o porão elevado (f).

O pavimento térreo é composto por uma abertura central (g), ladeada por seis esquadrias de madeira, sendo janelas, três para cada lado (h). A porta marca o eixo central da composição.

O pavimento superior consiste em um balcão no destaque central (i), ornamentado com colunas, capitéis e arremates com motivos fitomórficos (j).

O refinamento dos ornamentos é maior neste segundo pavimento, conferindo maior nobreza e destaque ao mesmo.

Na linha de divisão dos dois pavimentos, uma balaustrada (k)

semelhante ao coroamento, que formam o peitoril do balcão e continuam ornamentando a parte inferior das janelas. Compoteiras de ferro (l) ornamentam as extremidades da balaustrada e balcão.



Figura 81 - Foto de uma das gateiras
Acervo da autora (2010)

O coroamento é composto por balaústres (m) e pilastras de alvenaria (n), encimadas por compoteiras.

O telhado em telha cerâmica tipo Francesa era ornamentado por um rendilhado em ferro fundido (o).



Figura 82 - Foto dos ornamentos segundo pavimento
Acervo da autora (2010)

Nas laterais do edifício, existem duas entradas. O acesso lateral esquerdo é composto por uma porta simples com bandeira em ferro forjado e o acesso lateral direito é maior, destinado provavelmente a servir de acesso de veículos.

Ainda na lateral direita, o pavimento superior se estende sobre o acesso lateral direito formando uma sacada. Estes acessos laterais provavelmente serviam como o recuo exigido pela fiscalização para dar privacidade aos moradores e vizinhos e também contribuir com a insolação e ventilação dos cômodos internos.



Figura 83 - Foto do coroamento (2010)
Acervo da autora



Figura 84- Foto da ornamentação sob o balcão (sem data)

Fonte: SEEC
Autor desconhecido



Figura 85 - Foto mostrando as compoteiras e demais ornamentos do balcão (2010)

Acervo da autora



Figura 86 - Foto de uma das compoteiras em ferro (sem data)

Fonte: SEEC

Autor desconhecido

Plantas

Pavimento térreo

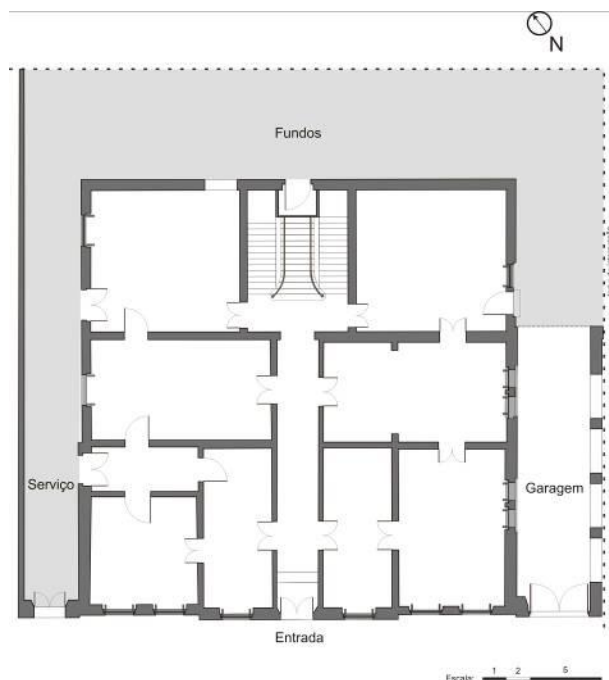


Figura 87 - Planta pavimento térreo
Desenho base: SEEC (2003) / intervenção gráfica de Analu Cadore
(2009)
Acervo da autora

A composição do edifício se dá com forte marcação da simetria e proporção. Nota-se que a medida da frente (considerando apenas o partido interno) é ligeiramente diferente da lateral, formando, assim, uma planta quadrada.

Através da planta do pavimento térreo, pode-se perceber que o partido se desenvolve a partir de um eixo de circulação central longitudinal de onde partem os cômodos de ambos os lados do corredor, que se comunicam entre si. Os corredores laterais são visivelmente identificados e davam acesso exterior ao edifício.

Logo na porta de entrada nota-se o patamar com dois degraus que elevam o acesso de quem entra pelo nível da rua até o nível do piso interno da residência.

Levantamentos realizados pela SEEC apontam que os cômodos

de serviço eram os localizados na extremidade posterior da residência, acessados externamente por uma porta nos fundos do edifício e pelos corredores laterais e internamente por um discreto acesso ao lado da escadaria.

Os cômodos mais de frente para a rua eram destinados às atividades sociais da residência: sala de estar, biblioteca, escritório, etc.



Figura 88 - Foto do patamar de entrada

Fonte: Levantamento SEEC (2003)

Autor desconhecido

Pavimento superior

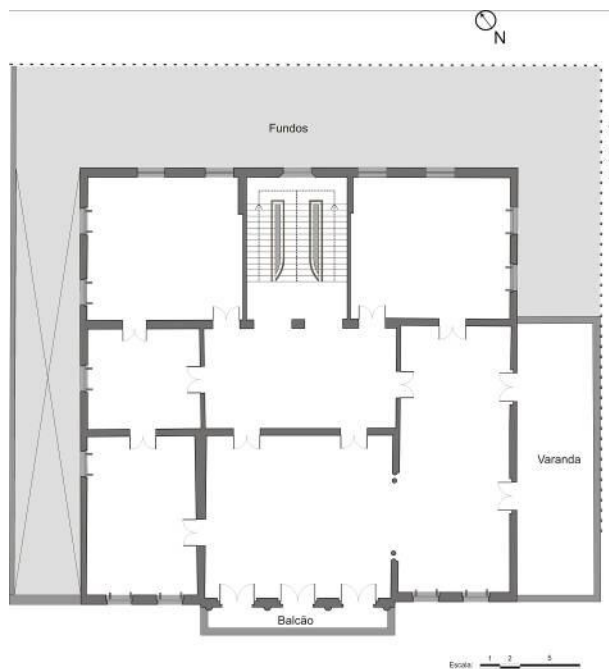


Figura 89 - Planta baixa pavimento superior
Desenho base: SEEC (2003) / com intervenção gráfica de Analu Cadore
Autora: Analu Cadore

O pavimento superior apresenta partido semelhante ao térreo, alterando-se apenas o posicionamento de algumas divisões internas e o dimensionamento dos cômodos.

A circulação vertical passa para uma sala centralizada que se comunica com todos os cômodos, distribuindo assim seus acessos.

Assim como no pavimento térreo, percebe-se a simetria da disposição dos cômodos, marcado pelo eixo central que corta longitudinalmente a composição, rebatendo a mesma configuração do partido em ambos os lados.

Considerações: A Residência Weiss constitui um edifício típico do ecletismo, fato notável através da composição de sua arquitetura. Em relação aos edifícios do período, possui características que o destaca dos

demais, como a ornamentação e a implantação.

Analisando o fato de ter sido projetado com a função de residência, sua composição de fachada apresenta uma variedade de ornamentos que se costumava utilizar em edifícios públicos. Como já vimos anteriormente, o ecletismo teve de fato esta característica, onde o acesso das classes mais abastadas aos elementos decorativos oriundos da Europa se fazia de forma bastante comum através dos catálogos.

A burguesia lançou mão destas possibilidades e passou a adotar os ornamentos mais refinados para suas residências, buscando assim, comunicar seu status social. No edifício em questão, seu proprietário era um imigrante alemão que havia alcançado uma grande ascensão social e econômica na cidade, e solicitou a Guaita, seu então sócio, que projetasse uma residência que fizesse jus a sua posição.

No tocante à implantação, verificou-se o afastamento das divisas laterais formando, de um lado, um corredor aberto e do outro, um jardim. Assim como as demais residências de classes abastadas do período no resto do Brasil, essa conformação de soltura da casa das divisas e a existência de jardim lateral era bastante comum.

No partido arquitetônico também encontramos traços bastante característicos das residências ecléticas do período, como a elevação do nível do térreo, a circulação central, o patamar de entrada, o balcão no pavimento superior, etc. Apenas um elemento compositivo verificado em planta remete mais ao formalismo arquitetônico do estilo: a proporção e hierarquia dos ambientes e a comunicabilidade entre eles.

Assim sendo, o edifício da Residência Weiss é um típico edifício do período, com as peculiaridades de ser extremamente rebuscado em relação às demais residências da época, mas se enquadra no contexto histórico e arquitetônico no período na cidade de Curitiba.

PALÁCIO RIO BRANCO

Histórico

No ano de 1890 o governo do estado solicitou ao engenheiro italiano Ernesto Guaita um projeto para o novo Palácio do Congresso. A data da conclusão da obra não é precisa, mas estima-se que seja entre 1895 e 1896.



Figura 90 - Foto de 1892

Fonte: Site da Câmara Municipal de Curitiba -

www.cmc.pr.gov.br

Autor desconhecido

Logo após a Proclamação da República, a Assembléia Legislativa Estadual se instalou no novo edifício e ficou ali sediada até a transferência das atividades legislativas para o Centro Cívico, em 1957.

A obra do Palácio do Congresso foi de tanto destaque que fez a carreira de Ernesto Guaita atingir o status de profissional mais requisitado na cidade. Conhecida como um dos maiores exemplares da arquitetura do final do século XIX em Curitiba, o edifício do Palácio do Congresso, hoje conhecido como Câmara Municipal de Curitiba é um dos mais marcantes da cidade.

Apesar de não ter sofrido muitas modificações, o edifício necessitou de ampliações para melhor atender as necessidades desempenhadas. Em 1972 foi construído um anexo para abrigar as atividades administrativas e os gabinetes dos vereadores e do presidente da Câmara.

Ainda hoje o palácio Rio Branco abriga as funções legislativas municipais e atualmente passa por obras de recuperação e restauro. Permanece, ainda, como um dos maiores exemplares da arquitetura da segunda metade do século XIX em Curitiba.



Figura 91 - Imagem de 1904

Fonte: Casa da Memória

Autor desconhecido



Figura 92 - Foto de 1915

Fonte: Casa da memória

Autor desconhecido



Figura 93 - Foto de 1948
 Fonte: Site da Câmara Municipal de Curitiba
 Autor desconhecido



Figura 94 – Foto de 2010
 Acervo da autora



Figura 95 - Palácio Rio Branco – foto de 2009
Acervo da autora

Informações Gerais

Localização: Rua Barão do Rio Branco, nº 720, esquina com Avenida Visconde de Guarapuava.

Data de construção: 1890

Uso: Institucional - Câmara Municipal de Curitiba

Tombamento Estadual Processo nº 62-II, Inscrição nº 99 de 1977

Proprietário: Câmara Municipal de Curitiba

Referências: Câmara Municipal

Palácio Rio Branco

Palácio da Assembléia Legislativa

Palácio do Congresso

Cronologia

1890: início do projeto

1895: conclusão

1896 - 1957: Assembléia Legislativa do Estado do Paraná

1957: início da instalação da Câmara

1963: instalação definitiva da Câmara Municipal

Relação com entorno e edifícios vizinhos

Entorno:

O edifício está situado no trecho final da Rua Barão do Rio Branco, tem sua lateral direita esquina com a Rua Visconde de Guarapuava e sua lateral esquerda a Praça Eufrásio Correia e a antiga Estação de trem. Nos fundos, a Rua Lourenço Pinto.

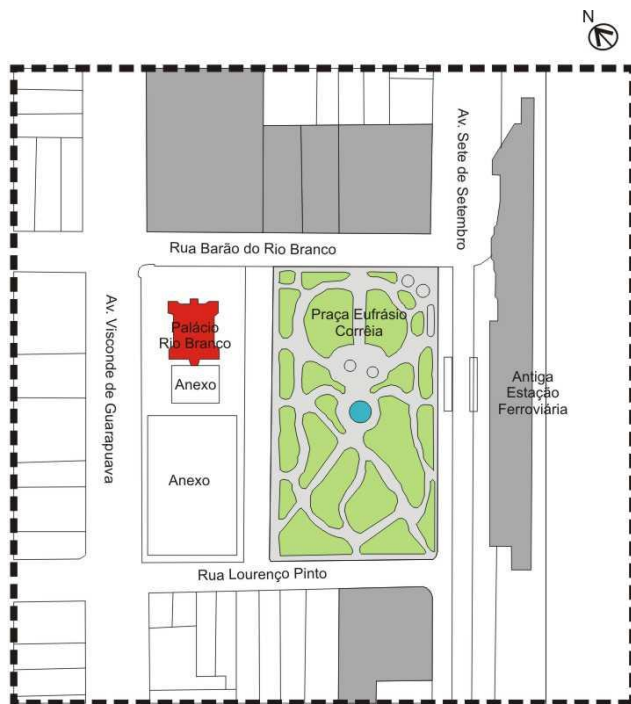


Figura 96 - Esquema divisão de lotes e localização

Mapa base: IPPUC (1998) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

O entorno é marcado pela história. Logo diante do edifício existe hoje um grande pátio onde se encontram os trilhos da antiga linha de bondes de Curitiba que passava pela Rua Barão. Mais adiante, encontram-se quatro edifícios, tombados pelo patrimônio histórico do Estado, que eram de grande representatividade. Hoje alguns foram completamente recuperados e outros ainda encontram-se em ruínas, mas em obras de recuperação.

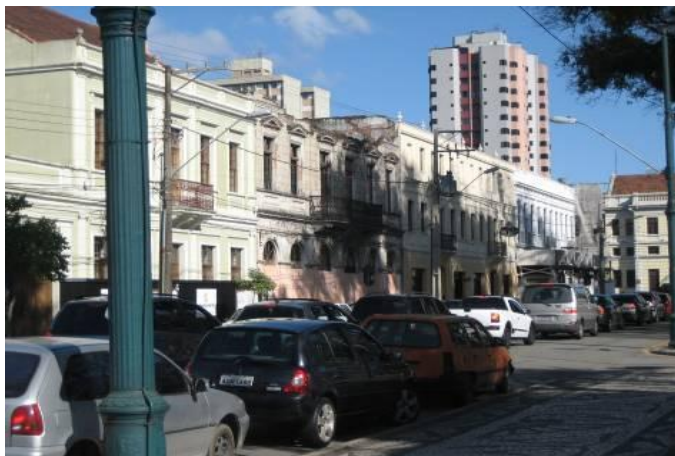


Figura 97 - Foto dos edifícios históricos (2010)
Acervo da autora

No final da Rua Barão do rio Branco encontra-se a Antiga Estação de Trem de Curitiba, edifício de grande representatividade já que configurava a porta de entrada da cidade e marcava o principal eixo de desenvolvimento.



Figura 98 - Foto dos trilhos da antiga estação de bondes da Rua Barão do Rio Branco (2010)
Acervo da autora



Figura 99 - Foto do entorno – Frente: vista lateral direita
(estação) 2010
Acervo da autora



Figura 100 - Foto do entorno – Frente: vista lateral esquerda
(Rua Visconde de Guarapuava) 2010
Acervo da autora

No que compete ao gabarito de altura, é menor em relação aos edifícios vizinhos. O fato de estar inserido num terreno contíguo à Praça Eufrásio Correia dá-lhe uma soltura dos lotes vizinhos, permitindo assim um destaque maior na paisagem.

Em 1972 foi construído um edifício anexo ao Palácio, para que o complexo pudesse abrigar completamente as funções de Câmara Municipal. O novo projeto visou respeitar a edificação existente, tanto em gabarito quanto em termos arquitetônicos, pois consiste em um edifício completamente revestido por grandes placas de vidro. A conexão entre eles se dá através de uma passarela, permitindo uma soltura do edifício antigo.



Figura 101 - Foto entorno – gabarito: edifício anexo (2010)
Acervo da autora

O entorno do Palácio Rio Branco possui duas perspectivas diversas. O edifício está situado na esquina da Rua Barão do Rio Branco com a Avenida Visconde de Guarapuava, esta última um dos principais eixos estruturais da cidade e, portanto, com sua perspectiva fortemente marcada por edifícios de grande verticalização.

Já a Rua Barão do Rio Branco, onde está localizada a frente do edifício, é uma rua bastante caracterizada pelos edifícios antigos e de média altura. O gabarito dos edifícios localizados nesta rua e situam-se na região circundante é igual ou menor ao gabarito do Palácio.



Figura 103 - Entorno: vista perspectiva Rua Barão
do Rio Branco (2010)
Acervo da autora

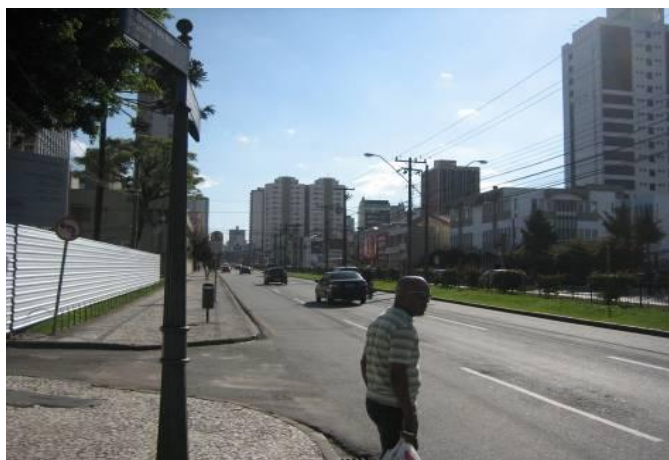


Figura 102 - Entorno: vista perspectiva Rua Visconde de
Guarapuava (2010)
Acervo da autora

O Lote

O edifício do Palácio Rio Branco está inserido de forma centralizada no lote, com a fachada voltada para a Rua Barão do Rio Branco e as laterais para a Rua Visconde de Guarapuava e a Praça Eufrásio Correia.

Para o acesso principal, existe uma entrada de carros que leva à escadaria e, na lateral direita, outro acesso de carros divisa o lote do Palácio e a Praça.

A edificação centralizada no terreno era comum para edifícios de grande porte, neste caso, além do porte existia representatividade da atividade que abriga.

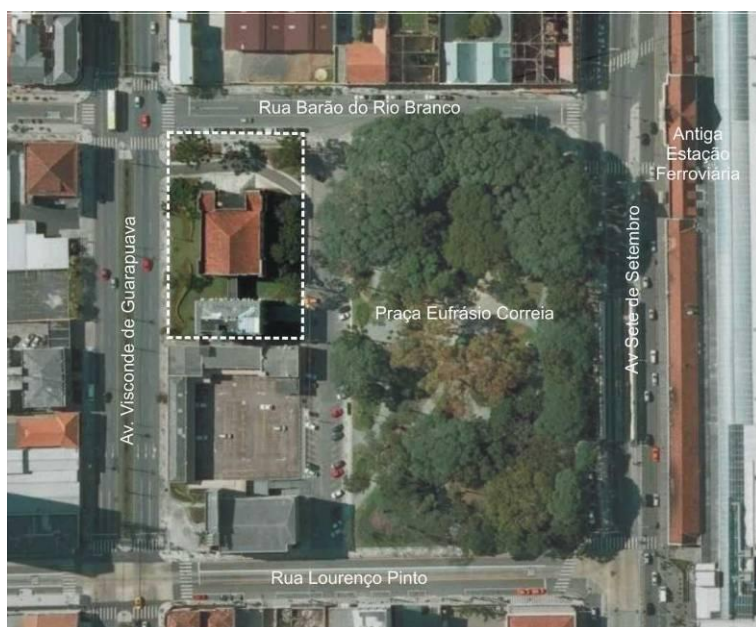


Figura 104 - Esquema de inserção no lote (2010)

Mapa base: fonte – Google (2010) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

Fachadas e Plantas

Fachada



Figura 105 - Fachada com correspondências de leitura

Desenho base: Arquibrasil (2009) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

O edifício do Palácio Rio Branco apresenta uma fachada composta por embasamento (a), corpo do edifício (b) e coroamento (c).

A construção apresenta uma elevação em relação ao nível da rua, que abriga internamente um porão (d) e, marcando o acesso principal, uma escadaria (e) que permite a entrada no edifício e também marca a porção central da composição e o eixo central.

O pórtico principal, na porção central, é recuado em relação às laterais, formando um átrio de entrada (f). As portas de acesso formam um pórtico composto de três grandes vãos ornados por colunas e arcos pleno. (g)

Nas laterais, colunas (h) ladeiam o espaço das varandas que se destacam do corpo principal do edifício e avançam o limite da fachada principal, formando o átrio central, acolhendo quem chega. Dois pórticos abrem vãos na parede que segue na linha do pórtico da fachada e configuram o espaço das varandas laterais (i).

O coroamento do edifício é dividido em dois por uma cimalha ornamentada. A porção inferior (j) apresenta uma decoração sóbria e discreta. A porção superior (k) consiste em uma platibanda fechada, sem ornamentação.



Figura 106 - Foto da escadaria, elevação e átrio (2010)
Acervo da autora

O coroamento completo, com sua sobriedade, aplica certo “peso” na composição do edifício, para balancear a estruturação final. Tanto as porções do porão como o coroamento, sem aberturas e ornamentação, se contrapõem à fluidez do corpo principal cheio de pórticos e elementos vazados, com a balaustrada que serve como anteparo ao átrio e varandas laterais. A escadaria central confere ao edifício a severidade da função desempenhada e ajuda a finalizar a composição.

A ornamentação se caracteriza por influências de linguagem clássica, mas de forma sóbria, sem exageros. A imponência do edifício se dá pela composição e não pela ornamentação das fachadas.



Figura 107 - Laterais (2010)
Acervo da autora

Plantas Porão

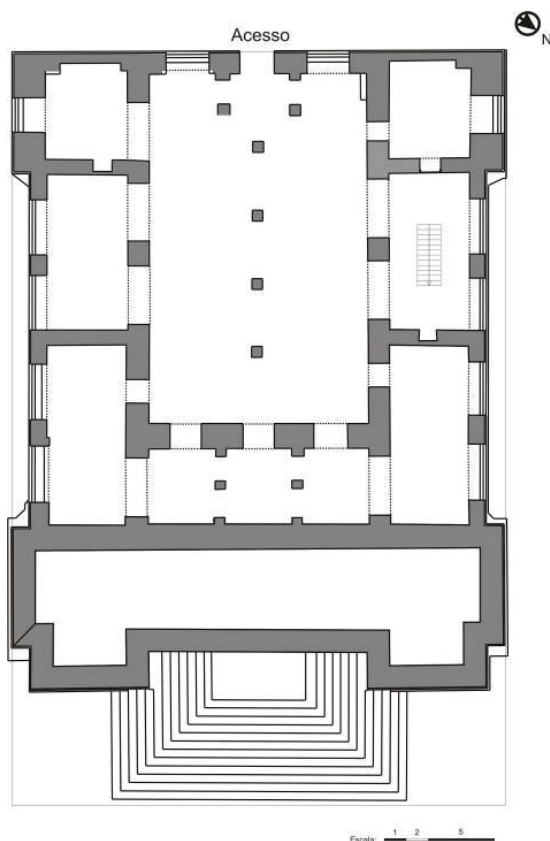


Figura 108 - Planta baixa porão
Desenho base: Arquibrasil (2009)/ com intervenção gráfica de Analu Cadore
(2010)
Autor: Analu Cadore

No partido da planta do porão podemos perceber a simetria que ordena a disposição dos cômodos.

A circulação se dá de forma central através da entrada aos fundos, com o acesso ao saguão central. Para o acesso ao pavimento térreo, existe uma escadaria na porção lateral direita do edifício.

A dimensão dos ambientes é marcada pela simetria e proporção, e as paredes delimitam espaços que permanecem com o mesmo dimensionamento nos demais pavimentos.

Pavimento Térreo

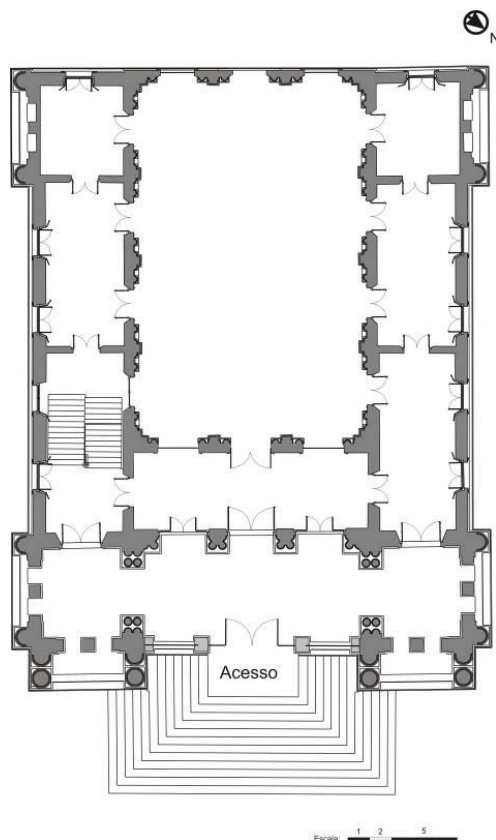


Figura 109 - Planta baixa pavimento térreo

Desenho base: ArquivBrasil (2009) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

Autor: Analu Cadore

O partido do pavimento térreo se desenvolve em uma planta tipo “u”, onde as câmaras, salas e demais espaços menores se encontram na periferia da planta e a porção central é reservada ao plenário.

O acesso marcado pela escadaria que leva ao átrio de entrada marca fortemente o eixo central da composição. A escadaria eleva o pavimento do nível da rua, conferindo a ele maior nobreza.

A circulação vertical se dá através de duas escadas localizadas nas laterais do edifício e fazem o acesso ao mezanino (superior) e ao porão.

Pavimento Superior (mezanino)

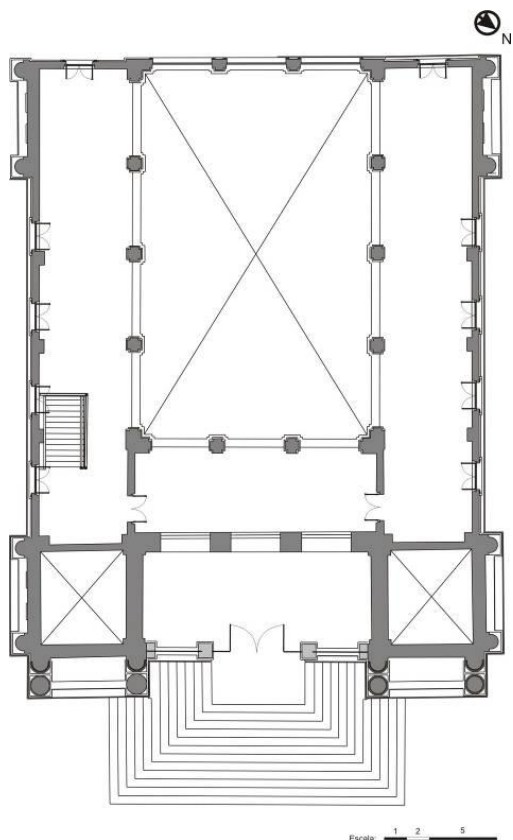


Figura 110 - Planta pavimento superior (mezanino)
Desenho base: Arquibrasil (2009) / com intervenção gráfica
de Analu Cadore (2010)
Autor: Analu Cadore

O pavimento superior possui partido similar ao térreo, ainda mantendo a proporção e simetria. Os espaços de circulação formam um mezanino que dá acesso visual às sessões que acontecem no plenário, no pavimento térreo.

Portanto, a porção central do pavimento superior possui um vazio que configura o pé direito duplo do pavimento inferior.

Considerações: O Palácio Rio Branco é um edifício com fortes características do ecletismo. Por ser um edifício público e desde seu projeto inicial foi pensado para tal, a sobriedade expressa em seus traços é sua característica maior. Este edifício, ao contrário da Residência Weiss, tem mais a comunicar pela sua composição do que pelos seus ornamentos.

A implantação confere maior destaque ao mesmo. Localizado na sua porção central, onde faz limite com a Praça Eufrásio Correia e com seu anexo nos fundos, esta soltura da construção das divisas proporciona uma grande soltura dos edifícios de entorno.

A escadaria que marca a entrada, o átrio e o contraste entre cheios e vazios são as marcas mais peculiares de sua composição. O uso de colunas, a movimentação de planos formando pórticos e as aberturas em arco demonstram que nesta obra o formalismo da influência clássica prepondera sobre a quantidade de ornamentos.

Internamente, verifica-se que o partido segue a sobriedade da fachada; no centro o espaço amplo do plenário, cercado de câmaras de proporções hierarquizadas, e no pavimento superior o mezanino com vista para o plenário.

Assim sendo, o edifício do Palácio Rio Branco apresenta sua composição dentro dos preceitos do ecletismo praticado na época, com características classicistas, com uma sobriedade e imponência que procura comunicar a função que desempenha.

PALÁCIO GARIBALDI

Histórico:



Figura 111 - Fotografia de 1900

Fonte: Sociedade Garibaldi

Autor: Adolpho Volk

A história deste edifício está diretamente ligada à história da imigração no Brasil. Em 1883 foi fundada a *Società Italiana di Mutuo Socorso Giuseppe Garibaldi* que tinha por objetivo abrigar e auxiliar os imigrantes italianos que chegavam ao Paraná.



Figura 112 - Fotografia de 1905

Fonte: Sociedade Garibaldi

Autor desconhecido

Quatro anos após sua fundação, a Sociedade Garibaldi recebeu como doação do município o terreno para que pudessem construir sua sede. O projeto foi feito por Guaita, um dos principais membros da Sociedade. A conclusão da obra se deu de forma gradativa; em 1890 foi finalizada a obra do edifício em si, em 1906 foi finalizada a escadaria e dois anos depois, os muros.

Os problemas diplomáticos entre o Brasil e a Itália em 1942 fizeram com que o edifício fosse desapropriado pelo governo e a Sociedade ficou sem sua sede, que só foi retomada vinte anos depois.

Em 1932 o edifício recebeu sua primeira intervenção, pelo também italiano João de Mio, que respeitou o projeto de Guaita.

Hoje o edifício do Palácio Garibaldi ainda abriga a Sociedade Garibaldi (daí o seu nome) e também cede seu espaço para eventos. Sua arquitetura figura entre as obras de maior importância do período eclético de Curitiba e é um dos mais visitados pontos turísticos da cidade.



Figura 113 - Foto de 1920
Fonte: Sociedade Garibaldi
Autor desconhecido



Figura 114 - Imagem de 1920 – vista dos
fundos do Palácio Garibaldi
Fonte: Sociedade Garibaldi



Figura 115 - Imagem de 1920
Fonte: Casa da Memória
Autor desconhecido



Figura 117 - Imagem de 1942
 Fonte: Sociedade Garibaldi
 Autor desconhecido



Figura 116 – Sociedade Garibaldi – sem data
 Fonte:SEEC
 Autor desconhecido



Figura 118 - Palácio Garibaldi (foto de 2009)
Acervo da autora

Informações Gerais

Localização: Praça Garibaldi, nº 12

Data de construção: 1904

Uso: **Agremiação cultural** – Sociedade Beneficente Giuseppe Garibaldi

Tombamento Estadual Processo nº 03/ 87, Inscrição nº 88 de 29/10/1988

Proprietário: Sociedade Beneficente Giuseppe Garibaldi

Referências: Sociedade Garibaldi / Palácio Garibaldi

Cronologia

1887: lançamento da pedra fundamental;

1904: conclusão do edifício;

1906: conclusão da escadaria;

1908: conclusão dos muros;

1932: finalização dos ornamentos da fachada;

1943: desapropriação do edifício, passando a ser de uso público;

1946: reivindicação da posse pela Sociedade Garibaldi;

1962: devolução do edifício à Sociedade Garibaldi

Relação com entorno e edifícios vizinhos

Entorno

O edifício do Palácio Garibaldi está situado no Setor Histórico da cidade de Curitiba, entre as Ruas Al. Dr. Muricy, Kellers e Jaime Reis.

Aos fundos, encontra-se o Belvedere de Curitiba e as Ruínas do São Francisco, ambos tombados pelo Patrimônio Histórico do Estado do Paraná por sua arquitetura e história, respectivamente.

Sua localização é um dos pontos turísticos e culturais mais fortes da cidade, pela grande concentração de edifícios de diversas fases da história de Curitiba.

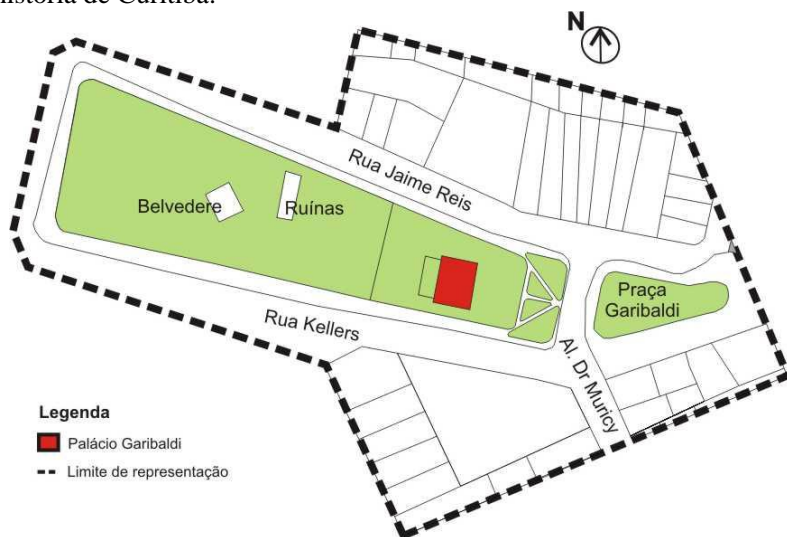


Figura 119 - Esquema de divisão de lotes e entorno
Mapa base: IPPUC (1998) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

As edificações que compõem seu entorno remetem na maioria ao mesmo período histórico que o Palácio Garibaldi. Algumas das igrejas mais antigas da cidade estão nas proximidades como por exemplo as Igrejas da Ordem e do Rosário.

Todo o entorno é impregnado pela história. Neste local se desenrolaram os maiores acontecimentos de Curitiba e foi aqui que a cidade começou a se estruturar, ainda em tempos coloniais.



Figura 120 - Foto do entorno – frente: lateral esquerda (2010)
Acervo autora

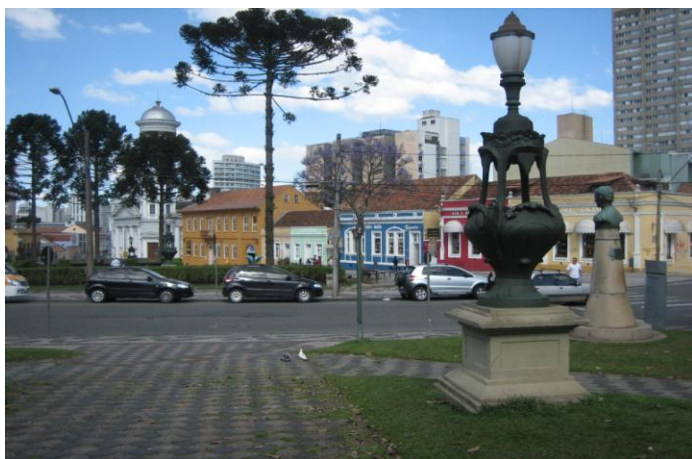


Figura 121 – Foto do entorno – Frente: Praça Garibaldi e casario
(2010)
Acervo da autora

Em relação ao gabarito de altura, o edifício do Palácio Garibaldi não possui em sua vizinhança direta edifícios de grande verticalização.

A região onde está localizado é marcada pela presença de construções que remetem ao século XIX e períodos anteriores. Assim sendo, esta região pertence ao Setor Histórico de Curitiba, tendo sua preservação e de seus edifícios e espaços abertos assegurada por Decreto Municipal³⁶.

Além disto, sua implantação proporciona um distanciamento dos edifícios vizinhos, por estar construída na porção central e mais alta do terreno, permitindo assim também que o mesmo seja avistado a certa distância.



Figura 122 - Foto do entorno e gabarito: vista a partir da Praça Garibaldi (2010)
Acervo da autora

³⁶ Decreto Municipal nº 1.160 de 1971



Figura 123 Foto do entorno e gabarito: vista da Praça Garibaldi (2010)

Acervo da autora



Figura 124 - Foto do entorno e gabarito: vista a partir dos fundos (2010)

Acervo da autora



Figura 126 - Foto do entorno e gabarito: Vista a partir dos fundos
(lateral direita) 2010
Acervo da autora



Figura 125 - Entorno e gabarito: Fundos – Ruínas e Belvedere (2010)
Acervo da autora

O Lote

O terreno onde o edifício está implantado é o ponto mais alto da região. Devido à sua inclinação, o edifício está assentado em um platô que é alcançado através de uma escadaria que permite o acesso.

A implantação do edifício no terreno se dá de forma centralizada, com uma maior aproximação na lateral que dá para a Rua Kellers, visando permitir um espaço para o acesso de veículos. O lote possui três acessos, um frontal (principal) e dois laterais (serviço). O acesso frontal é marcado por uma pequena praça que prepara o acesso aos portões do terreno.



Figura 127 - Esquema de inserção no lote e entorno
Mapa base: Google (2010) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

Fachada e plantas

Fachada

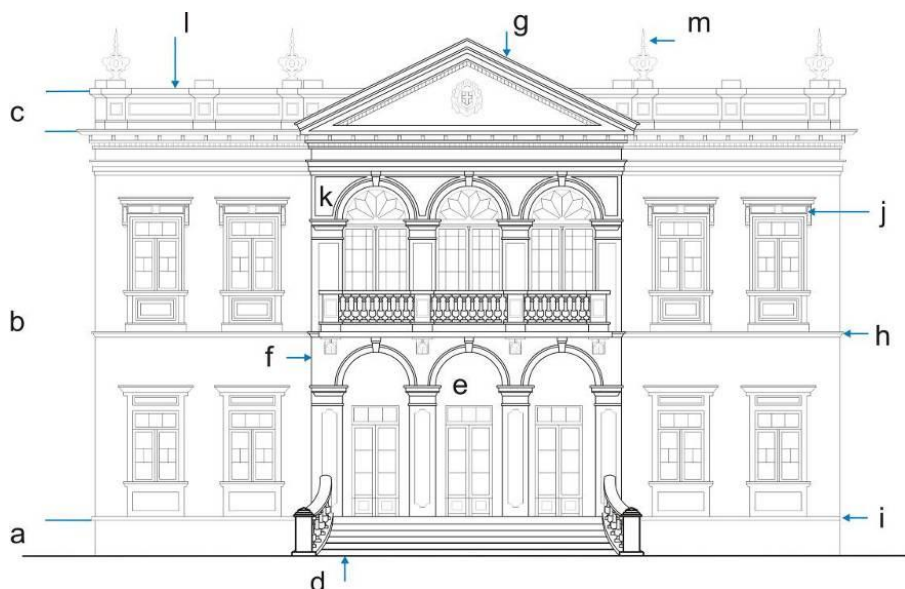


Figura 128 - Fachada com correspondências de leitura
Autor: Analu Cadore

O edifício do Palácio Garibaldi apresenta uma fachada composta por embasamento (a), corpo dividido em dois pavimentos (b) e coroamento (c).

O embasamento consiste na elevação do pavimento térreo através de um meio porão, ou porão alto, para conferir-lhe maior nobreza em elevando-o do nível do pátio externo. Este porão não apresenta aberturas (gateiras) na fachada frontal.

Marcando a entrada principal, uma escadaria ladeada por balaústres eleva o acesso como em um pódio (d).

Esta escadaria leva à um átrio coberto, acessado através de três pórticos com aberturas em forma de arco pleno, interligadas entre si por colunatas de seção retangular e capitéis sem ornamentação (e).

A porção central da composição (f) se destaca levemente do corpo do edifício, projetando-se à frente do plano de fachada, buscando equilibrar a composição e marcar a simetria do conjunto arrematado através de um frontão (g) que coroa esta porção central, dando-lhe mais destaque e nobreza ao conjunto.

Dividindo os dois pavimentos, uma fina cimalha (h) sem ornamentação serve de embasamento para a moldura das esquadrias do pavimento superior, o mesmo repete-se no térreo (i).

A ornamentação do pavimento superior é mais refinada que no térreo, conferindo-lhe assim, maior destaque (j). Um balcão com balaústres marca a porção central do segundo pavimento. Três grandes esquadrias em forma de arco (k) no mesmo estilo dos pórticos do pavimento térreo permitem o acesso ao balcão.

O coroamento consiste em uma platibanda maciça (l) com ornamentação em relevos retangulares e pilastras que se destacam do conjunto dando movimento à composição. Sobre as pilastras, quatro pináculos (m) fecham o coroamento do edifício.

Simetria e proporção são elementos evidentes na composição da fachada do edifício: a altura é aproximadamente 1/3 da largura, o embasamento e o coroamento possuem quase a mesma altura e todos os elementos estão dispostos de forma rítmica e alinhada, demonstrando na composição, o ecletismo de influência neoclássica da qual é caracterizado.

No tímpano do frontão, o brasão da Sociedade Garibaldi.



Figura 129 - Foto do destaque central e escadaria (2010)
Acervo da autora

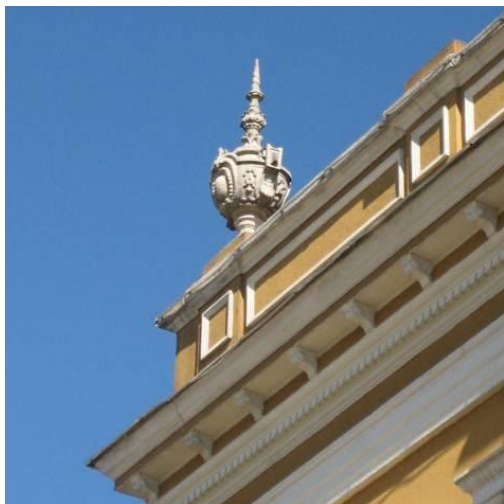


Figura 130 - Coroamento - foto de 2010
Acervo autora

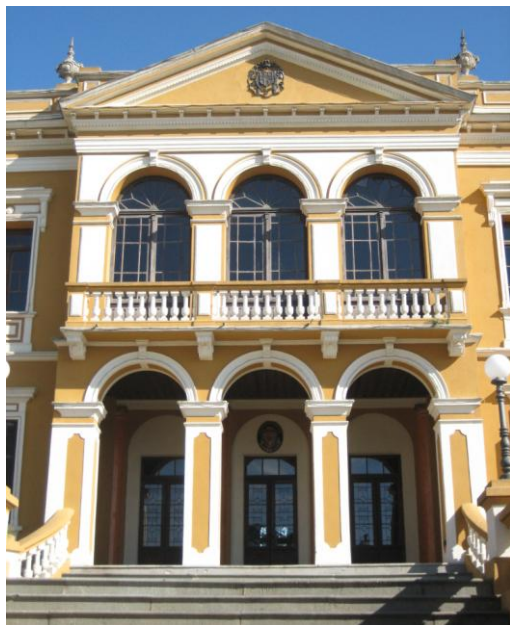


Figura 131 – Destaque central – 2010
Acervo da autora

Planta Pavimento térreo

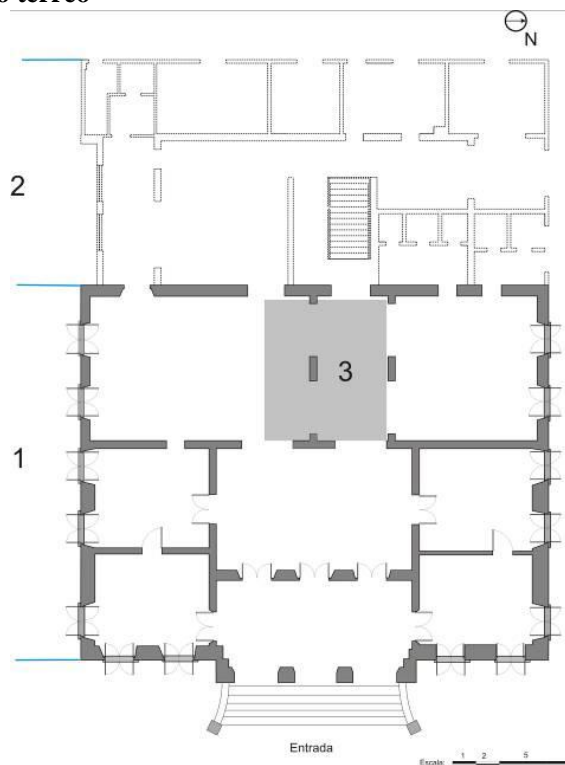


Figura 132 - Planta baixa pavimento térreo
Desenho base: SEEC (sem data) / com intervenção
gráfica de Analu Cadore (2009)

No processo de pesquisa sobre a planta concebida por Guaita, verificou-se uma dificuldade em encontrar o projeto autêntico. Pelo fato de este edifício ter sofrido várias modificações - a primeira delas apenas 30 anos após sua conclusão - as informações sobre obras e alterações são segmentadas e em sua grande maioria, depoimentos orais sem comprovação documental ou fotográfica.

Não obstante, através de pesquisas fotográficas e documentais, cruzando as informações válidas, decidiu-se que seria mantida neste trabalho a imagem da planta atual, mas com a identificação dos elementos que possivelmente caracterizariam o projeto original e o que seria intervenção.

Na planta baixa acima, a área em destaque identificada pelo número 1 é a área do projeto de Guaita, o que é facilmente verificável pela espessura das paredes e o ritmo das aberturas, que coincidem com os registros fotográficos. As paredes internas ainda permanecem conforme partido original, apesar de algumas alterações. A parte pontilhada, identificada pelo número 2 é a parte que abrange os anexos construídos ao longo dos anos.

O número 3 demonstra o espaço que, originalmente se encontrava a escada que dá acesso ao segundo pavimento, hoje recuada.

Porém, analisando o espaço da planta original, é possível identificar a simetria, a divisão proporcional dos espaços, os cômodos que se comunicam entre si e a escada de circulação vertical posicionada no final da circulação vertical que divide a composição.

O acesso ao edifício se dá através de uma escadaria que alcança o pavimento através do exterior, já que o nível do pavimento térreo é elevado em relação ao nível externo pela existência de um porão alto, prática comum na arquitetura do período para conferir maior nobreza no pavimento, elevando-o em relação ao nível da rua.

Após a escadaria, um átrio coberto faz o intermédio entre o ambiente externo e interno, onde três grandes aberturas fazem o acesso principal ao interior do edifício.

Planta Pavimento superior

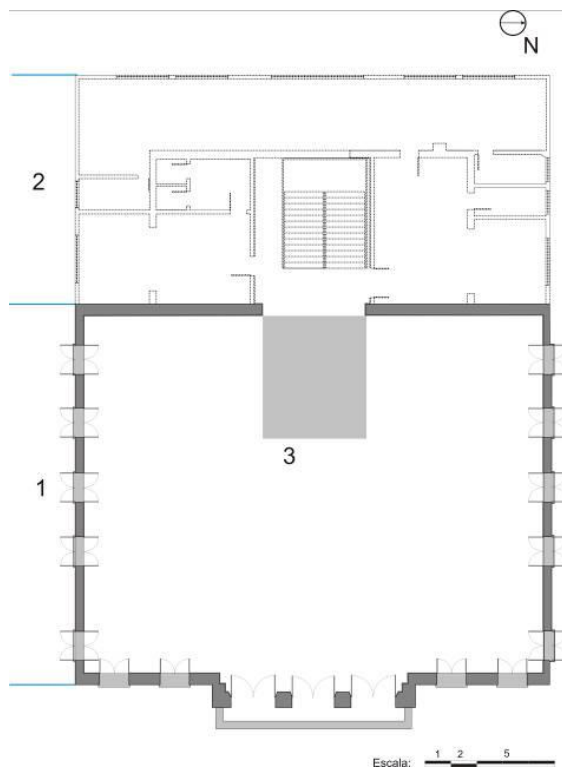


Figura 133 - Planta pavimento superior
Desenho base: SEEC (sem data) / com intervenção gráfica
de Analu Cadore (2010)

No pavimento superior, a área do edifício forma um grande salão, onde as atividades da Sociedade Garibaldi se desenvolviam. Assim como na planta anterior, a área em destaque marcada pelo número 1 representa o espaço da planta original e a parte pontilhada identificada pelo número 2 representa as edificações anexas construídas ao longo dos anos. A área delimitada identificada pelo número 3 refere-se à posição original da escadaria.

Em algumas fotos antigas, é possível reforçar estas afirmações.



Figura 134 - Foto de 1942 – Salão do segundo pavimento
 Fonte: Sociedade Garibaldi
 Autor desconhecido



Figura 135 - Foto de 1942 – escadaria no segundo pavimento
 Fonte: Sociedade Garibaldi
 Autor desconhecido

Considerações: O Palácio Garibaldi possui uma composição eclética fortemente marcada pela influência clássica. O embasamento, a escadaria e o frontão são elementos que ressaltam tais influências.

Sua implantação ocorre de forma centralizada, com distanciamento dos limites laterais do terreno, bem como o recuo da testada central, marcado por uma grande escadaria que leva ao platô onde o edifício está construído. Por este motivo, associado à topografia do terreno, possui um grande destaque no entorno, o que confere maior imponência ao conjunto.

Na fachada, a composição simétrica, regulada através de um volume central, levemente destacado do conjunto e encimado por um frontão, ressalta a forte influência da arquitetura clássica na composição eclética do edifício.

Originalmente o edifício possuía um telhado de duas águas, com a cumeeira posicionada longitudinalmente ao edifício, elemento que se verificou em outros exemplares da arquitetura do mesmo período, formando nas laterais, frontões com janelas que davam acesso ao sótão, característica da arquitetura da imigração italiana, conforme já exposto no capítulo anterior. Posteriormente, quando foi realizada a finalização da fachada, o telhado passou à configuração atual, com quatro águas.

No tocante à planta, o presente estudo se utilizou de levantamentos fornecidos pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná associado com informações obtidas através de relatos orais e pesquisas, para elaborar um esquema que permitisse identificar o que seria autêntico e o que é intervenção posterior. Com isto, percebeu-se que o partido é semelhante ao dos edifícios anteriores: circulação central, cômodos com proporções hierarquizadas e intercomunicados. O pavimento térreo é elevado do nível externo através de um portão alto e o acesso principal se dá através de uma escadaria.

Assim, o Palácio Garibaldi possui em sua composição os traços de um ecletismo com fortes influências da arquitetura clássica, o que marcou o edifício que até os dias atuais serve como sede da maior associação de descendentes de italianos da cidade de Curitiba.

RESIDÊNCIA E COMÉRCIO CUNHA

Histórico:

No final do século XIX, o imigrante português Manoel da Costa Cunha encomendou ao italiano Ernesto Guaita o projeto para sua residência e comércio.

A execução ficou a cargo do imigrante alemão e mestre em cantaria Henrique Henning, também conhecido por ter construído a Catedral de Curitiba.

Por muitos anos o edifício abrigou no pavimento térreo a loja de roupas de Cunha, conhecida como “o Cunha das roupas feitas”, e nos pavimentos superiores, a sua residência e de sua família. O edifício sempre teve muito destaque na cidade. Além do vocabulário neoclássico que apresenta nos elementos que compõem a fachada, foi o primeiro edifício de três pavimentos na Rua XV de Novembro.



Figura 136 – Foto de 1905

Fonte: Casada Memória

Autor Desconhecido

Foi sede de conturbados episódios da história política de Curitiba, na época da revolução federalista, Manoel Cunha foi obrigado a entregar sob requisição grande parte de seu estoque, o que acabou por deixá-lo com inúmeras dívidas, obrigando-o mais tarde a colocar o edifício à venda, sendo adquirido pelo ervateiro Manoel de Macedo.

Anos mais tarde, seus herdeiros o venderam para o Governo do Estado, para servir como a Sede do Banco do Estado do Paraná (Banestado) título que ainda ostenta na serralheria das aberturas ogivais do térreo.

Mais tarde, sediou por muitos anos a agência de rendas da Secretaria de Estado da Fazenda. Em 1973 o edifício volta a ser sede do Banco do Estado desempenha até hoje o papel de agência bancária.



Figura 137- Foto de 1906

Fonte: Site Casa da Memória – www.casadamemoria.org.br

Autor desconhecido

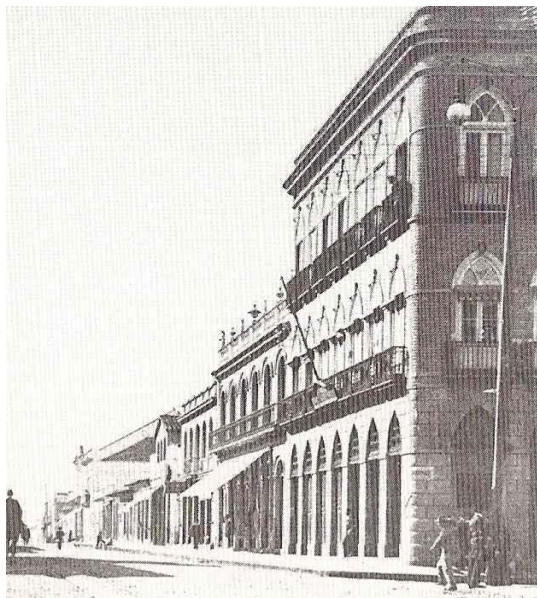


Figura 138 – Foto do início do século XX
Fonte: Coleção Julia Wanderley
Autor desconhecido



Figura 139 – Imagem da década de 1920
Fonte: Casa da Memória
Autor Desconhecido

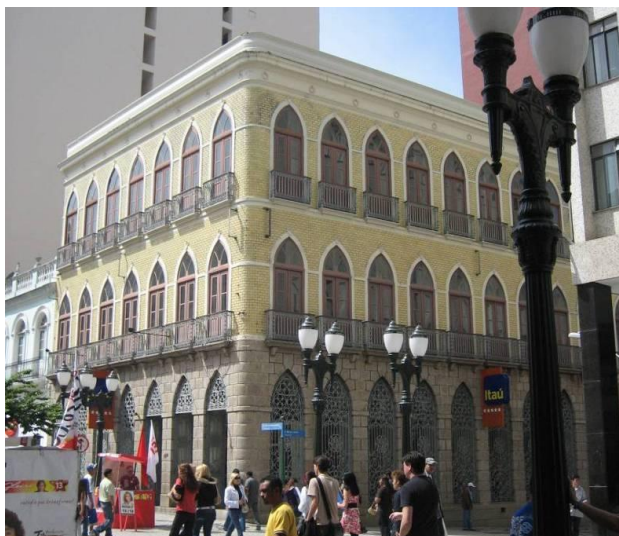


Figura 140 - Residência e comércio Cunha (foto de 2009)
Acervo da autora

Informações Gerais

Localização: Rua XV de Novembro, nº 332, esquina com Rua Monsenhor Celso

Data de construção: 1893

Uso: Misto – comércio e residência (original)

Institucional – Banco Itaú (atual)

Tombamento Estadual Processo nº 45/ 74, Inscrição nº 05-I de 11/03/1974 – *Paisagem Urbana do trecho da Praça Osório, Avenida Luiz Xavier, Rua XV de Novembro e Praça Santos Andrade.*

Proprietário: Particular

Referências: Prédio gótico da Rua XV
Antigo Banestado

Cronologia

1893: construção

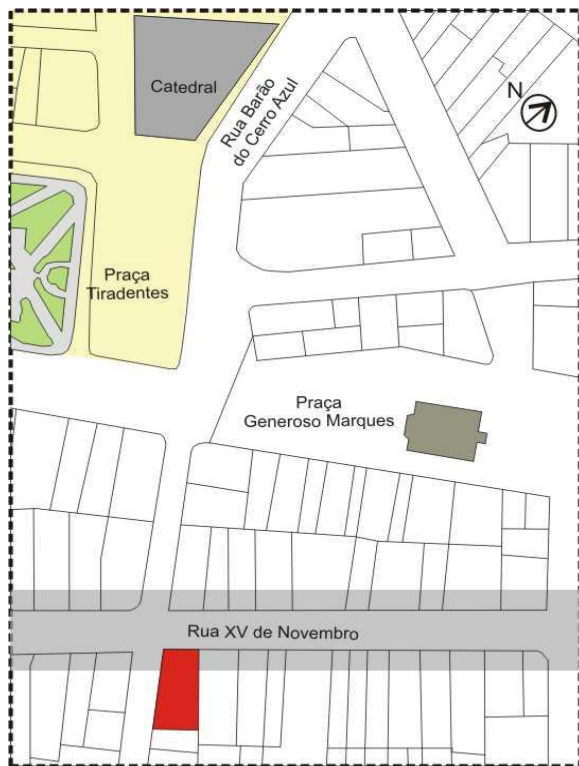
1973: Sede Banestado

2000-atualmente: Sede Banco Itaú

Relação com entorno e edifícios vizinhos

Entorno

O edifício está localizado na região central de Curitiba, na Rua XV de Novembro, esquina com a Rua Monsenhor Celso. Sua localização na Zona Central da cidade, próximo à delimitação do Setor Histórico, faz dele um importante representante histórico da cidade.



Legenda

- Residência e comércio Cunha
- Imóveis Tombados (Estadual / Federal) - Tombamento de paisagem da Rua XV de Novembro
- Setor Histórico
- Limite de representação

Figura 141 - Esquema de divisão de lotes e localização
Mapa base: IPPUC (1998) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

Esta região é marcada por edifícios de grande importância, como o Palácio da Liberdade, na Praça Generoso Marques, único imóvel tombado a nível nacional na cidade, Praça Tiradentes, o Marco Zero da cidade, e a Catedral de Curitiba, edifício com quem compartilha a autoria do profissional de sua execução, o alemão Henrique Henning, assemelhando-se em muito nos seus traços de influência neogótica.

A relação entre o edifício de Guaita e a Catedral é realmente curiosa. Ambos foram concebidos na mesma época, na década de 1890, e estão posicionados com uma proximidade que estando diante de cada um deles, o outro é visível.



Figura 142 - Entorno – vista da Catedral de Curitiba
a partir do Edifício (2010)
Acervo da autora

No edifício, são evidentes os traços neogóticos no ecletismo de sua arquitetura, sendo que em toda a cidade as construções que eram erguidas, também pelo próprio Guaita, seguiam o ecletismo de influência clássica. Este edifício sempre foi bastante enigmático e se destaca de todo o conjunto do casario da Rua XV.

A arquitetura dos edifícios que compõem a paisagem da Rua XV de Novembro hoje são dos mais variados períodos. Em sua grande maioria, possuem sua arquitetura do período do final dos 1890, mas também possuem edifícios do período modernista, de grande representatividade para a cidade.



Figura 143 - Foto do entorno – Rua XV de Novembro (2010)
Acervo da autora



Figura 144 - Foto Rua XV de Novembro – lateral direita - 2010
Acervo da autora

No que compete ao gabarito de altura, possui três pavimentos e seu tamanho se destaca em comparação às edificações do mesmo período que compõem a paisagem circundante. O edifício ficou marcado na história de Curitiba por ser a primeira construção de três pavimentos da Rua XV de Novembro.

Já considerando as intervenções na paisagem, posteriores à data de construção do Edifício Cunha, algumas construções mais recentes dividem espaço com o casario eclético que é marca registrada da paisagem que é tombada pelo Patrimônio Histórico do Estado.

Por se tratar de um edifício de esquina, sua volumetria retangular proporciona destaque na paisagem tanto da Rua XV de Novembro quanto da Rua Monsenhor Celso.



Figura 146 - Foto da Rua XV de Novembro – lateral esquerda – 2010
Acervo da autora



Figura 145 - Foto do entorno – Rua Monsenhor Celso – vista em
direção à Catedral – 2010
Acervo da autora



Figura 147 - Foto do entorno – vista Rua Monsenhor Celso – direção
Rua Mal. Deodoro – 2010
Acervo da autora



Figura 148 - Detalhe da junção do edifício antigo e da
ampliação (2010)
Acervo da autora

O Edifício Cunha não possui uma soltura e destaque na paisagem como os edifícios vistos anteriormente, pela configuração da rua ser de edifícios completamente posicionados no alinhamento predial, fazendo com que a perspectiva possua uma linearidade de fachadas.

Esta proximidade entre os edifícios dificulta parcialmente sua total percepção, já que o espaço da rua é pouco amplo e os grandes edifícios do entorno acabam se sobrepondo ao gabarito dos edifícios mais antigos.

Existe hoje uma ampliação do edifício, no sentido da Rua Monsenhor Celso, que possui altura inferior à construção original e busca em sua fachada remeter ao edifício antigo. As adaptações podem até confundir o observador pouco atento, fazendo com que a real percepção do edifício seja deturpada, mas uma olhada mais cuidadosa faz notar suas diferenças.

Esta alteração ocasiona uma dificuldade na percepção do partido original, do ritmo das aberturas e da proporção da composição.



Figura 149 - Foto mostrando a ampliação (2006)

Fonte: Arquibrasil

Autor: Equipe Arquibrasil

O Lote

O edifício chamado de Residência e Comércio Cunha está inserido em um lote de esquina, onde sua construção está alinhada com a rua e na divisa do lote, sem nenhum recuo em nenhuma das laterais do terreno.

Esta implantação se deu devido à ocupação do local, onde todos os edifícios foram construídos no alinhamento da rua e no limite do lote, sem nenhum espaço entre eles, como pode se perceber pelo mapa abaixo:



Figura 150 - Esquema de implantação no lote
Mapa base: Google (2010) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

Fachadas e plantas **Fachadas XV de Novembro e Monsenhor Celso**

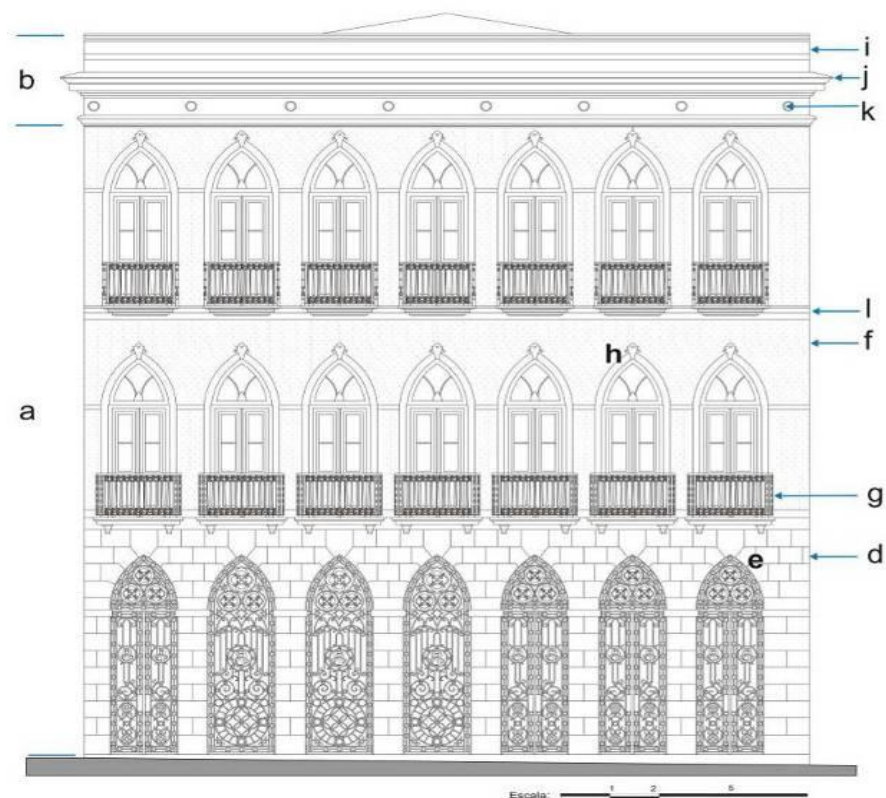


Figura 151 - Fachada da Rua XV de Novembro com correspondências de leitura
 Desenho base: Arquibrasil (2004) / com intervenção gráfica de Analu Cadore
 (2010)

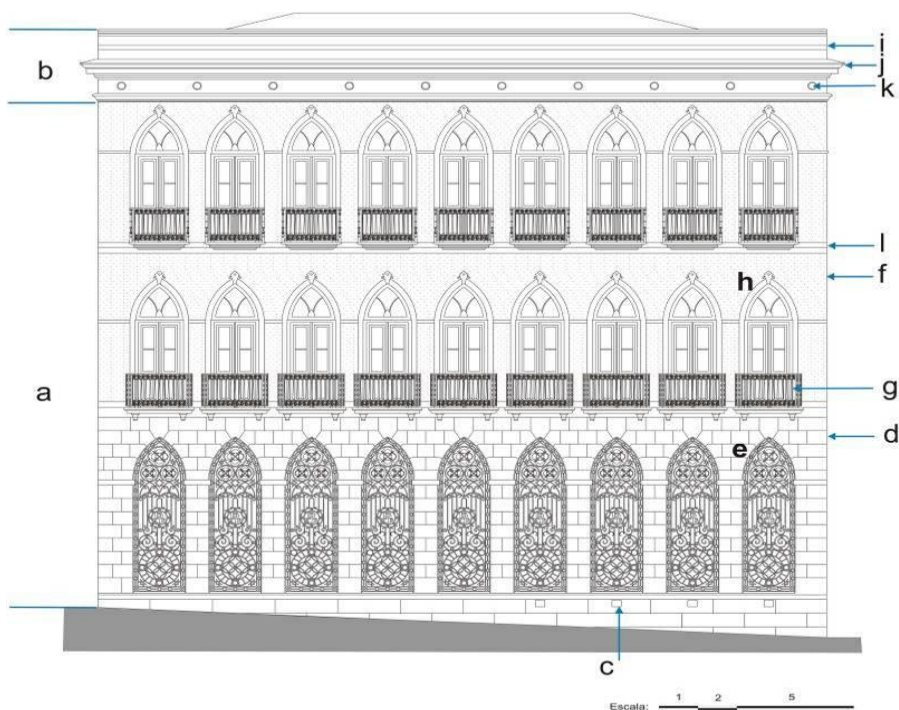


Figura 152 Fachada Rua Monsenhor Celso com as correspondências para leitura
 Desenho base: Arquibrasil (2003) / com intervenção gráfica de Analu Cadore (2010)

As fachadas são compostas por um corpo central dividido em três pavimentos (a) e coroamento (b).

Como o edifício está construído no alinhamento da rua, não possui nenhuma elevação ou embasamento na fachada voltada para a Rua XV de Novembro. Na fachada da Rua Monsenhor Celso, devido à inclinação da rua, conforme o nível em relação ao pavimento térreo decresce em declive forma um pequeno porão perceptível pelas gateiras sob as quatro últimas janelas do térreo (c).

O pavimento térreo possui um revestimento em cantaria de pedra, (d) com as aberturas das portas e janelas em arco ogival (e), trazendo à composição um ar neogótico. Ainda no térreo, as aberturas são mais altas, dando a falsa impressão de que o pé direito do térreo é maior que

dos outros pavimentos.

Os pavimentos superiores são revestidos por um ladrilho retangular de cor amarela (f), importados de Portugal. Cada abertura de janela possui um balcão em ferro forjado (g) e esquadrias de madeira (h).

O coroamento consiste em uma platibanda fechada (i), dividida em sua metade por uma cimalha que se projeta avançando o limite do plano da fachada (j). Na sua porção inferior, o coroamento é ornado por ornamentos de motivos navais (k).

Na linha da divisão dos pavimentos e das vergas das janelas, uma cimalha sutil forma uma linha longitudinal pela fachada (l), criando linhas horizontais que transmitem certa linearidade à composição, em contraponto com os traços longilíneos das janelas em arcos ogivais.



Figura 153 - Foto da Fachada e revestimentos (2006)

Fonte: Arquibrasil

Autor: Equipe Arquibrasil



Figura 154 - Foto mostrando o coroamento,
revestimento em azulejo e aberturas (2008)
Acervo da autora



Figura 155 - Balcões em ferro (2006)
Fonte: Arquibrasil
Autor: Equipe Arquibrasil



Figura 156 - Grades das aberturas do térreo, ainda com as siglas BEP do Banco do Estado do Paraná (Antigo Banestado) (2006)

Fonte: Arquibrasil

Autor: Equipe Arquibrasil

Plantas

O estudo do partido compositivo das plantas do edifício tratado aqui não foi possível por não ter persistido ainda hoje nenhum levantamento ou resquício da composição interna dos espaços. Segundo informações colhidas na Secretaria de Estado da Cultura (SEEC), que é responsável por seu tombamento, como o edifício sempre foi de propriedade privada, nunca teve sua planta levantada, já que na ocasião do tombamento, o edifício já tinha seu partido profundamente alterado, e o tombamento do qual faz parte concerne apenas às suas fachadas.

Mesmo assim, foi considerada pertinente a inclusão desta obra neste trabalho por possuir um projeto que diverge profundamente da tipologia dos demais. Suas aspirações neogóticas fizeram dele um marco na arquitetura do período e, portanto, a sua relevância para este trabalho.

Considerações: A Residência e Comércio Cunha é a edificação mais peculiar deste trabalho. O motivo é sua composição eclética com

influências neogóticas. Ao contrário dos demais edifícios observados neste trabalho, que possuem influência da arquitetura clássica, mescla em sua fachada os elementos oriundos da arquitetura gótica, como os arcos ogivais e a cantaria, com elementos característicos da arquitetura eclética, que são os balcões com parapeitos de ferro e o revestimento de azulejos da fachada.

Ainda, no coroamento do edifício verificamos ornamentos de vocabulário neo-manuelino³⁷, bastante comuns no ecletismo português. As razões para a adoção destes não são concretas, mas é possível supor que a influência neo-manuelina seria por conta de o proprietário do imóvel ser um comerciante português bastante próspero, e os traços de influência gótica seriam influenciados pelo entorno: a Catedral de Curitiba³⁸ foi construída na mesma época que o edifício, tendo as duas obras o mesmo mestre cantareiro – o imigrante alemão Henrique Henning.

Os dois edifícios estão posicionados quase que de frente um para o outro (Figura 87) e fazem parte de um mesmo entorno. Além disto, é sabido que Ernesto Guaita havia realizado um projeto para a Catedral, projeto este dentro do ecletismo de vocabulário neogótico.

Sua implantação segue o modelo dos demais edifícios da rua: construído no alinhamento predial e nos limites do lote. O fato de ser uma construção de esquina e possuir uma composição tão particular confere a esta edificação um destaque singular. Poucos edifícios do mesmo período na cidade possuem a mesma influência estilística, já que o gótico era mais costumeiramente utilizado na composição de igrejas.

Em relação ao gabarito, o edifício foi pioneiro na época por ser o primeiro edifício da Rua XV de Novembro a ser edificado com três pavimentos.

Como já dito anteriormente, mesmo sem possuir registro de seu partido original, este edifício é de grande peculiaridade a este trabalho, pois demonstra uma versatilidade projetual de Guaita, que não se prendia à formalismos estilísticos e produziu um dos edifícios mais enigmáticos da cidade.

³⁷ O estilo neo-manuelino foi uma corrente revivalista que se desenvolveu dentro da arquitetura e das artes decorativas portuguesas entre meados do século XIX e o início do século XX.

³⁸ Catedral Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba - 1893

A arquitetura que se produziu na Curitiba no final do Século XIX foi o primeiro passo verificado para a sua transformação urbana. Juntamente com os planos urbanísticos de expansão, a modernização das construções configurou uma das primeiras medidas para que Curitiba se transformasse em uma próspera capital de província.

Os principais agentes dessas transformações foram os imigrantes estrangeiros que aqui se instalaram. De carpinteiros e cantareiros a engenheiros-arquitetos, a contribuição da mão de obra e do saber imigrante foi fator decisivo para que o ideal em voga nos demais centros urbanos no país e no exterior ganhasse espaço na crescente metrópole.

Este novo ideário, que buscava conciliar a arquitetura de influência européia ao novo estilo de vida e as demandas da sociedade de então ganhou espaço rapidamente entre as construções que se erguiam na cidade. Através das novas tecnologias e materiais construtivos e do acesso à elementos decorativos antes apenas destinados aos palácios e edifícios públicos, a sociedade havia encontrado uma forma de manifestação da sua identidade individual, lançando mão de uma arquitetura que permitia comunicar em seus traços o perfil do habitante ou a função a qual cada edifício se destinava.

É este contexto que o engenheiro italiano Ernesto Guaita encontra em Curitiba. O panorama urbano da época de sua chegada era o de uma recém emancipada capital em vias de desenvolvimento. O crescimento econômico e as novas atividades de capital exigiam mudanças e adaptações que encontrariam viabilidade nas mãos de profissionais habilitados. O Código de Posturas da capital já firmava a necessidade de haver um responsável técnico pelos projetos apresentados à municipalidade com objetivos de aprovação.

Assim sendo, Guaita foi rapidamente ganhando notoriedade através de seus trabalhos. Tendo atuado inicialmente nas obras da construção da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá, elaborado o primeiro plano de expansão da cidade (1880) e mais tarde sua primeira planta cadastral (1888), foi cada vez mais cotado para a elaboração de projetos de residências e edifícios públicos.

Em 1881 foi construído o edifício de residência para seu então sócio, o imigrante alemão Ignácio Weiss. O refinamento artístico dos ornamentos e a composição da arquitetura eclética de traços classicistas, em uma das ruas de maior importância para a cidade na época, chamou a atenção da sociedade para seu trabalho.

Mais tarde, em 1890, a municipalidade solicita à Guaita o projeto para o edifício sede do Congresso do Estado, o Palácio Rio Branco. Foi através desta obra que Guaita alcançou o posto do arquiteto mais

requisitado da cidade. Com este edifício, no começo dos *novecentos* Guaita era o responsável por dois dos edifícios de maior importância na cidade, já que nesta época o edifício de residência do senhor Weiss já havia sido comprado pela Fazenda Nacional e servia como sede do Governo do Estado (1902).

O período de quase quarenta anos que Guaita residiu e atuou profissionalmente na cidade coincidiu com os anos em que Curitiba sofreu suas maiores transformações. O papel de Ernesto Guaita foi o de um profissional que soube muito bem atender às demandas da sociedade da época. Seu destaque entre os demais profissionais do período se deu pelo fato de ter atuado não só no âmbito de projeto de edificações, mas também no planejamento urbano.

O avanço de suas propostas é evidente através de seus pareceres técnicos e de seus projetos, onde apontava de forma bastante objetiva os rumos para que Curitiba comportasse o porte de uma metrópole. No seu plano de expansão, Guaita já previa os principais eixos estruturais de Curitiba, as ruas Visconde de Guarapuava, Sete de Setembro e Silva Jardim, ambas com o porte e a amplitude de espaço que ainda apresentam nos dias atuais. Previa também a inclusão de praças e espaços abertos no quadro urbano, como medida de higiene, confluindo com os pensamentos dos sanitaristas que atuaram nos principais centros urbanos do Brasil e do mundo.

Analisando a produção de Ernesto Guaita, verifica-se uma variedade na função dos edifícios por ele projetados. Desde residências à sedes de governo, são de sua autoria, como pudemos perceber neste trabalho, edifícios de agências bancárias, residências de nobres da sociedade e edifícios públicos, em sua maioria sedes de órgãos administrativos do Estado.

Infelizmente, muitas destas obras não chegaram aos dias atuais. Conforme os anos se passaram, foram demolidas e transformadas, abrindo caminho às necessidades de espaço cada vez mais crescentes da cidade. Das obras de sua autoria que ainda permanecem preservadas, foram selecionados para este trabalho quatro edifícios que se encontram salvaguardados pelo poder estadual e são considerados Patrimônio Histórico do Estado do Paraná.

Tais edifícios foram tratados neste trabalho pelos nomes relacionados às suas funções originais, não necessariamente pelos nomes que os caracterizam atualmente. Esta mudança de nomenclatura se deu pelo fato de a leitura de sua arquitetura estar relacionada com o projeto original e, como vimos anteriormente, era característica marcante da arquitetura eclética a forte associação do uso do edifício à

composição arquitetônica.

Através do exercício de leitura destas quatro obras – Residência Weiss (atual Museu da Imagem e do Som), Palácio Rio Branco (Câmara Municipal), Palácio Garibaldi e Residência e comércio Cunha (Antigo Banestado), é possível verificar que a arquitetura de Guaita possuía concordância com as demais composições do ecletismo no país. Ou seja, produção de Guaita em Curitiba não apresentou inovações estilísticas. O que se percebe é que o engenheiro-arquiteto soube aplicar seus conhecimentos de uma forma que atendia prontamente as necessidades da sociedade de então. O fato de ter sido um dos pioneiros no estilo eclético na cidade é o que lhe dá maior importância.

Sua versatilidade projetual também contribuiu para o destaque dentre os demais profissionais da época. Em analisando a leitura dos edifícios aqui estudados, percebe-se que Guaita não possuía de fato um “padrão compositivo”, isto se confirma observando suas composições de fachada. Apesar de, em três dos quatro edifícios selecionados, se verificarem nas fachadas a influência historicista no ecletismo de suas composições, apenas um edifício se destaca dos demais: a Residência e Comércio Cunha.

Diferentemente dos outros edifícios, que possuem elementos compositivos que remontam à influência da arquitetura clássica ou neoclássica, este edifício apresenta traços da arquitetura neogótica, percebido através do uso da cantaria e arcos ogivais. Como já foi comentado anteriormente, não é conhecido o motivo desta opção na composição do projeto.

Se esta postura foi adotada por influência do entorno, já que a Catedral de Curitiba que se situa quase defronte foi edificada na mesma época e ambas as obras possuíram o mesmo mestre cantareiro – o alemão Henrique Henning – ou por gosto do proprietário – o imigrante português Manoel Cunha, por conta dos elementos do estilo Manuelino na fachada, além dos azulejos portugueses - não é possível afirmar. O que se pode dizer é que o edifício marcou profundamente a paisagem da época e ainda hoje possui grande destaque no conjunto urbano da cidade.

Os demais edifícios, de características classicistas, diferem entre si na composição e quantidade de ornamentos. As composições mais sóbrias são verificadas nos edifícios destinados às funções públicas, como a Câmara e a Sociedade Garibaldi. Já na Residência Weiss a quantidade e o caráter dos ornamentos – como a adoção de ornamentos em ferro – lhe confere um destaque entre os edifícios de maior requinte de acabamentos da cidade.

Em planta, verificou-se que ambos os edifícios possuem uma composição similar, com destaque para a simetria do partido e para a hierarquização dos espaços. A circulação vertical se dava quase que sempre no final do eixo do corredor central, apesar de no caso do Palácio Rio Branco a circulação estar deslocada do eixo, pelo fato de a porção central da planta abrigar o espaço do plenário em ambos os pavimentos.

Em relação ao entorno, o que é percebido e foi anteriormente comentado neste trabalho é que todos os edifícios estudados estão situados em regiões de importância para a cidade. Duas delas, a Residência Weiss e o Palácio Rio Branco situam-se na Rua Barão do Rio Branco, antiga porta de entrada da cidade e considerada a “rua do poder”. O Palácio Garibaldi está localizado em um local de bastante destaque, devido à topografia. A elevação do terreno, associada à implantação central da edificação no lote permitem com que possua um grande destaque dentre as edificações circundantes e facilite sua observação em quase toda a região. Atualmente o local onde o Palácio está inserido configura o espaço do Setor Histórico de Curitiba e divide o cenário com alguns dos edifícios de maior importância histórica para a cidade.

Já a Residência e Comércio Cunha encontra-se em uma das ruas de maior movimentação social e política da época. A Rua XV de Novembro abrigou as primeiras linhas de bonde da cidade, as passeatas, cortejos e desfiles de carnaval e foi a primeira rua do país fechada para o tráfego de carros e ser exclusivamente de pedestres.

Assim sendo, é possível perceber que a obra de Guaita foi muitas vezes coadjuvante do desenvolvimento da cidade e de seus acontecimentos sociais. Sua história está diretamente vinculada à história da cidade e por isso configura um importante patrimônio histórico de Curitiba, como documentação viva de sua memória.

As obras de Ernesto Guaita representam exemplares do ecletismo que, não só em Curitiba mas também em todo o Brasil, representaram um momento da história marcado por fortes mudanças. Mudava-se não somente o modo de construir mas também o modo de pensar, de viver. E as mudanças adotadas naquela época configuraram o gérmen das grandes metrópoles de hoje, tumultuadas e apressadas, onde a arquitetura do passado representa testemunhos estáticos da herança de um tempo em que o país dava seus primeiros passos para sua autonomia política e para a construção da identidade de uma nação.

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como História da Cidade. Editora Martins Fontes. São Paulo SP. 3ª Edição 2005

BRENNA, Giovanna Rosso Del. Ecletismo no Rio de Janeiro. In: **FABRIS, Anateressa.** Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo. Nobel, 1987.

COLQUHOUN, Alan. Modernidade e tradição clássica: ensaios sobre arquitetura. Editora Cosac & Naify. São Paulo SP. 2004.

DUDEQUE, Irã Taborda. Cidade sem véus: doenças, poder e desenhos urbanos. Editora Champagnat. Curitiba PR. 1995 1ª Edição

FABRIS, Annateressa (Org.) Ecletismo na arquitetura Brasileira. Editora Nobel / EDUSP. São Paulo SP. 1987.

FILHO, Nestor Goulart Reis. Quadro da arquitetura no Brasil. Editora Perspectiva. São Paulo SP. 2004

GNOATO, Salvador. Arquitetura do movimento moderno em Curitiba. Travessa dos Editores. Curitiba, 2009.

KERSTEN, Márcia Schultz de Andrade. Os rituais do Tombamento e a Escrita da História. Editora UFPR. Curitiba PR – 2002.

KOCH, Wilfried. Dicionário de Estilos Arquitetônicos. Pró-Livros Editora. São Paulo SP. 2001

LEMOS, Carlos. Ecletismo em São Paulo. In: **FABRIS, Anateressa.** O ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo. Editora Nobel/EDUSP. 1987.

LYRA, Cyro Corrêa. SOUZA, Alcídio Mafra de. *Guia dos Bens Tombados – Paraná.* Editora Expressão e Cultura. Rio de Janeiro RJ. 1994

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o ecletismo na Europa. In: **FABRIS, Anateressa.** Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo. Editora Nobel/EDUSP. 1987.

PEIXOTO-ROCHA, Gustavo. Reflexo das Luzes na Terra do

Sol: Sobre a Teoria de Arquitetura no Brasil da Independência. Pró-Livros Editora. São Paulo SP. 2000

_____. Guia da Arquitetura Eclética do Rio de Janeiro (Introdução). Editora Casa da Palavra. Rio de Janeiro RJ. 2001.

ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. Editora Martins Fontes. São Paulo SP. 2001 2ª Edição.

SITTE, Camillo. A construção das cidades segundo seus princípios artísticos. Editora Ática. São Paulo SP. 1992.

SOUSA, Alberto. Arquitetura Neoclássica Brasileira: Um Reexame. Editora Pini. São Paulo SP. 1994

SUMMERSON, John. A linguagem clássica da arquitetura. Editora Martins Fontes. São Paulo SP. 2006

PUBLICAÇÕES

ARQUIBRASIL Arquitetura e restauro. Rua das Flores em Perspectiva: Levantamento e diagnóstico. Curitiba PR. 2006

Boletim Informativo da Casa Romário Martins nº 23 – Ano 4. O palácio do Congresso – Câmara Municipal de Curitiba. Fundação Cultural de Curitiba - FCC

Informativo da Casa Romário Martins Volume 23 nº. 113. Rua XV de Novembro. Fundação Cultural de Curitiba – FCC. 1996.

Informativo da Casa Romário Martins Volume 29 nº. 129. Um olhar para o futuro: coleção Julia Wanderley. Curitiba. Fundação Cultural de Curitiba – FCC. 2005.

ACERVO CASA VILANOVA ARTIGAS – CURITIBA PR

SUTIL, Marcelo. Arquitetour – Roteiros de arquitetura e histórica de Curitiba: “Curitiba Eclética”. Instituto G Arquitetura – Casa Vilanova Artigas. 2004

ARQUIVOS PÚBLICOS

Arquivos da Secretaria do Estado da Cultura do Paraná – SEEC

Arquivos do Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC

Arquivos da Casa da Memória

Arquivos da Fundação Cultural de Curitiba - FCC

WEBGRAFIA

Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba:
<http://www.ippuc.org.br>

Palácio Garibaldi: www.palaciogaribaldi.com.br

Secretaria do Estado e Cultura do Paraná: <http://www.seec.pr.gov.br>

Casa da Memória: www.casadamemoria.org.br

TESES E DISSERTAÇÕES

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. Ecletismo na fronteira meridional do Brasil. Tese. (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Bahia. 2007